

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA COGNITIVA

VANESSA DA SILVA SANTOS FRANÇA

A PILOTAGEM POLICIAL DE HELICÓPTEROS E OS PROCESSOS
CRIATIVOS: desafios e vicissitudes sobre a emergência do novo

Recife

2019

VANESSA DA SILVA SANTOS FRANÇA

**A PILOTAGEM POLICIAL DE HELICÓPTEROS E OS PROCESSOS
CRIATIVOS: desafios e vicissitudes sobre a emergência do novo**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia Cognitiva da Universidade Federal de Pernambuco como requisito final para obtenção do grau de Mestre em Psicologia Cognitiva.

Área de Concentração: Cultura e Cognição

Orientadora: Profa. Dra. Marina Assis Pinheiro

Recife

2019

Catálogo na fonte
Bibliotecária Valdicéa Alves Silva, CRB4-1260

F814p França, Vanessa da Silva Santos.
A pilotagem policial de helicópteros e os processos criativos : desafios e vicissitudes sobre a emergência do novo / Vanessa da Silva Santos França. – 2019.
117 f. : il. ; 30 cm.

Orientadora: Profª. Drª. Marina Assis Pinheiro.
Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Pernambuco, CFCH.
Programa de Pós-Graduação em Psicologia Cognitiva, Recife, 2019.
Inclui referências e apêndices.

1. Psicologia cognitiva. 2. Criatividade. 3. Cultura. 4. Policiais. 5. Helicópteros – Pilotagem. I. Pinheiro, Marina Assis (Orientadora). II. Título.

153 CDD (22. ed.)

UFPE (BCFCH2020-065)

VANESSA DA SILVA SANTOS FRANÇA

**A PILOTAGEM POLICIAL DE HELICÓPTEROS E OS PROCESSOS
CRIATIVOS: desafios e vicissitudes sobre a emergência do novo**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia Cognitiva da Universidade Federal de Pernambuco como requisito final para obtenção do grau de Mestre em Psicologia Cognitiva.

Aprovada em: 27/02/2019.

BANCA EXAMINADORA

Marina Assis Pinheiro – Presidenta e 1ª. Orientadora
PPG em Psicologia Cognitiva UFPE

Mônica Souza Neves Pereira – Examinadora Externa
Dep. De Psicologia Escolar e do Desenvolvimento / UnB

José Luis Ratton – Examinador Externo
Dep. De Sociologia / UFPE

Silvia Fernanda de Medeiros Maciel – Examinadora Interna
PPG em Psicologia Cognitiva UFPE

AGRADECIMENTOS

A Deus, o Maior Autor e Criador de todos os tempos por me transbordar de vida e amor, por sempre me honrar, por realizar mais este sonho do meu coração. Aos meus pais Amaro e Geralucia por me amarem antes mesmo de me conhecerem, pelo carinho, pelos conselhos, pelas orações e por estarem sempre ao meu lado. Aos meus mais que amados filhos Flávio e Felipe por serem luz na minha vida, por serem crianças que além de encher meu coração de alegria todos os dias ainda foram generosos e compreensivos com a fase de ausência da mamãe me enchendo de carinho e cafuné nos momentos de cansaço. À minha orientadora Professora Marina Assis Pinheiro pela dedicação incansável, pela confiança, pela generosidade e inspiração constantes. Sem você eu não estaria aqui. Pelo companheirismo e pela partilha de conhecimentos, dúvidas, angústias, alegrias, pipocas e biscoitos quero agradecer aos meus colegas de turma: Caio, Fabiana, Josene, Gessivânia, César, Romero, Mariana, Ingrid, Nádia e Janicleide. A todos que fazem a secretaria do PPGPC pelo apoio e pela atenção em todos os momentos. Às minhas amigas de orientação de pesquisa Jackeline e Nathália pelo incentivo, pelo companheirismo, pela torcida para que tudo sempre dê certo, pelo prazer de aprender junto com vocês. Aos professores Danilo Guimarães, José Raton e Glória Carvalho por suas contribuições e participações na banca de Qualificação. Ao comandante Bandeira, chefe do Grupamento Tático Aéreo por acolher esta pesquisa desde o primeiro momento e pelo incentivo às minhas atividades acadêmicas. A todos os integrantes do Grupamento Aéreo pela confiança e acolhimento tanto dos meus trabalhos diários como psicóloga da unidade quanto das minhas atividades de pesquisa. Agradeço em especial aos quatro guerreiros que integraram a tripulação do Falcão 01 na ocorrência estudada por honrarem diariamente o compromisso que firmaram com a sociedade pernambucana mesmo com o risco da própria vida e por se voluntariarem para participar deste estudo. Aos irmãos amigos e amigos irmãos que entenderam minhas ausências, me incentivaram e me acolheram em todos os momentos, a todos o meu muito obrigada!

“É precisamente a atividade criadora do homem que faz dele um ser projetado para o futuro.” (VYGOTSKY, 2009, p.11)

RESUMO

Esta pesquisa se propôs a investigar os processos criativos na realidade cotidiana da ação do piloto policial durante uma ocorrência de segurança pública caracterizada pelo confronto armado. Adotamos uma concepção de criatividade distribuída, relacional, histórica e cultural, repelindo os modelos teóricos que reduzem o processo criativo a variáveis intrapsicológicas e reforçam o paradigma do gênio criador. Para tal, encontramos aporte teórico nas propostas da psicologia cultural da criatividade de Glaveanu, nos trabalhos de Vygotsky e seu entendimento da criatividade como atividade humana que resulta em novidade, do criador como produto de sua época e da centralidade da linguagem neste processo, e também no dialogismo do filósofo Mikhail Bakhtin e suas alegorias filosóficas importantes como a exotopia e o excedente de visão. Tivemos por objetivo compreender como se singularizam os processos criativos na ação do piloto policial através da dinâmica semiótica-cultural da experiência desse sujeito e para tal, nos propomos a mapear na experiência desse piloto policial as alteridades que atuam na ação criativa e suas formas de integração, refutação e coordenação face ao inesperado da situação, bem como buscamos inferir como os processos criativos se singularizam em sua dimensão afetiva e cognitiva no contexto da prática da pilotagem policial de helicópteros. Adotamos a abordagem idiográfica qualitativa estruturada em quatro etapas: a escolha do registro em vídeo da ocorrência aeropolicial da unidade aérea e sua tripulação, a seleção dos trechos de vídeos e imagens utilizados nas entrevistas, a entrevista com o piloto policial de helicóptero com exibição dos vídeos e imagens selecionados e a entrevista coletiva com a tripulação com a exibição dos vídeos selecionados. A análise dos dados e as discussões se basearam em quatro eixos interpretativos: Perspectiva, ambiguidade e ambivalência, temporalidade e uso de instrumentos. Nossos dados mostraram que nos momentos de maior risco e aumento da tensão, a incerteza se faz acompanhada de uma ampliação da sensação de dilatação do tempo de duração da experiência e de uma suspensão de sentidos prévios que, ante à indeterminação do futuro, surge de um lado a perícia e do outro o conjunto de valores que balizam as decisões e as ações na emergência do novo. Nossa principal contribuição é uma proposta de estudo dos processos criativos em uma abordagem sócio-histórico-cultural de uma atividade laboral marcadamente prescrita e procedural diversa do campo das artes, em um contexto de risco e emergência.

Palavras-chave: Processo criativo. Pilotagem policial. Cultura. Risco. Emergência.

ABSTRACT

This research aimed to investigate the creative processes in the daily reality of the police pilot during a public security incident characterized by armed confrontation. We adopted a conception of distributed, relational, historical and cultural creativity, repelling the theoretical models that reduce the creative process to intrapsychological variables and reinforce the paradigm of the creative genius. To do so, we found theoretical contribution in Glaveanu's proposals of cultural psychology creativity, in the works of Vygotsky and his understanding of creativity as a human activity that results in novelty, of the creator as a product of his time, and of the language centrality in this process, as well as in the dialogism of the philosopher Mikhail Bakhtin and his important philosophical allegories such as exotopy and visual surplus. We aimed to understand how creative processes are singled out in the police pilot action through the cultural-semiotic dynamics of the experience of this person. For such, we proposed to map, in the experience of the police pilot, the alterities that act in the creative action and its forms of integration, refutation, and coordination in the face of the unexpected of a situation. We also sought to infer how creative processes become significant in their affective and cognitive dimension in the context of police helicopters pilotage practice. We adopted the the qualitative idiographic approach structured in four stages: the choice of the video record of the aeropolicial incident of the air unit and its crew, the selection of video clips and images used in the interviews, the interview with the police helicopter pilot with the exhibition of selected videos and images, and the crew collective interview with the exhibition of the selected videos. Data analysis and discussions were based on four interpretative axes: perspective, ambiguity and ambivalence, temporality and use of instruments. In the moments of higher risk and increase of tension, our data showed that uncertainty is accompanied by amplification of time dilation sensation and a suspension of previous senses. Faced with the uncertainty of the future, expertise on the one hand and the values that mark decisions and actions in the emergence of the new on the other hand arise. Our main contribution is a study proposal of creative processes in a social, historical and cultural approach of a markedly prescribed and procedural labor activity diverse from the field of art, in a context of risk and emergency.

Keywords: Creative process. Police pilotage. Culture. Risk. Emergency.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – <i>Creative Action: a perspectival model</i>	29
Quadro 1 – Resumo das fases da pesquisa.....	58
Figura 2 – Aeronave utilizada pela tripulação da pesquisa.....	63
Figura 3 – Painel da aeronave utilizada pela tripulação da pesquisa	64
Figura 4 – Disposição da tripulação dentro da cabine.....	64
Figura 5 – Sala onde aconteceram as entrevistas.....	65
Figura 6 – Situação de entrevista	66

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

Sujeito	Função desempenhada
PIC	Piloto Policial Comandante de Aeronave
SIC	Copiloto da Aeronave
OAT1	Operador Aerotático 1
OAT2	Operador Aerotático 2
B	Chefe da Unidade Aérea
PESQ	Pesquisadora

Substituições por questão de privacidade	Referência ao conteúdo das substituições
<i>"Cidade X"</i>	<i>Cidade onde ocorreu a experiência tratada nas entrevistas</i>
<i>"B"</i>	<i>Nome do Chefe da Unidade Aérea</i>

LISTA DE SÍMBOLOS

Convenções utilizadas nas transcrições

(.)	Pausa curta
(..)	Pausa média
(...)	Pausa longa
(:::)	Indica prolongações nas palavras/sílabas (sílabas alargadas)
(/)	Interrupção/sobreposição da fala por outros interlocutores
[Todos falando ao mesmo tempo
" "	Nomes modificados (entre aspas)
_____	Palavra ou sílaba sublinhada - Ênfase (entonação mais forte)
[incompreensível]	Palavra não compreendida

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	13
2	A PSICOLOGIA NO CONTEXTO DA AVIAÇÃO.....	21
3	A PSICOLOGIA DOS PROCESSOS CRIATIVOS NA PERSPECTIVA DIALÓGICA E CULTURAL-SEMIÓTICA.....	26
4	A PSICOLOGIA CULTURAL DA CRIATIVIDADE: CONTRIBUIÇÕES DE GLAVEANU.....	29
5	A ABORDAGEM DIALÓGICA DE BAKHTIN.....	34
6	CONTRIBUIÇÕES DA ABORDAGEM SÓCIO-HISTÓRICA DE VYGOTSKY PARA O ESTUDO DA CRIATIVIDADE.....	36
7	LINGUAGEM: CONTRIBUIÇÕES DE VYGOTSKY E BAKHTIN.....	39
7.1	O SUJEITO, A LINGUAGEM E A CONSCIÊNCIA EM BAKHTIN.....	40
7.2	O SUJEITO, A LINGUAGEM E A CONSCIÊNCIA EM VYGOTSKY.....	44
7.3	O DIÁLOGO ENTRE MIKHAIL BAKHTIN E LEV VYGOTSKY.....	46
8	PERSPECTIVA E CRIATIVIDADE.....	48
9	OBJETIVOS.....	51
9.1	GERAL.....	51
9.2	ESPECÍFICOS.....	51
10	MÉTODO.....	52
10.1	LOCAL.....	54
10.2	PARTICIPANTES.....	54
10.3	PARTICIPANTE DO TURNO REFLEXIVO.....	54
10.4	PROCEDIMENTOS E INSTRUMENTOS.....	55
11	ABORDAGEM ANALÍTICA.....	59
12	AMBIÊNCIA E ATMOSFERA DA PESQUISA.....	61
12.1	A CABINE DA AERONAVE.....	62
12.2	A SALA DAS ENTREVISTAS.....	65
13	A ENTREVISTA INDIVIDUAL COM O PILOTO POLICIAL COMANDANTE: O EU-PILOTO.....	67
14	A ENTREVISTA COLETIVA COM A TRIPULAÇÃO POLICIAL: O EU- TRIPULAÇÃO.....	84
15	SÍNTESE DOS EIXOS INTERPRETATIVOS EM SUA RELAÇÃO COM O DADO EMPÍRICO.....	106
	REFERÊNCIAS.....	112

APÊNDICE A – Roteiro da Entrevista Individual com o Piloto Comandante da Aeronave.....	116
APÊNDICE B – Roteiro da Entrevista Coletiva com a Tripulação.....	117

1 INTRODUÇÃO

A presente pesquisa tem como tema os processos criativos e a pilotagem policial de helicópteros e se propôs a investigar o lugar e a dinâmica da criatividade na ação do piloto policial durante uma ocorrência no âmbito da segurança pública, onde a maioria dos procedimentos é normatizada em protocolos, *check-lists*, planos de procedimentos operacionais e manuais de voo.

Antes de iniciarmos uma conceitualização mais precisa sobre o que foi tomado por processos criativos nesta pesquisa, faremos uma breve incursão no contexto que nos direcionou e nos impulsionou a melhor compreender como a criatividade se apresenta no ambiente aeronáutico com características tão específicas como é o caso da ação policial, onde destacaremos a imprevisibilidade da situação e a irreversibilidade do tempo na duração da experiência.

As constantes mudanças e evoluções sociais geraram a necessidade de uma política de segurança pública cada vez mais abrangente e de forças policiais com amplo campo de atuação. Nesse sentido, o aperfeiçoamento e evolução da atividade policial é condição indispensável à prestação de um serviço adequado à sociedade, garantindo a manutenção da ordem pública e da paz social em conformidade com o estrito cumprimento do dever legal. O uso de helicópteros nas ações policiais se consolidou como adequado e necessário em todo o mundo por proporcionar maior eficácia nas ações com diminuição do tempo de resposta às ocorrências.

A solidificação do entendimento do helicóptero como adequado ao uso policial e o reconhecimento da necessidade de utilização desta ferramenta nas ocorrências policiais fez surgir a figura do piloto policial, que exerce simultaneamente as funções de policial e aeronauta. Desta forma, durante o exercício de suas atividades esse profissional é submetido não apenas aos estímulos inerentes ao voo, tais como barulho, vibração, condições meteorológicas, informações da máquina e interação com os demais tripulantes, como também a todos os estímulos inerentes à ação policial.

No voo policial esses estímulos, perigos e riscos¹ envolvidos no uso da aeronave se somam às características das missões policiais e de salvamento, dentre as quais podemos

¹ Na aviação, perigo é definido como “uma condição ou objeto com potencial de causar lesões a pessoas, danos a equipamentos ou estruturas, perda de material, ou redução da capacidade de desempenhar uma determinada função” (ICAO, 2009, p. 62). Por outro lado, o risco é definido como a avaliação expressa em termos da estimativa da probabilidade e severidade das consequências de um perigo, considerando o pior cenário possível (ICAO, 2009, p. 78).

destacar a imprevisibilidade das situações que não estão totalmente prescritas. Assim sendo, a atividade de aviação policial impõe que os pilotos percebam as situações e as informações de modo preciso e formem julgamentos, tomem decisões e gerem ações apropriadas num espaço de tempo, em geral, muito curto.

Vale salientar que como todas as organizações que fazem uso de aeronaves, as organizações policiais também se submetem às normas e recomendações de Segurança de Voo. O termo Segurança de Voo é definido pela Organização de Aviação Civil Internacional – ICAO como sendo o "estado em que a possibilidade de lesões às pessoas ou danos à propriedade (bens) é reduzido ou mantido em um nível aceitável, ou abaixo do mesmo, por meio de um processo contínuo de identificação de perigos e gerenciamento de riscos" (ICAO, 2009, p. 2-2). Dentro de uma unidade aérea a segurança de voo busca a ausência de acidentes no emprego de aeronaves, visto que os acidentes reduzem a capacidade operacional, ceifam vidas e causam prejuízos materiais.

Dentro da doutrina de segurança de voo, o piloto policial assim como todas as pessoas envolvidas direta ou indiretamente nas operações aéreas, seja tripulante (que trabalha embarcado) ou não, está inserido no que chamamos Fatores Humanos. Para a ICAO (2003), o conceito de Fator Humano refere-se ao estudo das capacidades e das limitações humanas oferecidas pelo local de trabalho. Ou seja, é o estudo da interação humana em suas situações de trabalho e de vida: entre as pessoas e as máquinas e equipamentos utilizados, os procedimentos escritos e verbais, as regras que devem ser seguidas, as condições ambientais ao seu redor e as interações com as outras pessoas.

Ainda segundo a ICAO, o elemento humano é “a parte mais flexível, adaptável e valiosa dentro do sistema aeronáutico, mas é também a que está mais vulnerável às influências externas que poderão vir a afetar negativamente o seu desempenho” (ICAO, 2003, p.1). Do ponto de vista dos Fatores Humanos, não existe a possibilidade de uma operação livre de erros humanos.

Entendemos que o exercício da atividade de pilotagem policial é marcado pela imprevisibilidade e pela irreversibilidade do tempo e eleva os níveis de estresse fisiológico e emocional, bem como amplia a possibilidade de acontecimento do erro humano. Sobre isto, Helmreich (1998) diz:

Dado o fato de que seres humanos operem sistemas complexos, erros ocorrerão e que, em situações de estresse e/ou sobrecarga de trabalho (ou trabalho monótono, ou subcarga), a probabilidade de ocorrência de erro pode ser ainda maior. (HELMREICH, 1998, p. 1).

A maioria dos estudos de fatores humanos na aviação brasileira e mundial ainda utilizam predominantemente as metáforas computacionais, tais como sistemas de memória, mecanismos emocionais e processamento de informações, tratando a ação humana como uma categoria de sistemas fechados, própria ao binarismo de sistemas computacionais. Porém, para fins desta pesquisa, entendemos que a condição humana implica um espectro muito mais amplo, a partir da realidade cotidiana material, concreta e subjetiva da experiência.

Assim, passamos a expor a noção de criatividade adotada por este estudo a partir do teórico Glaveanu (2015), para quem a criatividade está inserida e é construída e tem consequências no contexto social. Envolve necessariamente o eu, o outro, as relações simbólicas, materiais, passadas, presentes e futuras que a transformam numa realidade social, corporificada e temporal. Poderíamos dizer que isto ocorre com qualquer processo implicado nas funções psicológicas superiores conforme propõe a perspectiva vygotskyana (VYGOTSKY, 2009). Desta forma, neste estudo compreendemos a criatividade como processo psicológico que envolve não só o reconhecimento por parte da outridade social, como também um trabalho do sujeito que perspectiva o outro e assim reconstrói o curso de sua ação no mundo.

Para uma melhor compreensão do processo criativo com base na psicologia cultural semiótica havemos de considerar as noções de diferença e perspectiva. A diferenciação entre pessoa e mundo e os processos de mediação e reconstrução dessa diferença proporcionam a transição de uma compreensão egocêntrica para uma compreensão multiperspectivada do eu e do outro (GLAVEANU, 2015). Neste sentido, a função simbólica, além de essencial para o desenvolvimento de funções psicológicas superiores, torna a ação humana mais flexível e potencialmente criativa por quebrar o circuito direto entre estímulo e resposta, possibilitando uma experiência de mundo acima e além das estimulações imediatas do ambiente, através de construções simbólicas como memórias passadas e antecipações do futuro (VALSINER, 2007).

Foi neste contexto que esta pesquisa se propôs a estudar processos criativos na realidade cotidiana da ação do piloto policial durante uma ocorrência de segurança pública caracterizada pelo confronto armado, entendendo que a ação criativa é parte da vida das pessoas e suas atividades. Para este estudo, tomaremos como base a concepção de criatividade adotada por Glaveanu, o qual compreende que:

O processo criativo é conceituado como uma forma de ação pela qual os atores, materialmente e / ou simbolicamente, sozinhos e / ou em colaboração com outros, movimentam-se entre diferentes posições (audiências) e, neste processo

constroem imaginativamente novas perspectivas sobre o seu curso de ação proporcionando maior flexibilidade e o surgimento da novidade. (GLAVEANU, 2015, p. 1).

Partimos da compreensão do processo criativo como processo cognitivo, psicológico e social que se dá através das ações do sujeito na relação sujeito e mundo, sujeito e contexto, eu e outro. Desta forma, entendemos o processo criativo como necessariamente dialógico, social, histórico, cultural, intersubjetivo e dotado de aspectos cognitivos e afetivos. A nossa unidade de análise se compõe das negociações de significações do sujeito na reconstrução da sua experiência, isto porque entendemos que este sujeito perspectiva a sua própria ação significando-a ao tornar-se audiência de si mesmo nesta reconstrução. Para fins deste estudo, tomamos por experiência reconstrutiva o ato de o sujeito reelaborar uma situação que viveu. Assim, nesta experiência de reconstrução proporcionada neste estudo pelo momento de entrevista, o sujeito tenta acessar dimensões que participaram da situação anteriormente vivida.

Para o nosso estudo o conceito de perspectivação é condição indispensável e consiste na capacidade de mover-se entre as posições alteritárias diferenciadas integrando-as e coordenando-as na criação do novo (GLAVEANU, 2015). Este conceito será aprofundado no corpo da pesquisa, bem as suas relações e diferenciações quanto ao conceito de posição, que por sua vez é inexorável enquanto lugar do sujeito no mundo.

As ideias de Glaveanu (2009, 2012, 2015) têm clara inspiração também em Bakhtin (1895-1975) filósofo e pensador russo que fundamentou sua teoria na natureza social e dialógica da linguagem como instrumento de mediação entre o homem e outros homens e o homem e a natureza. Assim, Glaveanu nos fornece uma mediação teórica necessária com a base ontológica e linguística do dialogismo bakhtiniano, pois, apesar de não possuir uma teoria psicológica, Bakhtin nos traz uma concepção de linguagem que é no mínimo diferente das comumente empregadas pelas teorias psicológicas.

Assim, o referencial dialógico bakhtiniano é muito importante para esta pesquisa, pois Bakhtin estava buscando responder à questão sobre como se dá o processo criativo através de sua reflexão como crítico literário. Para Bakhtin, “compreender um signo é aproximar o signo aprendido de outros já conhecidos, sendo a compreensão uma resposta a um signo por meio de signos, uma cadeia semiótica de criatividade e compreensão ideológica única e contínua” (CORRÊA E RIBEIRO, 2012, p. 333).

Vale salientar que o fenômeno em estudo nos inspira a melhor conhecer como o piloto policial se orienta no curso de sua ação para representar e refratar a realidade da

experiência durante a ocorrência policial, a fim de revelar a dimensão criativa e inovadora na prática desse sujeito, numa situação que requer elevado grau de perícia por parte do mesmo, mas que ao mesmo tempo amplia a possibilidade do surgimento de respostas subjetivas e afetivas.

Daí a importância de outro conceito chave que será apresentado ao longo da em nossa pesquisa: o conceito de refração. Para o Círculo de Bakhtin, os signos refletem e refratam o mundo, sendo assim a refração uma condição indispensável no processo de significação. Isto porque as significações não estão no signo em si, mas são construídas histórica e dinamicamente e são marcadas pelos valores, experiências e contradições dos sujeitos (FARACO, 2009). Assim, a refração é a dimensão psicológica que singulariza o processo de significação de acordo com o contexto e com a posição que o sujeito ocupa no mundo.

Bakhtin (1895-1975) dá ênfase ao que é transformado, construído, reinterpretado a partir da linguagem em seu acontecimento concreto, em sua apropriação como signo, em dado momento histórico-cultural, como compartilhado por Lev Vygotsky (1896-1934), que por sua vez, não tinha uma teoria formada da linguagem e não era um semiótico. Isto porque entendemos que Vygotsky em seus estudos dá claros sinais de que reconhece a centralidade do papel da linguagem para as funções psicológicas superiores e inerentemente humanas, porém, em uma perspectiva mais linguística, não nos parece possível reconhecer em suas proposições uma única teoria da linguagem, soando por vezes representacionista, noutras pragmatista, e ainda em outras, funcionalista.

Partindo desta convergência teórica entre Bakhtin (2011) e Vygotsky (2009)², este estudo abordou a compreensão vygotskyana de criatividade como fenômeno existente no cotidiano e não apenas em grandes obras históricas e onde cada criador é um produto de seu tempo e de seu ambiente (VYGOTSKY, 2009, p. 13). Nesta concepção os elementos culturais são a substância do ato criativo. Assim, para Vygotsky a capacidade criativa ou capacidade de criar novas objetivações é elemento essencial para o processo de transformação da realidade e do próprio homem.

Baseados nas construções teóricas aqui apresentadas, e considerando que tanto a cultura policial quanto a cultura aeronáutica são altamente prescritivas, partimos em busca

² Ao partimos desta convergência entre Bakhtin e Vygotsky não ignoramos que os dois autores têm objetivos e caminhos teóricos diferentes, sendo o primeiro um filósofo linguista e crítico literário que se interessava pelos processos envolvidos na criação de personagens da literatura e o segundo o psicólogo interessado nas funções psicológicas superiores inerentemente humanas.

de responder a seguinte questão de pesquisa: Como se singularizam os processos criativos em sua dimensão cognitiva e afetiva no contexto da prática da pilotagem policial?

Ou seja, como falar em processos criativos em um contexto predominantemente prescritivo onde a criatividade, quando existe, é geralmente vista como relacionada ao improvisado, como fator de erro ou mesmo como uma excepcionalidade?

Outras questões que nos surgiram nos caminhos percorridos ao longo desta pesquisa foram: Onde e como podemos identificar a criatividade tal qual a noção adotada neste estudo? Tudo é criativo, então? Para abordar tais questões, entendemos que existem três registros importantes para fins deste estudo, sendo o primeiro, em nível ontológico, a exotopia, o segundo registro é a perspectiva situada no campo da teorização da psicologia cultural e o terceiro é o processo de refração da realidade pelos sujeitos no contexto de análise da pesquisa.

Em termos de concepção do sujeito, entendemos que toda ação humana é criativa e única, uma vez que esta não está no campo do automatismo instintivo. Do ponto de vista de uma ontologia dialógica, toda ação humana é marcada pela unicidade do agente em resposta a um outro na irreversibilidade do tempo. Do ponto de vista teórico, adotamos para fins desta pesquisa a noção de criatividade habitual proposta por Glaveanu (2012) em seu artigo “Habitual Creativity: Revising Habit, Reconceptualizing Creativity” que propõe uma reconceitualização da criatividade para além da dicotomia antagonizante entre o hábito, associado ao comportamento reflexo automático e a criatividade, caracterizada por propósitos heurísticos.

Desta forma, propomos ao longo deste trabalho uma nova concepção de criatividade e de hábito que não os situam como opostos, mas sim como componentes concomitantes da ação. Entendemos o hábito como um sistema social situado e aberto a mudanças e aperfeiçoamentos. Isto porque a repetição ou o elevado grau de automatização de um hábito pode variar de acordo com o seu grau de especificidade, porém nunca atingindo um nível absoluto de rotina sem sentido e sem criatividade, pois isso o desqualificaria enquanto hábito (GLAVEANU, 2012). Assim, mesmo nas atividades que são dotadas de diversos procedimentos prescritos a serem seguidos, como é o caso da atividade do piloto policial, uma ação nunca será idêntica ao que está descrito no manual e nem a nenhuma outra que o sujeito já tenha realizado.

Apesar de a psicologia cultural ter uma proposta holística dotada de uma teoria psicodinâmica que aborda a gênese afetiva do signo e de entendermos que o que acessamos está no campo daquilo que o sujeito diz, a questão da afetividade se apresentou como um

desafio desta pesquisa e como um aspecto a ser inferido e melhor estudado à luz de um escopo de pesquisa com maior ênfase na gênese afetiva da significação. No presente estudo, apesar de reconhecermos a afetividade como inerente à atividade criativa, não nos foi possível situá-la de forma mais verticalizada e menos axiomática no recorte possível para a presente pesquisa.

Para efeito desta pesquisa tomamos por afetividade a dimensão própria às intensidades singularizantes e subversoras dos enunciados, ao universo daquilo que parece resistir por vezes ao esforço de simbolização verbal, mas que ao mesmo tempo participa dos valores, juízos, impasses e ambivalências interpretadas / inferidas na fala do sujeito. Verificamos ao longo desta pesquisa que a afetividade se fez fortemente presente na reconstrução da experiência vivida pelos sujeitos na forma de vetores valorativos que balizaram as suas ações e as tomadas de decisões.

Procuramos compreender de que forma os processos criativos se mostraram presentes na atividade de pilotagem policial notadamente marcada pela imprevisibilidade da situação, pelo endereçamento social da ação, pela irreversibilidade do tempo na duração da experiência e pela contradição entre o risco e a preservação da própria vida. Isto porque, como já apontamos quando nos referimos ao hábito e sua relação com a criatividade, dada a irreversibilidade do tempo e a singularidade do contexto, ainda que existam diversos procedimentos prescritos a serem seguidos, a ação do piloto policial nunca será idêntica ao que está descrito no manual e nem a nenhuma outra que ele realizou antes.

Desta forma, ao piloto policial é possível recorrer a um repertório anterior ou ainda se deslocar para prospectar o futuro a fim de avaliar a melhor decisão ou linha de ação a ser adotada, momento este que se mostrou propício em nossa situação de pesquisa para reconhecer o ato criativo.

Salientamos a singularidade desta pesquisa ao buscar melhor compreender a ação criativa do piloto policial numa dimensão cultural cognitiva e afetiva, entendendo o processo criativo como sendo inerente à ação humana e calcado na dialogicidade, pois, no Brasil e em grande parte do mundo os estudos psicológicos dos processos cognitivos na aviação são de ordem clínica, psicométrica e comportamental.

Sua relevância se dá pela constatação de que as ocorrências aéreas policiais, além de apresentarem certo grau de ambiguidade para o piloto policial (preservar a vida em conformidade com as regras de segurança da aviação e cumprir a missão mesmo com o risco da própria vida conforme o juramento policial), este sujeito é elemento determinante

para o sucesso das operações policiais, para a prevenção de acidentes e para a preservação da vida

2 A PSICOLOGIA NO CONTEXTO DA AVIAÇÃO

Nesta seção pretendemos apresentar um panorama geral do surgimento e desenvolvimento da Psicologia no contexto da aviação para melhor situar o leitor sobre este contexto que dialoga diretamente com o nosso estudo. Assim, pretendemos apresentar brevemente o contexto da psicologia da aviação e a sua compreensão tradicional da criatividade que a reconhece como um processo de gênese individual e marcadamente avesso, marginal e desnecessário à atividade de pilotagem. Em seguida, abordaremos as possíveis contribuições do nosso estudo para esta área.

A aviação surgiu na história da humanidade como um grande desafio de superação de limitações diversas tais como: a) as de ordem instrumental que ainda engatinhava no conhecimento das tecnologias que tornavam o voo possível, b) as fisiológicas de um indivíduo que não foi biologicamente constituído para voar e; c) as limitações impostas pela natureza, tais como a altitude, a velocidade, a distância, o vento e a própria força da gravidade que tornam o ambiente aéreo ao mesmo tempo fascinante e hostil ao ser humano.

Ribeiro (2009) ressalta que desde o voo do primeiro mais pesado que o ar, o 14 Bis, em outubro de 1906, diferentes áreas do conhecimento humano contribuíram e vêm contribuindo para a evolução da aviação no mundo. A autora refere ainda que essas contribuições não são apenas de caráter tecnológico, mas são também, e principalmente, relacionadas à compreensão e adequação das limitações e capacidades humanas para lidar com as exigências que o ambiente aéreo impõe.

O intenso desenvolvimento tecnológico da aviação moderna e os processos de automação das aeronaves e sistemas de controle não conseguiram dispensar a atuação do homem e nem negligenciar a importância deste, visto que as capacidades de criar, de gerenciar e de tomar decisões fazem do homem o elemento-chave de qualquer atividade e no sistema aeronáutico composto pelo homem, pelo meio e pela máquina, não poderia ser diferente (MOREIRA, 2001).

A psicologia da aviação ou psicologia aeronáutica consiste num ramo de aplicação da Psicologia que estuda e desenvolve seus trabalhos sobre o ser humano e suas capacidades e limitações nos sistemas de aviação. Para isso, se utiliza dos conhecimentos das várias vertentes da Psicologia, tais como a clínica, a comportamental, a cognitiva, a social e a organizacional.

A definição apresentada no XV Simpósio Internacional em Psicologia da Aviação, ocorrido no ano de 2009 em Ohio, define a psicologia de aviação como um campo de

estudo relativo ao papel do operador humano inserido nos sistemas da aviação (RIBEIRO, 2009).

No Brasil, a psicologia da aviação é uma área de atuação que conta com a presença de muitos profissionais psicólogos, embora não seja amplamente divulgada dentro da categoria e dos centros acadêmicos e ainda não seja reconhecida pelo Conselho Federal de Psicologia como uma especialidade. Os primeiros registros de atuação da psicologia da aviação no mundo datam dos anos 40 durante a II Grande Guerra, onde os psicólogos selecionavam pilotos, mecânicos, navegadores e bombardeiros.

Existiam outras necessidades na segunda grande guerra como a seleção e treinamento em grande quantidade, principalmente, de pilotos, mecânicos, controladores, entre outros operadores da linha de frente. O cumprimento das missões com êxito dependia das habilidades das tripulações que precisavam desempenhar suas tarefas em um ambiente marcado pelo perigo e hostilidade extremos. Vários foram os trabalhos e programas de pesquisa que buscavam melhor compreender os processos cognitivos e psicotores que envolviam a aprendizagem e o treinamento das habilidades necessárias ao bom desempenho nas missões (RIBEIRO, 2009).

O surgimento da psicologia da aviação também foi impulsionado por uma pesquisa desenvolvida na Universidade de Maryland, em 1939, por Alexander Coxe Williams, piloto que serviu na II Guerra Mundial e criou o Laboratório de Psicologia da Aviação na Universidade de Illinois. Com a morte de Williams em 1962, o Laboratório de Psicologia da aviação por ele criado deixou de existir, mas por seu pioneirismo e por suas pesquisas em treinamentos de pilotos e fatores humanos, Alexander Coxe Williams é considerado o Pai da Psicologia da Aviação (MOREIRA, 2001).

Embora tenha dado seus primeiros passos em centros universitários, foi nos centros militares que a psicologia da aviação se firmou e se desenvolveu a fim de atender necessidades da aviação militar. No Brasil, os primeiros trabalhos nessa área surgiram nos anos 60 com a criação do Instituto de Seleção e Orientação, órgão responsável pela parte de seleção de pessoal da Força Aérea Brasileira (FAB), sendo o foco dos primeiros psicólogos que trabalhavam na área a seleção de pessoal. No ano de 1981 foi inaugurado o Serviço de Seleção e Orientação da Aeronáutica (ISO), que em 1988 deu lugar ao Instituto de Psicologia da Aeronáutica (IPA), responsável pela organização da Psicologia dentro da aviação militar.

A psicologia da aviação se intensificou no Brasil no início da década de 1980, quando foi criado na FAB o Corpo Feminino de Oficiais e as mulheres passaram a fazer

parte da vida militar. Assim, coordenados pelo IPA, os psicólogos e as psicólogas da Força Aérea passaram a atuar nas escolas de formação, nas áreas clínica e organizacional e, principalmente, na prevenção e investigação de acidentes aéreos. A psicologia da aviação também se inseriu e se consolidou tanto na Marinha do Brasil (MB) quanto no Exército Brasileiro (EB). Ambas as forças possuem grupos de voo especializados e psicólogos atuando na área.

Atualmente, é possível encontrar psicólogos atuando em diferentes setores da aviação, dentre os quais podemos citar as empresas aéreas, os cursos de ciências aeronáuticas, as escolas de aviação, a indústria aeronáutica, o controle de tráfego aéreo, entre outros. Vale salientar que a atuação dos psicólogos da aviação está sempre intimamente ligada às questões de segurança das operações aéreas.

Ocorre que até meados dos anos 70 os estudos da psicologia da aviação no mundo, principalmente Estados Unidos e Europa, ainda tinham seu foco nos comportamentos e nos processos cognitivos do indivíduo isolado, essencialmente o piloto, não levando em conta o ambiente no qual esses comportamentos e cognições se davam.

Por volta dos anos 80 foram identificados acidentes que apresentavam problemas na coordenação entre os componentes da tripulação que se mostravam como fatores que contribuíam para a ocorrência de tais sinistros. Assim, os conhecimentos da Psicologia Social contribuíram para o desenvolvimento de metodologias e tecnologias para treinamentos voltados à melhoria das relações entre os membros de uma tripulação enquanto grupo.

O enfoque social da psicologia da aviação ganhou forças com o surgimento dos primeiros treinamentos em gerenciamento de recursos da tripulação denominados Cockpit Resource Management – CRM, fruto de recomendação do National Transportation Safety Board (NTSB, 1979) sobre o acidente da United Airlines, ocorrido em 1978. Neste acidente, foram indicadas falhas no gerenciamento de informações por parte do comandante, ao não aceitar o assessoramento dos tripulantes mais novos, e, também, do engenheiro de voo, pela falta de assertividade em fazer suas orientações serem ouvidas, como fatores contribuintes para o acidente (RIBEIRO, 2009).

Assim, a Psicologia Social vem a contribuir com a psicologia da aviação a partir da constatação de que o comportamento humano, e, conseqüentemente o erro humano, não acontecem num “vaccum social” e assim sendo, o foco das pesquisas e treinamentos deveria ser ampliado do indivíduo para toda a organização.

Um marco dessa ampliação de foco da psicologia de aviação é a investigação do acidente do voo 1363 ocorrido no final da década de 80, na cidade de Dryden – Ontário / Canadá, onde, apesar de estar claro aos peritos da época que uma tomada de decisão errada dos pilotos causara o acidente, a investigação assumiu um enfoque sistemático e organizacional a fim de identificar fatores do sistema e da organização que poderiam ter contribuído para que os pilotos tomassem a decisão errada (RIBEIRO, 2009). Mauriño (1994) ressalta que o relatório final do acidente do voo 1363 do Canadá é um exercício prático de aplicação dos conceitos da Psicologia Organizacional e da Social. A partir de então os estudos na área trouxeram propostas de abordagens envolvendo temas relacionados à cultura organizacional e sua influência no comportamento individual e na forma de ver e tratar a segurança nas operações aéreas.

Ao reconhecer a criatividade como um fenômeno inerente ao cotidiano, distribuído, mas também psicológico, social, material, temporal e cultural de fundamental importância para o crescimento pessoal e coletivo do ser humano e as abordagens psicológicas culturais da criatividade podem vir a contribuir com a psicologia no contexto da aviação através de suas posições teóricas de base sociocultural que proporcionam novas posições e formas de compreensão do sujeito inserido nos sistemas de aviação.

Desta forma, entendemos que o desenvolvimento da psicologia da aviação com a consequente ampliação do foco do indivíduo isolado e para a organização da qual esse indivíduo faz parte com as contribuições da psicologia social e organizacional foi muito importante na compreensão do indivíduo inserido em grupos. Entretanto, a concepção de sujeito e os estudos desenvolvidos neste contexto ainda são predominantemente mecanicistas, psicométricos, comportamentais. Na psicologia da aviação cultura é fator que influencia o sujeito, enquanto na psicologia cultural o sujeito se constitui na cultura.

Falando especificamente da criatividade, não verificamos muito interesse dos pesquisadores da psicologia da aviação neste processo que aparece como marginal em relação a outros processos cognitivos considerados mais centrais como memória, atenção, julgamento e tomada de decisão, por exemplo, que são amplamente estudados no contexto da aviação.

Além de ser um processo cognitivo praticamente ignorado na psicologia da aviação, a noção de criatividade dominante nesta área é a noção tradicional que caracteriza este processo como individual, antagônico às atividades habituais.

Esta visão da criatividade baseada no indivíduo e calcada no paradigma do gênio criativo onde as pessoas têm ou não criatividade pode ser a explicação para que os

processos criativos sejam vistos como desnecessários e até indesejáveis a pilotos e tripulantes que precisam seguir manuais e checklists e adotar procedimentos detalhadamente escritos e padronizados. Predomina na psicologia da aviação e também no senso comum o entendimento de que o homem no ambiente da aviação, geralmente referido como elemento humano do sistema, não precisa e nem deve ser criativo, visto que a criatividade é entendida como transgressão ou desvio do que está prescrito. Neste entendimento, a criatividade é para gênios e artistas, não para aeronautas.

Desta forma, este estudo pode vir a contribuir com a psicologia da aviação através de novas concepções desse sujeito que se constitui imerso na cultura, dos processos cognitivos, em especial a criatividade, como sendo um processo essencialmente dialógico, social, histórico, cultural, intersubjetivo e dotado de aspectos afetivos e cognitivos. Estas novas concepções implicariam inclusive em uma reflexão acerca do lugar e do papel do erro humano na aviação.

3 A PSICOLOGIA DOS PROCESSOS CRIATIVOS NA PERSPECTIVA DIALÓGICA E CULTURAL-SEMIÓTICA

A psicologia cultural em suas várias vertentes compreende a cultura como parte da organização sistêmica das funções psicológicas humanas. Assim, a cultura assume a forma da construção e do uso de signos para transformar o contexto aqui-e-agora do ser humano (VALSINER, 2012).

A partir deste entendimento, a psicologia cultural se propõe a “investigar o processo de construção e uso de signos e seus resultados que envolvem novidade” (VALSINER, 2012, p. 65), daí o surgimento de um novo entendimento, artefato ou ação, que não existiam antes da criação de nova compreensão constitui uma criação por meio de um signo.

Sampson (2000) destaca que um número cada vez maior de estudos da psicologia cultural vem demonstrando a determinação essencialmente cultural e histórica dos processos psicológicos. Entre as várias inovações trazidas por esta abordagem, vale enfatizar que a psicologia cultural tira a Psicologia de seu isolamento teórico e disciplinar, que tradicionalmente a confinava em um compartimento acadêmico muito estreito.

O posicionamento teórico-metodológico adotado pelo cientificismo do século XIX implicou na rejeição de qualquer noção de subjetividade e até mesmo da ideia do psicológico enquanto campo das atividades da psique. Assim, as fontes de inspiração para estudos psicológicos se originavam em campos baseados no mecanicismo ou no formalismo reducionista. A consequência disso foi subtrair do ser humano uma de suas características essenciais: ser um ser de linguagem. Ou seja, foi retirado do campo da psicologia que o homem é, acima de tudo, um gerador e transmissor de significados (SAMPSON, 2000).

Em seu empreendimento de fabricar sentidos, as pessoas constroem significados e para tal utilizam sua história de construção de signos sob orientação de outros seres humanos coletivamente orientados por diferentes instituições sociais e assim, ao viverem suas vidas, são agentes semióticos ativos (VALSINER, 2012).

Valsiner (1998) refere que para a psicologia cultural, a cultura enquanto parte da organização psicológica de toda pessoa é ferramenta primária para o viver humano e, conseqüentemente, a personalidade humana é um sistema integrado de mediadores semióticos em vários níveis.

Partindo desses entendimentos, a psicologia cultural se preocupa com o lado pessoal das experiências vividas pelo sujeito dentro da cultura, conforme os próprios sentimentos e pensamentos. E, sendo a cultura parte do sistema psicológico da pessoa, é a participação social que fornece material para esse sistema psicológico dentro do qual a cultura está situada. Portanto, a linguagem utilizada para interagir e comunicar dentro de uma sociedade é uma ferramenta semiótica no sistema intrapsicológico que orienta os modos pelos quais a pessoa pensa, sente e articula sua fala (VALSINER, 2012).

Sampson (2000) aponta que a evolução cultural é capaz de substituir a evolução biológica e até eliminar restrições orgânicas seletivas, pois as invenções tecnológicas dotaram o ser humano de próteses que superam em muito as restrições que a fisiologia impõe. Podemos ilustrar esta afirmação com o exemplo das aeronaves que servem como próteses, ferramentas que propiciam o voo ao ser humano que fisiologicamente, sem as invenções tecnológicas, não poderia voar.

Ocorre que as invenções tecnológicas eminentemente culturais não podem ser consideradas como sem efeito na dimensão psicológica. Assim, podemos entender que o conhecimento nunca pode ser pensado como algo que caiba e seja confinado em um espaço físico, ainda que esse espaço seja o cérebro. O conhecimento é sempre distribuído em uma temporalidade e um contexto (SAMPSON, 2000).

Vygotsky (2003, 2009), ao discorrer sobre o suporte biológico das funções psicológicas, se refere ao cérebro humano como um sistema dinâmico e aberto a mudanças e que é reconstruído a partir das redes de significados tecidos ao longo da história da espécie humana e do desenvolvimento individual simultaneamente. Assim, o autor entende que a espécie e o indivíduo se constituem no social, no compartilhamento da cultura e da história.

Desde os anos 60, o conceito de Zona de Desenvolvimento Proximal (ZDP) é reconhecidamente importante, principalmente entre os pesquisadores da teoria psicológica da aprendizagem. Porém, somente recentemente se começou a reconhecer que “o coração da teoria histórico-cultural de Vygotsky é a concepção da peculiar organização semiótica de todas as formas propriamente humanas da psique” (SAMPSON, 2000, p. 4).

Sobre a capacidade humana de criar e usar recursos semióticos, Valsiner (2012) refere que o ser humano, ao refletir sobre o contexto do qual faz parte, realiza uma reflexão que é ao mesmo tempo cognitiva e afetiva, permitindo que o sistema psicológico considere contextos do passado, imagine contextos futuros e adote a perspectiva de outras pessoas

(sob a forma de empatia). É justamente esse distanciamento que torna possível que uma pessoa considere outro contexto que não o disponível aqui-e-agora.

As abordagens psicológicas culturais compreendem a criatividade como sendo um processo colaborativo que ocorre nas interações sociais em seus diversos contextos, é dotado de materialidade por depender de uma interação dinâmica de objetos, lugares e instituições, além de ser também um processo simbólico, desenvolvimental e inerente à vida cotidiana das pessoas (GLAVEANU, 2010).

Considerando que a psicologia cultural procura lidar com fenômenos psicológicos inerentemente humanos e que se desenvolvem somente porque os sujeitos estão imersos em contextos culturais (NEVES-PEREIRA & BRANCO, 2015), os elementos da cultura estarão sempre atuantes durante o desenvolvimento do sujeito.

4 A PSICOLOGIA CULTURAL DA CRIATIVIDADE: CONTRIBUIÇÕES DE GLAVEANU

Em seu artigo *Creativity as a sociocultural act*, Glaveanu (2015), baseado nos avanços dos estudos da psicologia cultural e inspirado na teoria social de George Herbert Mead (1863-1931), concebe a criatividade como uma forma de ação pela qual o sujeito se movimenta entre diferentes posições, onde ele ora é criador/autor e ora audiência/público de sua própria criação, num processo de tomada de perspectiva que proporciona maior flexibilidade e emergência do novo (GLAVEANU, 2015).

A principal contribuição de Mead (1962) para as ideias apresentadas por Glaveanu (2015) parece ter sido o conceito de *role-taking*, um processo social onde a formação do símbolo significantes e o consequente compartilhamento de significados acontecem a partir da adoção da atitude ou do papel do outro (ABIB, 2005). Isto permitiria ao sujeito uma atitude reflexiva do seu próprio ato e uma antecipação da resposta do outro a este ato. Para Mead, o que caracteriza o complexo comportamento humano é o pensamento reflexivo: “Continuamente interpretamos o que vemos como algo que representa um futuro comportamento” (MEAD, 1936 citado em GARRIDO & ÁLVARO, 2017, p. 82). Estes conceitos se mostram bem presentes nas ideias apresentadas por Glaveanu (2015), como observaremos ao longo do estudo.

A concepção de criatividade, que é distribuída, relacional e de desenvolvimento repele os modelos que reduzem o processo criativo a variáveis intrapsicológicas e destaca o eu – outras relações simbólicas – materiais – passadas – presentes – futuras que transformam a ação criativa em uma realidade social dentro de uma temporalidade. Fazendo oposição aos paradigmas de criatividade baseados exclusivamente no indivíduo, Glaveanu promove uma ampliação conceitual que coloca a interação social, a comunicação e a colaboração em lugar de destaque para a compreensão dos fenômenos criativos (GLAVEANU, 2014).

Esta ampliação conceitual proposta por Glaveanu nos conduz para entendimento da criatividade como sendo calcada nos paradigmas da psicologia cultural que concebe o ato criativo como sendo fundamentalmente relacional e intersubjetivo. O reconhecimento da

³ Para Mead (1962), o símbolo significante é um gesto social da comunicação evoluída que tem a capacidade de evocar no indivíduo que o faz a mesma resposta que evoca em outro indivíduo, enquanto o signo é um gesto social da comunicação primitiva que não evoca no indivíduo que o faz a mesma resposta que evoca em outro. O símbolo significante permite ao indivíduo um pensamento reflexivo e uma capacidade de regular o próprio ato em função de uma previsão do ato do outro.

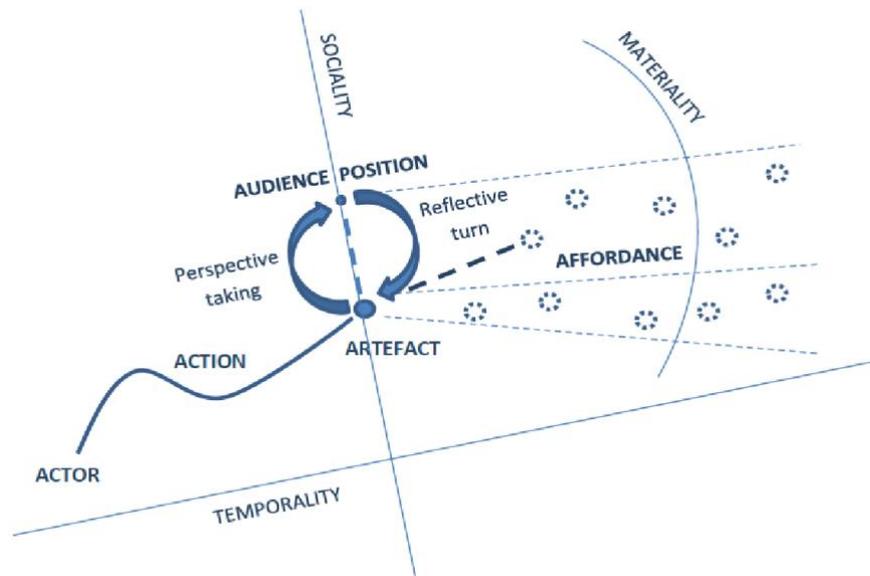
interdependência entre o eu e o outro no ato criativo é o ponto de partida da psicologia cultural da criatividade. Consequentemente, a psicologia cultural se debruça sobre a ação mediada no contexto, sobre a origem sociocultural das funções psicológicas através da investigação dos acontecimentos da vida cotidiana (GLAVEANU, 2014).

A fim de melhor compreender a psicologia cultural a partir de uma perspectiva que investiga de forma holística a dinâmica da interação entre indivíduo e cultura através da mediação simbólica, se faz necessária uma compreensão específica de cultura descrita como uma teia de significados e não apenas um contexto. Os significados são preservados e transmitidos às novas gerações oferecendo certo grau de estabilidade ao nosso mundo simbólico. Porém, ao mesmo tempo esses significados estão abertos à mudança, elaboração e transformação através de processos coletivos de ação e comunicação (GLAVEANU, 2014).

Diante das complexidades da criatividade compreendida enquanto processo psicossócio-material, Glaveanu propõe não apenas uma mudança de paradigma, mas também uma mudança de terminologia para a reescrita da linguagem clássica da disciplina partido do quadro pessoa – processo – produto – pressão (social) para a estrutura que compreende ator (dinâmico e inter-relacionado) – audiência – ação – artefato – affordance.

Essa estrutura de 5 A's transcende a simples ideia de organização conceitual e deve ser compreendida em seu desdobramento dinâmico ao longo do tempo na ação criativa (GLAVEANU, 2015). Como demonstrado na figura 1, no modelo proposto por Glaveanu, a socialidade, a materialidade e a temporalidade estão no cerne de todas as formas de expressão criativa (IBID).

Figura 1 – Creative Action: a perspectival model



Fonte: Glaveanu, 2015.

Assim, entendemos que criatividade é inerente à ação humana porque esta está inscrita num horizonte de possibilidades e assim sendo, na maioria das situações de vida, o ser humano se encontra diante de um futuro perspectivado, ou seja, relativamente previsível em termos das coisas por ele feitas e do modo como ele interage com o outro e com o objeto.

Glaveanu propõe que existe sempre uma posição externa ao ator criativo (audiência):

Eu proponho que é precisamente porque há sempre uma posição exterior ao ator criativo (o de uma audiência) que somos capazes de imaginar e buscar novos caminhos de ação propiciados pelo nosso ambiente. (GLAVEANU, 2015, p.4, tradução nossa).

Desta forma, entendemos que o ambiente humano é um ambiente cultural no sentido de um ambiente de construção de sentidos. E nesta passagem, ao propor que a posição externa ao ator criativo permite imaginar e buscar novos caminhos de ação propiciados pelo ambiente, Glaveanu (2015) nos remete às affordances deste ambiente que são determinadas pela forma como o sujeito percebe o ambiente e gera uma ação e isto já é um processo de significação. Assim, adotamos o posicionamento teórico de que as affordances humanas só existem porque somos sujeitos produtores de significados.

A partir daí passamos a explorar a noção de perspectiva que é introduzida por Glaveanu (2015) a partir da constatação da importância das construções simbólicas na quebra do circuito direto entre estímulo e resposta e na perspectivização do futuro.

Neste sentido, os meios simbólicos regulam o nosso engajamento e experiência do mundo (VALSINER, 2000) para além dos estímulos imediatos do ambiente, expandindo nossa experiência proximal do mundo por meio de experiências distais inacessíveis à percepção, tais como o mundo do passado, o futuro, significados generalizados e outros.

É neste contexto que surgem três tipos de diferenças extremamente importantes para a expressão criativa: a diferença entre eu e outro, entre símbolos e objetos, e entre passado, presente e futuro (GLAVEANU, 2015). Essas diferenças, apesar de importantes, não são suficientes para que haja criatividade, pois a ação criativa não acontece por ocasião da percepção dessas diferenças entre posições (eu-outro, símbolo-objeto, passado-presente-futuro), mas sim pela capacidade de mover-se entre essas perspectivas (orientações) e integrá-las na criação de um novo entendimento, desempenho ou objeto que seja significativo para o seu criador e / ou seu público.

Desta forma, fica evidente que a tomada de perspectiva é muito relevante para os estudos da criatividade por estar muito relacionado ao surgimento da novidade na ação e no pensamento. Assim sendo, passaremos a discorrer sobre algumas premissas estabelecidas por Glaveanu (2015) e que orientarão a nossa pesquisa.

Entendemos que em todas as situações de sua vida o sujeito se encontra diante de múltiplas perspectivas que podem ser adotadas, visto que o ato criativo emerge quando este sujeito se move (imaginativamente ou materialmente) entre diversas posições (audiências) construindo perspectivas mais ou menos convencionais. Vale salientar que o conceito de convencional sofre variações entre culturas e entre pessoas diferentes.

Outra premissa de Glaveanu (2015) é de que as perspectivas adotadas têm origens interativas e incorporadas que se baseiam em diferentes posições do mundo social e material. Uma perspectiva sempre expressa a posição da pessoa no mundo e as diferenças de perspectivas derivam de diferenças na posição social. Esse tipo de diferenciação social de posições dentro de uma mesma atividade está associado às diferenças de perspectiva com possibilidade de diferentes integrações e diferentes resultados criativos.

Guiados pelos posicionamentos teóricos apresentados por Glaveanu, adotaremos para este estudo uma concepção de criatividade como um processo cognitivo, psicológico e social que se dá através das ações do sujeito, na borda entre o sujeito e o mundo, o eu e o outro, o sujeito e o contexto.

Assim sendo, a nossa lente tenta capturar de forma holística um processo que é em sua natureza dialógico, social, histórico, cultural e que tem essa dimensão cognitiva quando concebemos que é construído através da linguagem. O quadro perspectivo da criatividade

abre possibilidades de análise da ação criativa habitual e inovadora do piloto policial e suas alteridades.

Compartilhamos com a ideia de que a abordagem da psicologia cultural da criatividade é mais fértil e adequada para fins de compreensão dos atos criativos da vida real cotidiana em seus diversos domínios do que os modelos focados no que ocorre na vida intrapsíquica do sujeito criador. Isto porque vivemos num mundo fundamentalmente dinâmico, marcado pela diferença, divergência e perspectivas que se complementam ou se contradizem entre si, que são propostas, aceitas, rejeitadas ou ignoradas.

5 A ABORDAGEM DIALÓGICA DE BAKHTIN

O filósofo russo Mikhail Bakhtin (1895-1975) tem sido evocado no sentido de subsidiar estudos nas diferentes ciências, entre elas a Educação, a Psicologia e as Artes. As contribuições deste autor para o nosso estudo nascem do seu interesse enquanto crítico literário em como se dá o processo criativo, bem como pela sua abordagem dialógica da linguagem.

Bakhtin foi um dos maiores e mais importantes pesquisadores da linguagem humana e suas pesquisas norteiam até hoje diversos estudos e teorias pelo mundo, não apenas na área da linguística, mas também na educação, antropologia, psicologia, história e outros.

O grupo conhecido como “Círculo de Bakhtin” e liderado pelo aludido autor estudava linguagem, literatura e arte e era também integrado pelo linguista Valentin Voloshinov (1895-1936) e pelo teórico literário Pavel Medvedev (1891-1938). Uma das contribuições teóricas mais inovadoras do Círculo foi a concepção da linguagem como um constante processo de interação mediado pelo diálogo e não apenas como um sistema autônomo.

A importância de Bakhtin para este estudo nasce na própria inspiração que Glaveanu (2009, 2012, 2015) traz do dialogismo bakhtiniano para os seus estudos e se ratifica com as alegorias filosóficas do excedente de visão e da exotopia que são imprescindíveis para a compreensão do quadro perspectivo da criatividade desta pesquisa. Além disso, Bakhtin nos fornece uma concepção de linguagem e construção de sentido diferentes das empregadas usualmente pela psicologia e adequadas a este estudo.

Passaremos a apresentar alguns conceitos deste autor que nos serviram de aporte teórico para o estudo dos processos criativos dentro de uma perspectiva dialógica, histórica e cultural.

Para Bakhtin, o sujeito é incompleto e não acabado, não sendo possível uma formação individual sem alteridade, pois o outro tem papel constitutivo do espaço de atuação desse sujeito no mundo. É na relação com a alteridade que os indivíduos se constituem, se refletem e se refratam dinamicamente.

O dialogismo é um conceito que permeia toda a obra de Bakhtin e pode ser entendido como o princípio constitutivo da linguagem, que por sua vez está impregnada de relações dialógicas. Desta forma, a concepção dialógica implica a ideia de relatividade da autoria individual, dando um caráter coletivo e social à produção de discursos. O conceito

de dialogismo coloca o ser humano em posição de constante dinamismo como agente que não é apenas influenciado pelo meio, mas que age ativamente sobre o mesmo e o transforma.

A necessidade estética absoluta do outro para a constituição do sujeito nos leva à reflexão sobre outra importante proposição bakhtiniana acerca do conceito de excedente de visão. Este conceito trata da capacidade que o sujeito tem de ver mais de outro sujeito do que o próprio vê de si mesmo. Em *Estética da Criação Verbal*, Bakhtin afirma que “em qualquer situação ou proximidade que esse outro que contemplo possa estar em relação a mim, sempre verei e saberei algo que ele, da sua posição fora e diante de mim, não pode ver” (BAKHTIN, 2011, p. 21).

Outra contribuição filosófica bakhtiniana para este estudo é a noção de exotopia. Pois, reconhecendo que o agente imprime em seus atos uma espécie de personalização, de assinatura, a concepção bakhtiniana resulta de um processo que busca representar o mundo do ponto de vista da ação exotópica do autor, que está fundada no social e no histórico. A exotopia é o movimento que o sujeito faz para sair da sua posição no momento em que busca da resposta da pergunta que nunca cala: O que o outro quer de mim?

Assim, a posição exotópica seria a posição de “estar num lugar fora”, a posição a partir da qual é possível o sujeito perceber e descrever a sua própria condição numa posição que não transcende o mundo, mas torna possível uma visão de certa distância a fim de transfigurá-lo na construção arquitetônica da obra, estética ou não (BRAIT, 2016).

Assim sendo, é no olhar de fora onde o sujeito olha de um outro lugar, de um outro tempo e com valores diferentes que ele consegue ver mais que o outro sujeito consegue ver de si mesmo. Quando alguém atribui a outro o seu excedente de visão, permite-lhe completar-se como sujeito naquilo que a sua individualidade não conseguiria sozinha. É a exotopia do observador que, possibilitando ver alguém de fora, constrói um excedente de visão (BAKHTIN, 2011).

A exotopia e o excedente de visão são imprescindíveis para a compreensão das noções de perspectiva e posição e o quadro perspectivo da criatividade desafia as concepções individualistas e mentalistas deste fenômeno. Entendemos que não existe perspectiva sem posição que por sua vez é inexorável e refere ao lugar do sujeito no mundo. Assim sendo, a perspectiva depende da posição e não existe perspectiva sem uma posição. Porém, a posição do sujeito não implica necessariamente na construção desta ou daquela perspectiva, pois a perspectiva é marcada pela indeterminação da forma como esse sujeito é impactado por sua alteridade e pelas outridades sociais.

6 CONTRIBUIÇÕES DA ABORDAGEM SÓCIO-HISTÓRICA DE VYGOTSKY PARA O ESTUDO DA CRIATIVIDADE

Lev Semionovich Vygotsky (1896-1934) emergiu na psicologia em um momento marcado pela Revolução Russa e pelas demandas de uma sociedade que tendencialmente buscava a compreensão de um novo homem, exigindo da ciência psicológica novas bases de sustentação teórica e metodológica e novas implicações no campo dos problemas práticos.

Vygotsky era advogado com formação eminentemente humanística e era bastante motivado pelos problemas sociais e culturais, além de nutrir interesse pela Filosofia da Literatura e da Arte. Assim sendo, chegou à psicologia como um crítico da arte literária, interessado em questões da criação estética e semiológicas (MOLON, 2016).

Diante de uma psicologia centrada no debate entre o introspeccionismo, o idealismo e o objetivismo mecanicista e reducionista, Vygotsky (1996) empreende uma ciência do fenômeno psicológico mais ampla do que as referidas polaridades dominantes na época e tenta explicar o fenômeno psicológico partindo do social para o sujeito, sem tirar deste último o caráter ativo e constituinte. Isto porque na teoria vygotskyana o fenômeno psicológico particular só é compreensível quando analisado na sua condição social, mas sem se reduzir a ela (VYGOTSKY, 1996).

Os interesses estéticos de Vygotsky lhe serviram de inspiração na criação de uma psicologia que nutria um interesse essencial pelos produtos superiores da cultura. Com seus interesses estéticos e semiológicos, ele não se sentia satisfeito com as respostas que a psicologia de sua época dava às questões relacionadas à criação artística e ao estudo da cultura (FREITAS, 1994).

No que diz respeito aos processos criativos, Vygotsky diferencia as atividades reprodutoras das atividades não reprodutoras, descrevendo o cérebro como órgão que conserva e organiza as experiências vividas, porém não se limita a conservar, sendo também órgão combinador, criador, capaz de reelaborar e criar com elementos de experiências passadas novas posições, (VYGOTSKY, 2009,).

Desta forma, se apenas conservasse e reproduzisse experiências, o homem apenas seria capaz de adaptar-se a condições já estabelecidas em seu ambiente e lhe seria impossível uma resposta adaptativa a qualquer nova transformação inesperada que não se tivesse produzido anteriormente na experiência vivida (VYGOTSKY, 2009).

Nas palavras do autor:

Não nos limitamos a reavivar marcas de excitações pretéritas que chegaram ao nosso cérebro, pois nunca vimos fosse o que fosse nem desse passado nem desse futuro e, contudo, podemos imaginá-los, podemos formar uma sua ideia, uma sua imagem. (VYGOTSKY, 2009, p. 11).

Assim, toda atividade humana que não se limite à mera reprodução do que foi vivido, mas que suscita novas imagens e novas ações é considerada pelo autor e adotada neste estudo como uma atividade criadora.

É neste sentido que Vygotsky entende que se o homem se limitasse apenas a reproduzir e repetir o passado este seria um ser voltado para o ontem e totalmente incapaz de se adaptar a um amanhã diferente. Contudo, a atividade criadora do homem o torna um ser voltado para o futuro e capaz de criar e modificar o seu ambiente e também ser modificado por ele (VYGOTSKY, 2009).

Assim sendo, Vygotsky compreende a atividade criadora como sendo “toda realização humana responsável pela criação de algo novo” (VYGOTSKY, 2009, p. 9). O autor ainda chama atenção ao significado corrente dado às palavras imaginação e fantasia, sendo comum o entendimento de que esses conceitos não se ajustariam à realidade e seriam assim desprovidos de valor prático. Ainda sobre a imaginação e sua íntima e indissolúvel relação com a criatividade, o autor postula que:

A imaginação é base de toda atividade criadora e manifesta-se em todos os aspectos da vida cultural, tornando possível a criação artística, científica e técnica. Desta forma, tudo que foi criado pela mão do homem é produto da imaginação e da criação humana. (VYGOTSKY, 2009, p. 12).

O entendimento vygotskyano do fenômeno psicológico como sendo social, histórico e necessariamente imerso na cultura serve de esteio para que o autor postule que “todo inventor, por mais genial que seja, é sempre produto de sua época e de seu ambiente. Sua obra criadora partirá dos níveis alcançados anteriormente e também se apoiará nas possibilidades que existem fora de si” (VYGOTSKY, 1990, p. 37). Isto porque a criação é compreendida por Vygotsky como uma reelaboração criadora do antigo com o novo. O processo histórico da criação implica no fato de que na obra criadora cada novidade se apoia naquilo que a precede. A obra criadora tem seu ponto de partida em níveis já alcançados anteriormente e se apoia em possibilidades que existem fora do sujeito que cria (FREITAS, 1995).

O autor entende ainda que existe criação não só quando esta é origem de acontecimentos históricos, mas também sempre que o ser humano imagina, combina, modifica e cria coisas novas, por singela que a novidade possa parecer se comparada com

grandes realizações dos grandes gênios. Na concepção vygotskyana de criatividade, ainda que hoje em dia os níveis mais elevados da criação estejam acessíveis a poucos gênios da humanidade, na vida cotidiana existem todas as condições necessárias à criação e tudo o que ultrapassa o quadro da rotina com o mínimo de novidade tem a sua origem no processo criador do ser humano (VYGOTSKY, 2009, p. 13). Nesse sentido, passamos a entender a criação mais como regra do que como exceção, visto que a criação é condição necessária da existência humana.

Segundo Freitas (1995), a teoria sócio-histórico-cultural do desenvolvimento das funções mentais superiores é uma abordagem cultural, integrativa, social, semiótica e psicológica que foi inovadora à época em que foi desenvolvida por Vygotsky meio século atrás e surge hoje ainda como uma proposta de vanguarda.

7 LINGUAGEM: CONTRIBUIÇÕES DE VYGOTSKY E BAKHTIN

Nesta seção pretendemos promover uma reflexão acerca das aproximações e distanciamentos teóricos existentes no diálogo entre os trabalhos desenvolvidos pelo filósofo russo Mikhail Bakhtin (1895-1975) e pelo psicólogo russo Lev Vygotsky (1896-1934) no que diz respeito à importância da linguagem para os estudos dos processos criativos.

Salientamos que estes autores já foram abordados neste estudo por suas contribuições teóricas no campo da criatividade, sendo agora retomados com foco na linguagem em sua importância que excede as características comunicativas e se evidencia como instrumento de pensamento e constituição do ser.

Abordaremos a concepção de sujeito proposta por estes autores, o entendimento que cada um deles agrega acerca da consciência e da individualidade e o lugar e a importância da linguagem tanto para o sujeito dialógico bakhtiniano quanto para o sujeito sócio-histórico vygotskyano.

As grandiosas contribuições de Bakhtin e Vygotsky no estudo da linguagem promovem a necessidade de um melhor entendimento das propostas teóricas desses autores que adotaram concepções distintas de socialidade e individualidade em suas abordagens, mas compartilham crenças com relação à constituição social da mente (CORNEJO, 2012).

Segundo Matusov (2011), Vygotsky e Bakhtin desenvolveram a mesma ideia de que a consciência é um produto social, embora através de argumentos diferentes. Ainda segundo este autor, os caminhos teóricos trilhados por Vygotsky e Bakhtin foram tão distintos que seus conceitos teóricos seriam verdadeiramente inconciliáveis, visto que em sua compreensão a abordagem vygotskyana é monista e universalista, enquanto que a abordagem bakhtiniana é dialógica e pluralista.

A reflexão de Cornejo (2012) acerca das ideias de Matusov (2011) refere que embora Vygotsky e Bakhtin sejam realmente diferentes não seria adequado falar que os autores são inconciliáveis, pois uma análise mais atenciosa da abordagem de Vygotsky demonstrará as múltiplas faces e até contradições sobre uma mesma questão. Isto talvez ocorra porque a análise literária de temas psicológicos e os estudos de Vygotsky como um todo ocorreram em um curto espaço de tempo sem a oportunidade de recapitulação de suas ideias em uma teoria única e conclusiva devido à sua morte precoce (CORNEJO, 2012).

Cornejo (2012) refere ainda que uma concepção dialógica da mente não está fora do alcance da tradição hegeliana, que, na interpretação de Matusov (2011) é de onde deriva a abordagem vygotskyana. Considerando que Bakhtin tomou como unidade de análise a voz, um tema mais sociológico do que psicológico, e que Vygotsky tentou basear a subjetividade humana na linguagem social tomando o significado da palavra como unidade mínima de análise na psicologia, Cornejo (2012) refere que ambos coadunam com a ideia de constituição social da mente e compartilham alguns entendimentos sobre a linguagem, podendo ser enquadrados como parte de um mesmo programa teórico interessado na dimensão do sentido da vida humana e do ato criativo.

7.1 O SUJEITO, A LINGUAGEM E A CONSCIÊNCIA EM BAKHTIN

Ao situar o sujeito e ressaltar a sua importância no uso efetivo da linguagem sem perder de vista os contextos históricos, sociais, culturais e ideológicos, Bakhtin e o Círculo forneceram uma base conceitual consistente que hoje nos permite, dentro da transdisciplinaridade característica dos constructos bakhtinianos, pesquisar formas discursivas presentes nos diversos processos psicológicos humanos.

Para falar do sujeito bakhtiniano é importante salientar que para Bakhtin, “a grande força que move o universo das práticas culturais são as posições sócio-avaliativas que se dão numa dinâmica de múltiplas inter-relações responsivas” (BRAIT, 2016, p. 38). Ou seja, o sujeito proposto por Bakhtin é um sujeito situado, ativo, responsivo e relacionalmente constituído.

Esta ênfase no aspecto ativo do sujeito que é necessariamente relacional em sua constituição leva o filósofo russo a rejeitar tanto a ideia de um sujeito avesso ao social ou a ele sobreposto quanto de um sujeito que é meramente submetido ao ambiente sócio-histórico. Bakhtin concebe um sujeito que na condição de eu-para-si mesmo é também um eu-para-o-outro, de forma que a primeira condição (eu-para-si) forma uma identidade subjetiva a ser inserida no plano relacional/responsivo (eu-para-o-outro) para a produção de sentido. Desta forma, só existe eu entre outros eus (BRAIT, 2016).

Ainda sobre a proposta teórica bakhtiniana, Brait (2016) refere que o sujeito ao se definir a partir do outro, ao mesmo tempo o define e passa a ser o outro para o “outro”, sendo assim possível vislumbrar a ideia bakhtiniana de inacabamento constitutivo do Ser, descrito pela autora como “rico de ressonâncias filosóficas, discursivas e outras” (BRAIT, 2016, p. 22).

Sendo o sujeito de Bakhtin incompleto e não acabado, torna-se impossível uma formação individual sem alteridade, pois o outro tem papel constitutivo do espaço de atuação desse sujeito no mundo. É na relação com a alteridade que os indivíduos se constituem, se refletem e se refratam dinamicamente. Pois, “tudo que pertence à consciência chega a ela através dos outros, das palavras dos outros” (CAVALCANTI FILHO & TORGA, 2011, p.3). Assim, a consciência humana é um produto social que, em contato com outras consciências e objetos socialmente construídos resulta em forma de conduta humana (RIOS, 2006).

O dialogismo é então um conceito-chave que permeia toda a obra de Bakhtin e pode ser entendido como o princípio constitutivo da linguagem, que por sua vez está impregnada de relações dialógicas. Desta forma, a concepção dialógica implica a ideia de relatividade da autoria individual, trazendo características de coletividade e socialidade à produção de discursos.

No dialogismo o eu só se torna eu entre outros eus. Esta é a condição de não acabamento constitutivo do Ser trazida por Bakhtin onde o sujeito é definido pelo outro ao mesmo tempo em que o define. Esta visão não limita os sujeitos a seres biológicos ou empíricos, mas permite uma compreensão dialógica, social, histórica e concreta do sujeito (BRAIT, 2016).

Conforme abordado anteriormente, em sua obra *Estética da Criação verbal*, Bakhtin (2011) apresenta constructos filosóficos como exotopia e excedente de visão, que se apresentam como alegorias indispensáveis a uma melhor compreensão desse sujeito dialógico que se constitui na linguagem, que emerge na relação com o outro e que constrói significados de forma “negociada”. Assim, Bakhtin passa a descrever o seu excedente de visão:

Quando contemplo um homem situado fora de mim e à minha frente, nossos horizontes concretos, tais como são efetivamente vividos por nós dois, não coincidem. Por mais perto de mim que possa estar esse outro, sempre verei e saberei algo que ele próprio, na posição que ocupa, e que o situa fora de mim e à minha frente, não pode ver: as partes do seu corpo inacessíveis ao seu olhar - ..., o mundo ao qual ele dá as costas, toda uma série de objetos e de relações que, em função das respectivas relações em que podemos situar-nos, são acessíveis a mim e inacessíveis a ele. (BAKHTIN, 2011, p. 43).

A exotopia consiste justamente quando um sujeito excede a visão que outro sujeito tem de si mesmo e é marcada pelo lugar único que cada sujeito ocupa no mundo em dadas circunstâncias e num instante específico onde todos os outros se encontram fora desta, o que Bakhtin chamou de “fora de mim” (BAKHTIN, 2011).

No contexto do presente estudo, são exatamente os movimentos exotópicos que nos permitem captar o trabalho de perspectivação que o sujeito faz ao buscar se colocar no lugar de um outro como audiência de si para avaliar sua própria ação e o impacto desta na outridade (audiência).

Desta forma, é no olhar de fora onde o sujeito olha de um outro lugar, de um outro tempo e com valores diferentes que ele consegue ver mais que o outro sujeito consegue ver de si mesmo. Quando alguém atribui a outro o seu excedente de visão, permite-lhe completar-se como sujeito naquilo que a sua individualidade não conseguiria sozinha. Para Bakhtin, é a exotopia do observador que, possibilitando ver alguém de fora, constrói um excedente de visão (BAKHTIN, 2011)

Infere-se a partir dos constructos filosóficos bakhtinianos que os atos de contemplação humanos que decorrem do excedente de visão interna e externa da outridade são sempre e propriamente atos estéticos. Desta forma, no movimento ativo e responsivo de completude de um sujeito em relação ao outro, um deve identificar-se com o outro e ver o mundo através do sistema valorativo desse outro para então, numa volta ao seu próprio lugar, completar o horizonte desse outro com tudo o que sabe e vê do lugar em que ocupa fora dele. Daí então o sujeito emoldura e cria para o outro um ambiente de acabamento mediante seu excedente de visão, de seu saber, de seu desejo e de seu sentimento (BAKHTIN, 2011).

Fica evidente nas construções teóricas apresentadas por Bakhtin que o homem tem uma necessidade estética absoluta do outro, da visão do outro e da memória do outro para lhe proporcionar um acabamento externo, pois sua individualidade não existe se o outro não a criar. Desta forma, a memória estética é produtiva, pois “ela gera o homem exterior pela primeira vez num novo plano da existência” (BAKHTIN, 2011, p. 55).

Para o Círculo, o sujeito não é refém das relações sociais, mas sim um agente organizador de discursos, responsável por seus atos e é responsivo ao outro. Conforme já abordado, olhar-se no espelho não dá ao sujeito a visão completa e acabada de seu ser, pois esta só o olhar do outro lhe confere. Assim, o sentido só pode emergir na relação entre eus e o eu só pode se revelar no encontro com o outro ao tocar um sentido alheio (BRAIT, 2016; BAKHTIN, 2011).

Segundo Brait:

Dizer é dizer-se, pois ao dizer algo, o sujeito sempre diz de uma determinada maneira e dirigindo-se a alguém e o ser deste alguém interfere na própria maneira de dizer e na escolha dos itens lexicais. (BRAIT, 2016, p. 24).

Desta forma, o sujeito é mediador entre as significações sociais possíveis e os enunciados proferidos, distinção esta também presente em Lev Vygotsky.

Para Bakhtin, o mundo humano é um mundo de sentido, de elaboração “segunda” da realidade primeira que é o mundo dado, o mundo no qual o sujeito é lançado “sem álibi”, ou seja, o mundo não chega à consciência humana sem mediação (BRAIT, 2016, p. 23). A autora ainda ressalta que:

Lembremos, a propósito disso, que, para o Círculo de Bakhtin, os processos semióticos – quaisquer que eles sejam – ao mesmo tempo em que refletem, sempre refratam o mundo. Em outras palavras, a semiose não é um processo de mera reprodução de um mundo “objetivo”, mas de remissão a um mundo múltipla e heterogeneamente interpretado. (BRAIT, 2016, p. 39).

Desta forma, a autora se refere ao papel ativo do sujeito dialógico bakhtiniano no mundo e aos diferentes modos que este sujeito aprecia e significa o mundo a cada instante de sua experiência histórica.

As noções de enunciado / enunciação exercem papel fundamental na concepção de linguagem que rege o pensamento bakhtiniano, pois a linguagem é concebida a partir de um ponto de vista histórico, cultural e social que inclui, para efeito de compreensão e análise, a comunicação efetiva e os sujeitos e discursos nela envolvidos.

Para Bakhtin (2017), o uso da língua efetua-se em forma de enunciados. No texto *Discurso na vida e discurso na arte – sobre poética sociológica* (1926), assinado por Voloshinov, é possível verificar a noção de enunciado / enunciado concreto / enunciação assumida nos trabalhos do Círculo. A ideia do texto é de que a construção de sentido e a sua compreensão só acontecem com existência de um contexto extra verbal implicado no verbal que inclui interlocutores que se conhecem e compartilham experiências, pressupostos e sentimentos (BRAIT, 2016).

Nesta pesquisa adotamos o enunciado concreto que traz uma dimensão que é do discurso enquanto vozes sociais. Entendemos que o enunciado concreto é aquele que se presentifica na singularidade de uma determinada situação e sempre refrata essa realidade. Ou seja, utilizaremos o conceito de refração no enunciado concreto que comporta a dimensão das vozes de outridades presenciais, históricas, institucionais, familiares, virtuais, etc.

Para Bakhtin, a língua passa a integrar a vida a partir de enunciados concretos e é também por meio dos enunciados concretos que a vida entra na língua (Bakhtin, 2017). Pois, como refere Brait (2016), “o enunciado concreto nasce, vive e morre no processo da

interação social entre os participantes da anunciação e sua forma e seu significado são determinados basicamente pela forma e caráter desta interação” (BRAIT, 2016, p. 68).

Neste sentido, calcados no pensamento bakhtiniano, Pires e Sobral (2013) ressaltam que o sujeito se constrói na refração do mundo concreto, material e tangível, visto que suas percepções são afetadas de forma indissociável por seus valores em um constante processo de encontro com outros sujeitos em cada situação.

7.2 O SUJEITO, A LINGUAGEM E A CONSCIÊNCIA EM VYGOTSKY

Diante de uma psicologia centrada no debate entre o introspeccionismo, o idealismo e o objetivismo mecanicista e reducionista, Vygotsky (1996) empreende uma ciência do fenômeno psicológico mais ampla do que as polaridades dominantes na época e tenta explicar o fenômeno psicológico partindo do social para o sujeito, sem tirar deste último o caráter ativo e constituinte. Isto porque na teoria vygotskyana o fenômeno psicológico particular só é compreensível quando analisado na sua condição social, mas sem se reduzir a ela (VYGOTSKY, 1996).

Os interesses estéticos de Vygotsky lhe serviram de inspiração na criação de uma psicologia que nutria um interesse essencial pelos produtos superiores da cultura. Com seus interesses estéticos e semiológicos, ele não se agradava com as respostas que a psicologia de sua época dava às questões relacionadas à criação artística e ao estudo da cultura (FREITAS, 1994).

Para Vygotsky (1994), a atividade humana é maior que o circuito estímulo-resposta e transforma o mundo e o próprio comportamento humano através da relação sócio-histórica deste homem no mundo. Desta forma, o principal diferencial da atividade humana em relação aos outros animais é a utilização de instrumentos psicológicos e instrumentos materiais⁴, ou seja, a ação humana é essencialmente mediada.

A concepção de sujeito de Vygotsky se baseia na relação deste com o ambiente social, pois para este autor as características tipicamente humanas não estão presentes desde o nascimento do indivíduo, nem são resultado simples das influências externas. O sujeito tipicamente humano se constitui nas interações com seu meio sociocultural (REGO, 2014).

⁴ Partindo do pressuposto de que toda materialidade já é significada e por isso já é também um instrumento psicológico, a materialidade a que nos referimos não está fora do campo de sentidos, pois a própria condição de ser instrumental já diz que ela é orientada para uma finalidade, dotada de uma intencionalidade e de uma carga cultural que a antecede.

Assim, o desenvolvimento mental humano não é dado a priori, pois as funções psicológicas tipicamente humanas têm sua gênese nas relações do indivíduo com seu contexto cultural e social. A cultura é, portanto, parte constitutiva do homem, pois seu psiquismo se dá por meio da internalização dos modos historicamente determinados e culturalmente organizados de agir no mundo (REGO, 2014).

Outro ponto importante deste entendimento sócio-histórico da mente humana é que a ação mediada não pode ser separada do meio em que é realizada. Segundo Vygotsky, o funcionamento mental é moldado ou até definido pelas formas de mediação que emprega para realizar uma ação. Logo, a mediação está presente em toda atividade humana e é caracterizada pelos instrumentos técnicos e sistemas de signos construídos historicamente pelo homem e fazem a mediação deste com o mundo (REGO, 2014).

O entendimento do lugar e da importância da mediação na relação do homem com o mundo e com os outros homens é fundamental na compreensão da psicologia sócio-histórica de Vygotsky, pois é através da mediação que as funções psicológicas superiores especificamente humanas se desenvolvem.

Para Vygotsky (2001), o significado é a unidade mínima de análise na psicologia e é construído social e historicamente. No campo semântico, o significado corresponde às relações que a palavra pode conter, já no campo psicológico constitui uma generalização, um conceito. Sendo produções históricas e sociais relativamente estáveis, os significados são compartilhados e fundamentais na constituição do psiquismo.

Ao tentar explicar o pensamento humano por meio de a linguagem, Vygotsky postulou que sem palavra não havia pensamento, porém esta não era uma ideia nova na ciência moderna. Mais de um século antes, Hammann, Herder e, mais tarde, Humboldt, também defenderam essa ideia (CORNEJO, 2012).

A inovação da abordagem vygotskyana reside na tentativa de calcar a subjetividade humana na linguagem social, fazendo o pensamento e a fala a chave para entender a natureza da consciência humana. Desta forma, é possível inferir que se a linguagem é tão antiga quanto a própria consciência, e sendo a linguagem a consciência que existe na prática para outras pessoas, logo não é apenas o desenvolvimento do pensamento, mas o desenvolvimento da consciência como um todo que é conectado com o desenvolvimento da palavra (CORNEJO, 2012).

“A palavra é a manifestação mais direta da natureza histórica da consciência humana” (VYGOTSKY, 1987, p. 285). Passando pela concepção estruturalista do signo, Vygotsky atualiza a concepção de palavra para uma espécie de “entidade quase viva capaz

de germinar a individualidade em indivíduos” (CORNEJO, 2012, p. 112). Assim, mais que uma ferramenta, a palavra é concebida como um "microcosmo de consciência, relacionado à consciência como uma célula viva está relacionada a um organismo, como um átomo está relacionado ao cosmos" (VYGOTSKY, 2000, p.496). Assim, Vygotsky afirma que a significação “é a atividade mais geral e fundamental do ser humano, a que diferencia em primeiro lugar o homem dos animais do ponto de vista psicológico” (VYGOTSKY, 1995, p. 84).

7.3 O DIÁLOGO ENTRE MIKHAIL BAKHTIN E LEV VYGOTSKY

O termo voz é derivado do trabalho de Bakhtin e se refere a algo mais do que um sinal auditivo. Para Bakhtin, a voz envolve o fenômeno mais amplo da personalidade falante, consiste na consciência da fala que é social. Podemos então elencar três ideias básicas compartilhadas por Vygotsky e Bakhtin: A primeira é de que para compreender a ação humana é preciso compreender os meios semióticos que medeiam essa ação; A segunda ideia básica consiste no postulado de que certos aspectos do funcionamento psíquico humano estão fundamentalmente ligados ao processo comunicativo/interacional; A terceira ideia básica compartilhada por Vygotsky e Bakhtin refere que é possível compreender adequadamente o funcionamento humano apenas por meio de uma análise genética do desenvolvimento (CORNEJO, 2012).

Para Bakhtin, a linguística não pode fornecer sozinha uma explicação adequada dos enunciados e suas vozes. Em sua opinião, os estudos dos enunciados requerem uma abordagem que transcenda as preocupações das disciplinas individuais existentes, a abordagem por ele denominada translinguística. Para ele, as unidades de análise utilizadas na linguística não pertencem a ninguém e não são endereçadas a ninguém, por isso propôs a translinguística.

A concentração dos esforços analíticos de Bakhtin no enunciado se mostrou bastante coerente com a noção de ação mediada de Vygotsky. Isto porque para Bakhtin a fala é sempre lançada na forma de enunciado pertencente a um sujeito falante em particular e fora desta forma não pode existir, enquanto Vygotsky postula que não há pensamento fora da linguagem, pois estes coexistem de forma indissociável.

Quanto ao endereçamento, ou seja, a qualidade de dizer algo para alguém, é para Bakhtin a condição sem a qual o enunciado não existe e nem pode existir (BAKHTIN, 1986). Esta preocupação com o endereçamento está fundamentada numa constatação mais

abrangente de que “qualquer enunciado é um elo na cadeia da fala” (BAKHTIN, 1986, p. 84).

Desta forma, o significado é concebido por Bakhtin como uma entidade dinâmica, ativa e não estática que só vem a existir quando duas ou mais vozes se contatam e se confrontam. Os processos comunicativos e psicológicos do ser humano são caracterizados pela dialogicidade das vozes. Assim, quando um falante produz um enunciado, pelo menos duas vozes podem ser ouvidas simultaneamente.

É importante salientar que na abordagem de Bakhtin aos fenômenos da linguagem há uma ênfase contínua na noção de que os enunciados e os significados estão inerentemente situados no contexto sociocultural. Assim, a produção de qualquer enunciado envolve a apropriação de pelo menos um gênero social de linguagem e discurso que são situados socioculturalmente. O significado não pode ser separado do cenário histórico, cultural e institucional.

Tanto em Bakhtin quanto em Vygotsky o processo mental só pode ser inferido através das ações desenvolvidas pelo indivíduo ao longo do tempo numa materialidade concreta, histórica e dialética. Este entendimento foi tanto estudado por Vygotsky quanto desenvolvido por Bakhtin com os seus trabalhos nas áreas da linguística, da filosofia e da crítica literária.

Nesse sentido, podemos dizer que tanto Vygotsky quanto Bakhtin postularam que as práticas comunicativas humanas dão origem a consciência humana. A noção de ação mediada baseia-se em suposições sobre a estreita relação entre processos comunicativos e processos psicológicos (WERTSCH, 1991).

Desta forma, os autores abordados nesta seção nos apontam a importância da linguagem no estudo dos processos criativos, visto que ela se apresenta como instrumento do pensamento e mediadora da construção de significados, além de se constituir como via de acesso ao entendimento do outro permitindo uma quebra do circuito do aqui-e-agora presentificando objetos ausentes através das abstrações, generalizações, perspectivas e deslocamentos (FARACO, 2009). Esta característica da linguagem que excede a função comunicativa é que torna possível ao sujeito se deslocar e ocupar posições construindo perspectivas, conceito que será abordado na próxima seção.

8 PERSPECTIVA E CRIATIVIDADE

Glaveanu (2012) entende os processos criativos como ação pela qual os atores, mentalmente e/ou simbolicamente, sozinhos e/ou em colaboração com os outros, se movem entre diferentes posições e constroem imaginativamente novas perspectivas sobre o curso de sua ação promovendo maior flexibilidade e o surgimento do novo. Para uma melhor compreensão acerca dos processos criativos na pilotagem policial de helicópteros, a partir do olhar psicologia cultural, se faz necessário esclarecer a noção de perspectiva adotada no presente estudo.

O quadro perspectivo proposto por Glaveanu (2012) implica que a ação criativa sempre requer a alteridade (BAKHTIN, 1986) e envolve certa forma de desapego da própria posição no mundo, a fim de tornar possível uma visão do mundo tanto da posição do sujeito quanto a partir de outras perspectivas. Para fins deste estudo, adotaremos uma noção de perspectiva pautada no dialogismo teórico-metodológico que pode ser entendida em termos de posicionamentos pessoais na experiência vivida que por sua vez viabilizam determinada visão dos outros e das coisas em detrimento de outras visões (GUIMARÃES, 2010).

Para Glaveanu (2015) a gestão da diferença (eu-outro, eu-mundo) no “mover-se” entre as perspectivas é uma condição indispensável para o processo criativo. A função psicológica de criar uma distinção entre “nós” e “eles” permite a projeção das características do sujeito (positiva ou negativamente valoradas) sobre o “outro” (VALSINER, 2012, p. 120). Pinheiro & Leitão afirmam que:

Na linguagem bakhtiniana, a unicidade do ser dá-se por um movimento de infundáveis diferenciações e espelhamentos, num permanente jogo de subversão, para com a positividade das referências histórico-discursivas; para tudo aquilo que se torna constitutivamente alteritário. (PINHEIRO & LEITÃO, 2010, p. 92).

A necessidade absoluta do outro em sua incompletude que faz com que o sujeito só exista em meio a outros eus e no encontro com outros nos remete ao excedente de visão que implica que o sujeito em seus atos de contemplação deve identificar-se com o “outro” e ver o mundo através do seu sistema de valores, tal como ele o vê, havendo um deslocamento para o lugar desse outro e depois um retorno ao seu próprio lugar a fim de completar seu horizonte com aquilo o que descobriu do lugar que ocupa fora desse outro (BAKHTIN, 2011). Vale salientar que o deslocamento do sujeito para o lugar do outro é sempre um

exercício imaginativo, incompleto e precário pela impossibilidade desse sujeito sair completamente de si mesmo.

Entendendo que a compreensão criativa requer a alteridade (Bakhtin, 1986) e que criar envolve uma certa forma de desapego da própria posição no mundo a fim de ser capaz de vê-lo tanto da sua posição quanto a partir de outras perspectivas, a necessidade do olhar a partir da perspectiva do outro ocorre porque o sujeito se envolve fisicamente e/ou imaginativamente com este outro ou outros e só assim pode reconhecer e explorar criativamente as diferenças de perspectiva (GLAVEANU, 2012).

Guimarães (2010) ressalta que no construtivismo semiótico-cultural a noção de perspectiva envolve questões como a multiplicidade de posicionamentos pessoais em face de objetos culturais, a alteridade do outro que é dotado de uma trajetória de vida singular, o cruzamento de olhares entre o “eu” e o “outro” a partir e para suas corporeidades e a articulação entre os planos intersubjetivo e intra-subjetivo da experiência humana.

Para Glaveanu (2012), a cada ponto do tempo a ação humana está no horizonte de possibilidades. Esse espaço de possibilidades, no entanto, é constrangido a todo momento pelas normas culturais. Desta forma, na maioria das situações de vida, o sujeito está diante de um “futuro” relativamente previsível em termos das coisas que já lhe são habituais no modo de interagir com outras pessoas e/ou objetos. Isso constrói um “túnel” relativamente limitado de possibilidades no espaço do que é “convencional”. Assim, a posição exterior ao sujeito ator criativo (audiência) torna possível imaginar e perseguir novos caminhos de ação oferecidos pelo ambiente. Desta forma, a diferenciação é essencial à noção de perspectiva aqui adotada.

Uma boa compreensão da noção de perspectiva introduzida por este autor deixa clara a importância das construções simbólicas na quebra do circuito direto entre estímulo e resposta e na perspectivização do futuro. Neste sentido, os meios simbólicos regulam o nosso engajamento e experiência do mundo (VALSINER, 2000, 2007 citado em GLAVEANU, 2015, p. 5) acima e além das estimulações imediatas do ambiente, expandindo nossa experiência proximal do mundo por meio de experiências distais inacessíveis à percepção, tais como o mundo do passado, o futuro, significados generalizados e outros.

Assim, em nosso contexto de pesquisa, o piloto policial de helicópteros pode recorrer às experiências vividas a fim de prospectar o futuro para tomar decisões e adotar ações fazendo as modificações e ajustes necessários, situação propícia à emersão do novo.

Assim, a construção de perspectiva se constitui em um aspecto muito relevante para os estudos da criatividade enquanto processo psico-sócio-material pelas estreitas relações

que estabelece com o surgimento da novidade na ação e no pensamento. Logo, o quadro perspectivo da criatividade abre possibilidades de análise da ação criativa habitual e inovadora do piloto policial e suas alteridades.

Desta forma, para fins desta pesquisa, compreendemos ser a abordagem da psicologia cultural da criatividade mais adequada para fins de compreensão dos atos criativos da vida real cotidiana em seus diversos domínios do que os modelos focados no que ocorre na vida intrapsíquica do sujeito criador. Isto porque vivemos num mundo fundamentalmente dinâmico, marcado pela diferença, divergência e perspectivas que se complementam ou se contradizem entre si, que são propostas, aceitas, rejeitadas ou ignoradas.

9 OBJETIVOS

9.1 GERAL

Compreender como se singularizam os processos criativos em sua dimensão cognitiva e criativa implicada na ação do piloto policial através da dinâmica semiótica-cultural da experiência desse sujeito.

9.2 ESPECÍFICOS

- I. Mapear na experiência do piloto policial as alteridades (organizacionais, hierárquicas, familiares, operacionais, equipe de serviço) que atuam na ação criativa e suas formas de integração, refutação e coordenação no processo de reconstrução da experiência vivida.
- II. Inferir como a dimensão afetiva e cognitiva da experiência de pilotagem policial participa da reconstrução dos significados em jogo na ação criativa.

10 MÉTODO

Segundo Vygotsky, “o método é, ao mesmo tempo, pré-requisito e produto, o instrumento e o resultado do estudo” (VYGOTSKY, 1991, p. 46). Esta afirmação demonstra a importância que o autor dá ao método e o consequente entendimento de que a procura de um método adequado é um dos problemas mais importantes de todo empreendimento para a investigação e compreensão das funções psicológicas superiores inerentemente humanas.

Reconhecendo as dimensões cultural, histórica e semiótica (enquanto processo de significação) no estudo do funcionamento humano, a presente investigação entende que o indivíduo só pode ser conhecido reconhecendo-o como constituído pela cultura, imerso nas experiências coletivas e nas práticas sociais como produtor-intérprete de significados. Desta forma, nos debruçaremos sobre o curso da transformação que compreende tanto o presente quanto as condições passadas e aquilo que o presente tem de projeção do futuro (GÓES, 2000, p. 13).

Na presente pesquisa estaremos perante um sujeito ativo, expressivo e dotado de voz, o que nos direciona para uma postura dialógica, onde investigador e investigado são dois sujeitos em interação. Para Freitas (2002) nesta proposição ontológica-hermenêutica que é coerente com a compreensão dialética dos fenômenos humanos, o pesquisador faz parte da própria situação de pesquisa. Para Bakhtin (2011) o conhecimento que se tem do sujeito só pode ser dialógico, o autor enfatiza a participação ativa tanto do investigador quanto do investigado como critério de pesquisa.

Ainda no que diz respeito ao enfoque sócio-histórico, Vygotsky se baseou na abordagem materialista dialética para afirmar que o comportamento humano difere qualitativamente do comportamento animal e por isso deve ser estudado em sua especificidade (VYGOTSKY, 1991). Assim, o autor propõe que fenômenos humanos sejam estudados historicamente, ou seja, em seu processo de transformação. Freitas (2002) sugere que o enfoque sócio-histórico auxilia o pesquisador na compreensão da dimensão da relação do singular com a totalidade, do individual com o social.

Para Bakhtin (1992), as ciências humanas voltam-se para o homem como produtor de discursos e, quanto ao método nas ciências humanas, afirma ainda que se trata de uma compreensão respondente onde procura-se conhecer um objeto nas ciências naturais e nas

ciências humanas procura-se conhecer um sujeito produtor de discursos. Sobre este tema o autor afirma:

As ciências exatas são uma forma monológica de conhecimento: o intelecto contempla uma coisa e pronuncia-se sobre ela. Há um único sujeito: aquele que pratica o ato de cognição (de contemplação) e fala (pronuncia-se). Diante dele, há uma coisa muda. Qualquer objeto do conhecimento (incluindo o homem) pode ser percebido e conhecido a título de coisa. Mas o sujeito como tal não pode ser percebido e estudado a título de coisa porque, como sujeito, não pode, permanecendo sujeito, ficar mudo; conseqüentemente, o conhecimento que se tem dele só pode ser dialógico. (BAKHTIN, 1992, p. 403).

Bakhtin (1992) nega a possibilidade de conhecer o sujeito fora do enunciado que ele produz, pois, este sujeito só pode ser apreendido como uma propriedade das vozes que ele anuncia. Estas reflexões sobre as ciências humanas colocam o discurso no centro da investigação sobre o homem.

Nesta dimensão que é social e dialógica, os sentidos são criados na interlocução e dependem da situação experienciada, dos espaços ocupados pelo sujeito investigador e pelo sujeito investigado. Para Bakhtin, cada sujeito tem diante de si um horizonte social que orienta a sua compreensão e que o coloca diante de seu interlocutor (o outro) com uma forma característica de relacionamento (FREITAS, 2002).

Contrariando modelos teóricos que reduzem a criatividade a variáveis intrapsicológicas, o presente estudo se apoia na noção de criatividade distribuída para investigar este fenômeno como sendo de característica relacional e de desenvolvimento.

De acordo com os objetivos, o campo fenomenológico e os pressupostos aqui expostos, a unidade de análise do presente estudo serão as negociações de sentidos que acontecem quando os enunciados são produzidos pelos sujeitos durante a situação de entrevista para reconstrução da experiência de um confronto armado em uma ocorrência aeropolicial. Isto porque dada a impossibilidade de acesso direto aos processos psicológicos humanos, é somente nas ações do sujeito e suas respectivas formas de endereçamento às mais diversas outridades (sociais, virtuais, imaginárias, presentes, passadas), incluindo as mediadas pela situação de pesquisa, que se viabiliza qualquer dizer sobre a questão investigada, no caso, os processos criativos envolvidos na pilotagem policial de helicópteros.

Assim, podemos identificar três registros que se relacionam para dar corpo à presente investigação, sendo eles os movimentos exotópicos e o conseqüente excedente de visão que nos permitem captar o processo de perspectivação no campo da teorização da psicologia cultural e, no contexto da análise, explicitar o processo de refração da realidade pelo sujeito piloto policial comandante de aeronave e sua tripulação.

10.1 LOCAL

A situação geradora do trabalho de reconstrução nas entrevistas desta pesquisa foi uma ocorrência aeropolicial com confronto armado ocorrida em setembro de 2017 no interior do Estado de Pernambuco e registrada em vídeos e imagens pela própria unidade aérea.

As entrevistas (experiências reconstrutivas) aconteceram unidade aérea do Estado de Pernambuco, mais especificamente nas salas de aula e do Setor de Psicologia Aeronáutica.

10.2 PARTICIPANTES

Em nossa investigação tivemos como participantes quatro sujeitos ($n = 4$) componentes de uma tripulação policial de operações aéreas. Um piloto policial comandante de aeronave (PIC), um copiloto policial (SIC) e dois operadores aerotáticos (OAT 1 e OAT 2). Os critérios de escolha do grupo (tripulação) foram: Ser tripulante policial em serviço ativo, ter atuado na operação aeropolicial selecionada para esta pesquisa e ser voluntário para participar do estudo.

Por se tratar de um grupamento aéreo de defesa social integrado composto por funcionários das três operativas do Estado (Polícia Militar, Corpo de Bombeiros Militar e Polícia Civil), as tripulações geralmente são mistas, ou seja, compostas por funcionários das três operativas citadas. No caso da tripulação deste estudo, o piloto comandante (PIC) e o copiloto (SIC) são policiais civis e os dois operadores aerotáticos (OAT 1 e OAT 2) são policiais militares.

10.3 PARTICIPANTE DO TURNO REFLEXIVO

Dentre os participantes da operação aeropolicial em que aconteceu o confronto armado cujo registro videográfico foi cedido pela unidade aérea para fins desta pesquisa, o piloto policial comandante (PIC) foi tomado como sujeito desta pesquisa que se propôs a investigar como o processo de perspectivação criativa implicada na sua através da dinâmica da sua experiência.

O turno reflexivo foi provocado pela situação de entrevista onde foi propiciado ao sujeito tornar-se audiência de suas próprias ações na reconstrução da experiência. Assim, a situação de entrevista buscou provocar neste sujeito um excedente de visão, a fim de gerar

uma guinada reflexiva sobre o vivido a partir deste momento de reconstrução num tempo e num contexto diferentes.

Entendemos que na situação de pesquisa todos os sujeitos participantes foram mobilizados a realizar o turno reflexivo, porém, de acordo com nossos objetivos de pesquisa tomamos o piloto policial comandante de aeronave como participante do turno reflexivo na nossa análise em função de seu papel de liderança e tomada de decisão e da possibilidade de visibilidade da criatividade distribuída através das ações deste sujeito.

10.4 PROCEDIMENTOS E INSTRUMENTOS

Primeiramente submetemos o projeto de pesquisa ao Comitê de Ética da Universidade Federal de Pernambuco para análise dos aspectos éticos relativos à pesquisa com seres humanos. A partir da autorização de início, seguimos as etapas previstas e descritas na sequência a seguir.

- Etapa 1: Escolha do registro de ocorrência aeropolicial armazenado na unidade aérea a ser utilizado como situação gatilho para as entrevistas.
- Etapa 2: Seleção dos trechos de vídeos e imagens a serem utilizados nas entrevistas.
- Etapa 3: Entrevista semiestruturada com o piloto policial comandante da aeronave juntamente com a exibição dos vídeos e imagens selecionados.
- Etapa 4: Entrevista coletiva semiestruturada com a tripulação policial juntamente com a exibição dos vídeos que foram exibidos ao piloto policial comandante da aeronave na entrevista individual.

Na etapa 1 de escolha do registro de ocorrência armazenado pela unidade aérea o primeiro critério de escolha da tripulação e da situação de pesquisa se deu pela disponibilidade dos sujeitos em participar da pesquisa, bem como da autorização da chefia em ceder os registros em vídeos e imagens feitos e armazenados pela própria unidade aérea.

As características de tensão e excepcionalidade foram o segundo critério de escolha desta ocorrência em detrimento de outras atendidas e registradas pela unidade aérea. Apesar de entendermos que axiomáticamente toda ação é única em sua unicidade na irreversibilidade do tempo, esta situação de confronto, tensão e indeterminação, por descentrar o sujeito do campo do hábito, permite um melhor acesso ao trabalho de perspectivação de forma mais refletida e negociada.

Entendemos que o imprevisto faz com que o sujeito se descentre desses lugares habituais descortinando os processos de construção de significados enquanto refração perspectivante daquilo que se dá na irreversibilidade do tempo e na relação com as outridades (tripulação, instituições, família, sociedade e outras).

A ação da tripulação composta pelo piloto policial comandante, pelo copiloto policial e pelos dois policiais operadores aerotáticos, a qual foi registrada em vídeos que constituíram os dados desta pesquisa, se deu por ocasião de um apoio aéreo a uma operação policial de prisão, busca e apreensão a indivíduos armados suspeitos de participação em um assalto ocorrido dias antes, gerando grande repercussão e comoção popular por haver resultado em um jornalista local gravemente ferido por disparo de arma de fogo.

O apoio aéreo policial, que inicialmente seria de monitoramento e acompanhamento da ação policial que acontecia em solo, evoluiu para o confronto armado a partir da resistência à prisão por parte dos indivíduos suspeitos. A partir de então, o material videogravado revela que os problemas e demandas a serem solucionados pelo piloto policial comandante e sua tripulação emergiram conforme a situação se desdobrava.

A etapa 2 de seleção de trechos dos vídeos e imagens cedidas pela unidade aérea buscou trechos de maior tensão, impasses, ambiguidades e ambivalências, julgados pela pesquisadora como mais oportunos para a captura do ato criativo. Desta seleção resultaram seis trechos de vídeos e cinco imagens:

- Vídeo 01 – Cenas internas da aeronave observando os suspeitos armados em terra;
- Vídeo 02 – Cenas internas da aeronave mostrando um breve diálogo interno e as manobras feitas pelo piloto para posicionar a aeronave em condição de disparo de arma de fogo;
- Vídeo 03 – Cenas da troca de tiros com indivíduos suspeitos em solo;
- Vídeo 04 – Cenas externas à aeronave feitas por populares no momento do confronto armado;
- Vídeo 05 – Cenas de uma reportagem jornalística sobre o confronto;
- Vídeo 06 – Cenas de um canal de televisão aberta com entrevista do secretário de defesa social do estado elogiando a ação policial;
- Imagem 01 – aeronave pousada no local da ocorrência;
- Imagem 02 – tripulação policial; Imagem 03 – aeronave pousada no hangar do aeroporto;

- Imagem 04 – “print” da tela do celular do copiloto com imagens do aplicativo de mensagens;
- Imagem 05 – suspeito atingido por disparo de arma de fogo durante o confronto com a tripulação policial.

Na etapa 3, quando foi realizada a entrevista semiestruturada com o piloto policial comandante da aeronave juntamente com a exibição dos vídeos e imagens selecionados, procuramos provocar uma situação onde este sujeito, na posição de audiência de si, de suas ações e de seus resultados, pudesse ressignificar a ação criativa na experiência vivida. Toda a entrevista foi filmada. As entrevistas desta pesquisa aconteceram em abril de 2018, sete meses após a experiência reconstruída na entrevista. Assim, os vídeos cedidos pela unidade aérea foram muito importantes não só como ferramenta para que os sujeitos se colocassem em posição de audiência de si mesmos, mas também para a rememoração de detalhes dos fatos ocorridos. Após a entrevista seguiu-se a transcrição e análise dos dados.

A etapa 4 consistiu na entrevista coletiva semiestruturada com a tripulação policial juntamente com a exibição dos mesmos vídeos e imagens exibidos na mesma ordem em que foram exibidos ao piloto policial comandante da aeronave na entrevista individual. Toda a entrevista foi filmada. Após a entrevista seguiu-se a transcrição e análise dos dados.

O momento de entrevista coletiva com a tripulação se revelou necessário não só por conta do posicionamento teórico adotado neste estudo que reconhece as dimensões cultural, histórica, dialógica e semiótica dos processos criativos e de todas as funções psicológicas humanas, mas igualmente porque entendemos que a situação de entrevista coletiva poderia ampliar a atividade reflexiva perspectivante ao colocar também na situação de pesquisa, junto com o sujeito piloto policial, os outros sujeitos que participaram com ele da ação, promovendo assim uma negociação de sentidos sobre o ocorrido.

A escolha metodológica de filmar as entrevistas se deu por entendermos que a videografia se mostra como uma excelente ferramenta para o estudo de processos psicológicos complexos por resgatar a densidade de ações comunicativas e gestuais e combinada com outros métodos de observação etnográfica podem atingir sua máxima utilidade (MEIRA, 1994).

Em síntese, registramos no quadro a seguir as etapas, bem como os seus objetivos e instrumentos utilizados:

Quadro 1 – Resumo das fases da pesquisa

	Etapas	Objetivo	Instrumentos
1	Escolha da situação (ocorrência) entre os registros da unidade aérea.	Escolher, entre os registros cedidos pela unidade aérea o mais rico em dados e com tripulação disposta a participar voluntariamente da pesquisa.	Notebook
2	Seleção dos trechos de vídeos e imagens da ocorrência escolhida na etapa 1.	Selecionar os trechos de maior tensão, impasses, ambiguidades e ambivalências, julgados pela pesquisadora como mais oportunos para a captura do ato criativo.	Notebook
3	Entrevista semi-estruturada individual com o piloto policial comandante da aeronave concomitantemente com a exibição dos vídeos e imagens pré-selecionados. (Esta fase foi filmada)	Trazer à tona os recursos psicológicos ressignificados no processo de reflexão da ação pelo sujeito piloto de helicópteros.	Um notebook e uma câmera de vídeo
4	Entrevista semi-estruturada coletiva com o piloto policial comandante da aeronave e sua tripulação concomitantemente com a exibição dos vídeos e imagens pré-selecionados. (Esta fase foi filmada)	Trazer à tona os recursos psicológicos ressignificados no processo de reflexão da ação pelo sujeito piloto policial piloto de helicópteros expandindo a negociação de sentidos pela participação dos demais sujeitos da tripulação.	Um notebook e uma câmera de vídeo

Fonte: Melo, 2018.

11 ABORDAGEM ANALÍTICA

Todo material videogravado nas entrevistas foi transcrito para análise dos dados. Foi realizada uma análise dialógica com ênfase interpretativa dos dados considerando quatro eixos interpretativos baseados nos 5As (Actor, Action, Audience, Artefact, Affordance) de Glăveanu (2014). São eles: 1) Perspectiva; 2) Ambiguidade e ambivalência e 3) Temporalidade e 4) Uso de instrumentos.

Eixo 1 – Perspectiva: Pretendemos reconhecer o trabalho de perspectivização do sujeito através dos movimentos exotópicos, onde ficarão demonstradas as interações entre o ator e a audiência no curso da ação (Actor, Action e Audience). A partir do eixo 1, a análise buscará lançar luz sobre a demanda perspectivante do sujeito através de suas guinadas exotópicas, ou seja, dos movimentos através dos quais este sujeito busca se colocar no lugar de um outro, destacando-se assim a interação entre o ator e a audiência.

Eixo 2 – Ambiguidade e Ambivalência: Em uma tentativa de ampliação conceitual da teoria dos 5As de Glăveanu (2015) com o acréscimo de um eixo referente à linguagem, tentaremos destacar na análise dimensões do enunciado caracterizadas por uma ambivalência mais intensa (aumento da tensão e coexistência de sentimentos distintos) e de ambiguidade (possibilidade do signo significar mais de um sentido simultaneamente). Conforme indicado anteriormente estas categorias podem lançar luz sobre a dimensão reflexiva e perspectivante da ação próprios a momentos de menor estabilidade de significações prévias do sujeito.

Eixo 3 – Temporalidade: Através deste eixo buscou-se capturar fragmentos enunciativos indicadores de dilatação ou compressão do tempo subjetivo da experiência (duração). A temporalidade também se presentifica na análise a ser empreendida através de significações que aludam à força da indeterminação do futuro e na própria situação reconstrutiva da experiência proporcionada pela situação de pesquisa.

Eixo 4 – Uso de Instrumentos: Neste eixo busca-se perscrutar na fala dos sujeitos participantes aspectos que aludam às affordances da materialidade semiotizada na experiência que ampliam ou restringem o campo da ação promovendo usos mais ou menos inovadores dos instrumentos. Conforme explicado anteriormente, usos inovadores da instrumentalidade podem, no futuro, participar da criação de novos artefatos se repetidos e transmitidos culturalmente.

A situação de pesquisa que implica na reconstrução da experiência vivida possibilita aos sujeitos interpretações e visões que não puderam ser empreendidas no momento em que a ação ocorreu.

Foi necessário fazer alguns ajustes em relação ao novo campo de estudo, pois saímos do contexto da análise da criação artística e da construção do artefato em si (Glaveanu, 2015) para um contexto de estudo da ação criativa no cotidiano de um piloto policial de helicóptero onde o artefato é a própria ação. Analisamos o ato criativo em um contexto concreto de pilotagem policial de helicópteros no âmbito da segurança pública, observando as posições e as perspectivas envolvidas e as consequências desse “mover-se” para a ação criativa. A análise dos dados desta pesquisa assume como importante referência o estudo de Glaveanu (2015) acerca do perspectivismo e da reflexividade.

O contexto da pesquisa se propôs a favorecer a autorreflexão e a produção de enunciados por parte do sujeito na reconstrução da sua experiência a fim de tentarmos capturar as tensões e os movimentos de maior e menor convergência de sentidos que surgiram na reconstrução da experiência vivida e que balizam a ação. Essas tensões foram identificadas a partir das interpretações da entrevista individual com o piloto policial comandante da aeronave e da entrevista coletiva com toda a tripulação (piloto policial comandante, copiloto policial, operador tático aéreo 1 e operador tático aéreo 2).

A fim de diferenciar os enunciados produzidos pelo piloto policial comandante de aeronave nos dois momentos de coleta de dados desta pesquisa (entrevista individual e entrevista coletiva com a tripulação) e assumindo que o endereçamento é traço constitutivo do enunciado porque quando o sujeito diz algo, sempre diz de uma dada maneira dirigindo-se a alguém e o ser desse alguém interfere na própria maneira de dizer (Brait, 2016, p.24), nomeamos o conteúdo da entrevista individual de *Eu-piloto* e o conteúdo da entrevista coletiva de *Eu-tripulação*.

As tensões, os impasses, as ambivalências e ambiguidades dos enunciados e atos de fala do participante são tomados como pontos sensíveis para a captura das perspectivas implicadas nos processos criativos, pois colocam o sujeito diante de um universo de perspectivas possíveis, condição propícia para capturar o ato criativo. Os momentos de tensão, de quebra de expectativa são justamente os momentos por nós entendidos como mais propícios para identificar as transformações e a emergência do novo.

12 AMBIÊNCIA E ATMOSFERA DA PESQUISA

Esta seção busca caracterizar a ambiência no sentido de favorecer a compreensão do leitor acerca de como o ambiente participa e é transformado subjetivamente em atmosfera através dos significados emergentes no contexto local e sua temporalidade irreversível.

Sendo assim, apresentaremos nesta seção não só uma caracterização do ambiente em que a pesquisa aconteceu em suas etapas de entrevistas, mas também o ambiente em que se deu a situação geradora do trabalho de reconstrução nas entrevistas (a ocorrência aeropolicial com confronto armado), a cabine do helicóptero policial. Isto porque entendemos que o ambiente é uma outridade que participa do curso da ação e o objetivo de caracterizar também a cabine do helicóptero policial é melhor situar o leitor acerca das características deste ambiente, visto que é pouco conhecido pelo público em geral e entendemos que a sua caracterização propiciará um melhor entendimento das falas dos sujeitos durante as entrevistas.

Destacamos que o ambiente humano é sempre um ambiente cultural e quando nos referimos a um ambiente cultural, estamos nos referindo a uma dimensão que é semiótica enquanto processo afetivo e de significação. Segundo Schein (2001) a cultura de uma organização pode ser reconhecida também através do seu ambiente constituído que é representado dentre outras coisas, por sua arquitetura, tecnologia e disposições dos escritórios.

O conceito de atmosfera tomado como o que um espaço/lugar significa para alguém tem sido discutido em estudos recentes nos Estados Unidos e na Europa em áreas como a psicologia, geografia e filosofia (Robert Innis, Denis Bertrand, Hannes Palang, Luca Tateo).⁵

Em seu sentido literal o termo atmosfera significa camada de ar que envolve o planeta Terra, atmosfera terrestre, ou ainda camada de gases que está ao redor de um planeta, mantida pela gravidade. Por extensão, céu, reunião das condições relacionadas ao tempo, à meteorologia. Em seu sentido figurado, atmosfera pode ser entendida como clima, ambiente que determina psicológica e espiritualmente uma pessoa, uma situação, circunstância (atmosfera festiva)⁶.

⁵ Winetasting Seminar: Atmosphere as a Sign. Disponível em <<https://www.en.aau.dk/events/event/winetasting-seminar--atmosphere-as-a-sign.cid330404>>. Acesso em 12 jan 2019.

⁶ Disponível em <<https://www.dicio.com.br/atmosfera/>>. Acesso em 12 jan 2019.

Segundo Herman Schmitz (2016) uma pessoa experiencia uma atmosfera em um envolvimento afetivo e pode ser afetada e tomada pela atmosfera ou apenas percebê-la. Para este autor, o termo atmosfera expressa interconexão do sujeito com o ambiente.

Ainda sobre a forma como uma pessoa pode experienciar uma atmosfera referida por Schmitz (2016), entendemos que em toda a atmosfera existe uma agentividade, daí, interpretamos que na experiência, o sujeito ao ser afetado pela atmosfera é dotado de agentividade, mas, ao não ser afetado por esta atmosfera é também agente que no caso resiste a ela.

O tema atmosfera ainda se encontra em construção e é recente e pouco definido. No entanto, pode sinalizar uma forma de compreensão e interpretação da realidade através das materialidades simbólicas, tais como objetos, posicionamentos, interações, expressões, movimentos, cores, que sugerem um envolvimento afetivo do sujeito com o ambiente (PALANG, 2017).

Esta noção de atmosfera tomada para fins desta pesquisa nos conduz à necessidade de descrever os ambientes em que as atmosferas se deram para uma melhor compreensão do leitor, porém sem a possibilidade de descrever a atmosfera em si, pois esta é construída subjetivamente no encontro do sujeito com o ambiente e também é dinâmica.

Salientamos que a ação investigada nesta pesquisa não ocorre nem dentro e nem fora da cabine da aeronave, mas sim na borda entre o que está acontecendo na cabine e o que está acontecendo fora dela. Pois, a ação do sujeito dentro da cabine é uma reação a tudo aquilo que está acontecendo fora da cabine.

12.1 A CABINE DA AERONAVE

Como ilustrado na figura 2, durante uma operação policial, o helicóptero é operado com as portas traseiras abertas para oportunizar aos operadores aerotáticos (OATs) atividades como observação, acompanhamento, busca, disparo de arma de fogo e outros procedimentos característicos das ações policiais. Ocorre que a condição de operação com portas traseiras abertas sem barreiras aos ventos, somada ao som produzido pelo motor e pás da aeronave em operação eleva em muito os ruídos no interior da cabine, sendo necessário o uso de fones para tornar possível comunicação oral entre os membros da tripulação, assim como da tripulação com o controle de tráfego aéreo e canais de rádio policial.



Figura 2 – Aeronave Utilizada pela Tripulação de Pesquisa

Fonte: Arquivo GTA.

Esta condição de portas abertas sem barreiras aos ventos e dos ruídos elevados dificultaram o entendimento total dos diálogos que se deram no interior da aeronave no momento da ação registrada em vídeo, sendo necessário que durante as entrevistas os sujeitos fossem indagados várias vezes sobre o que lembravam ter dito e ouvido na ocasião. Porém, vale salientar que durante as ações os tripulantes utilizam fones acoplados à aeronave que permitem que estes falem e ouçam entre si com relativa clareza.

Os ruídos causados pelos rotores da aeronave, a vibração, as variações de pressão e temperatura, o ambiente limitado da cabine onde os equipamentos e armamentos devem estar amarrados por questões de segurança são fatores que caracterizam o ambiente da ação do piloto policial como hostil à condição humana e promotor de estresse psicofísico.

A cabine do helicóptero monoturbina, modelo esquilo AS 350 B2 utilizado pelas forças policiais de Pernambuco e também de alguns outros estados da federação, ambiente em que se desencadeiam as ações do piloto policial comandante de aeronave, é dotada de painel que fornece diversas informações em formatos digitais e analógicos, conforme figura 3.

Figura 3 – Painel da aeronave – cockpit



Fonte: Blade, 2018.

No que diz respeito à disposição dos sujeitos na cabine da aeronave na situação da ocorrência aeropolicial em que aconteceu o confronto e que foi reconstruída pelos participantes nesta pesquisa, a configuração é a seguinte: o primeiro piloto em comando (PIC) sentado à dianteira direita da cabine, o segundo piloto em comando (SIC) sentado à dianteira esquerda da cabine e dois operadores aerotáticos nos assentos traseiros direito e esquerdo, respectivamente. Este posicionamento dos sujeitos na cabine será retomado adiante na forma como aparece na entrevista coletiva com a tripulação.

Figura 4 – Disposição da tripulação na cabine



Fonte: Arquivo digital GTA.

12.2 A SALA DAS ENTREVISTAS

A situação de pesquisa, em suas etapas de entrevistas, se deu nas dependências físicas da unidade aérea, mais especificamente na sala de aula da unidade onde aconteceram a entrevista individual com o piloto comandante da aeronave (PIC) e a entrevista coletiva com a tripulação.

Podemos caracterizar o ambiente em que se deu a pesquisa propriamente dita como sendo o ambiente profissional dos sujeitos em seus horários de trabalho, a sala em questão é um local onde rotineiramente a psicóloga e pesquisadora já realiza os treinamentos, dinâmicas e entrevistas com os tripulantes da unidade. Desta forma, o ambiente de pesquisa nas etapas de entrevistas é caracterizado como um ambiente organizacional disciplinar de sobriedade e de impessoalidade (figuras 5 e 6).

Figura 5 – Sala das entrevistas



Fonte: Acervo da autora.

Figura 6 – Momento de entrevista coletiva



Fonte: Acervo da autora.

Salientamos que até então, empreendemos nesta seção uma descrição objetiva dos elementos materiais que participam e compõem a atmosfera. Isto porque a atmosfera vai surgir do encontro do sujeito com a situação, logo nos é impossível antecipar a atmosfera, mas apenas podemos descrever o ambiente em que ela foi construída e reconstruída.

13 A ENTREVISTA INDIVIDUAL COM O PILOTO POLICIAL COMANDANTE: O EU-PILOTO

O momento de entrevista individual com o piloto policial comandante de aeronave (PIC) teve duração total de 1h05min onde foram exibidos 06 trechos de gravação em vídeo e 05 imagens do apoio aéreo policial ocorrido na ação policial no interior do Estado de Pernambuco, sob o comando do referido piloto.

Os vídeos e imagens foram expostos ao sujeito PIC ao longo da entrevista semiestruturada pertencem aos registros de ocorrências da unidade aérea e foram cedidos para fins desta pesquisa. A escolha por trabalhar com os vídeos e imagens cedidos pela própria unidade aérea se deu por conta da excepcionalidade da situação escolhida e já registrada e que foi marcada pelas tensões, ambiguidades, imprevisibilidades e risco, condições que como já abordamos, se mostram propícias para a captura da ação criativa.

A fim de facilitar a leitura da entrevista com o piloto policial comandante de aeronave, retomamos a sequência dos vídeos e imagens na ordem em que foram apresentados na entrevista, conforme o roteiro semiestruturado:

- Vídeo 01 – Cenas internas da aeronave observando os suspeitos armados em terra;
- Vídeo 02 – Cenas internas da aeronave mostrando um breve diálogo interno e as manobras feitas pelo piloto para posicionar a aeronave em condição de disparo de arma de fogo;
- Vídeo 03 – Cenas da troca de tiros com indivíduos suspeitos em solo;
- Vídeo 04 – Cenas externas à aeronave feitas por populares no momento do confronto armado;
- Vídeo 05 – Cenas de uma reportagem jornalística sobre o confronto;
- Vídeo 06 – Cenas de um canal de televisão aberta com entrevista do secretário de defesa social do estado elogiando a ação policial;
- Imagem 01 – aeronave pousada no local da ocorrência;
- Imagem 02 – tripulação policial;
- Imagem 03 – aeronave pousada no hangar do aeroporto;
- Imagem 04 – “print” da tela do celular do copiloto com imagens do aplicativo de mensagens;
- Imagem 05 – suspeito atingido por disparo de arma de fogo durante o confronto com a tripulação policial.

Entendemos que, apesar da necessidade de escolher trechos da entrevista para aprofundar nossas discussões, não se pode assumir que podemos examiná-los isoladamente, pois eles integram uma rede de relações que dão o arcabouço necessário para fazerem sentido para o todo.

Passaremos a apresentar os trechos destacados na sequência em que estes foram surgindo na entrevista fazendo a interpretação dos enunciados em seu conjunto de negociações de sentido considerando os 04 (quatro) eixos analíticos: 1) Perspectiva; 2) Ambiguidade e Ambivalência; 3) Temporalidade e 4) Uso de instrumentos.

A entrevista se inicia com a exibição dos vídeos 1, 2 e 3 em sequência que apresentam uma sequência do sobrevoo da aeronave no local da ocorrência e o início do confronto armado com os suspeitos.

PIC: ((cara de tensão, respiração profunda seguida de um sorriso)) Você vendo o vídeo dá uma (..) você relembra, dá uma tensão.

PESQUISADORA: O que você sente quando revê?

PIC: *Então. Na maioria das vezes que acontece o apoio aéreo nas operações policiais, em mais de 90% dos casos, a atuação ela se dá tão somente na (..) verificação dos locais, passar as informações para o pessoal em terra sobre possíveis locais de fuga e verificação da fuga realmente, se houver alguma fuga a gente vai fazer o acompanhamento. Nas condições mínimas, na porcentagem mínima é onde existe o confronto. Nesse caso foi especial porque houve o confronto, houve a necessidade do confronto, e houve (..) é, ele aconteceu por cerca de 20 minutos, o que também não é comum em tiroteios. Os tiroteios na maioria das vezes são rápidos, eles acontecem muito rápido e acabam rápido também.*

Neste trecho podemos verificar o esforço do sujeito PIC em destacar a excepcionalidade da experiência vivida, bem como é possível identificar nesta sequência o eixo 3 – Temporalidade na dilatação do tempo cronológico de duração da experiência. Esta passagem também evidencia um momento de quebra da expectativa enquanto futuro relativamente previsível no horizonte cotidiano que caracteriza as experiências anteriores de ocorrências breves e sem a instauração do confronto armado.

A tensão e o sorriso ao lembrar a experiência nos remetem a elementos extra verbais que apontam para o posicionamento do sujeito frente ao que lhe foi apresentado e a ambivalência (eixo 2) em relação ao que foi vivido expressada de forma quase que sequenciada por uma respiração mais profunda e um semblante de tensão seguido de um sorriso.

Ainda referente ao eixo 3 (ambiguidade), podemos identificar como termos ambíguos o “apoio” e o “confronto” que podem assumir duplo sentido ou significar coisas diferentes, pois o apoio ao policiamento de solo pode significar uma simples observação

aérea ou ainda o confronto com os suspeitos. No segundo caso, apoio significa também confronto. Assim como o confronto com indivíduos suspeitos pode significar apoio ao policiamento em solo. Neste caso, confronto e apoio significariam a mesma coisa, traduziriam a mesma ação.

A pausa breve que acontece no momento em que o sujeito tenta explicar por que esta situação foi “especial” se referindo ao confronto pode indicar um esforço em significar, escolher palavras que melhor descrevam a experiência que este reconstrói no momento da entrevista.

Os deslocamentos inerentes ao eixo 1 – Perspectiva de nossa análise podem ser vistos no próprio momento de reconstrução do vivido a partir da entrevista com exposição dos vídeos que proporciona o deslocamento do sujeito para a posição de audiência de si mesmo e torna possível a tomada de uma nova perspectiva por parte do sujeito, onde este pode avaliar suas ações e seus resultados, como na fala “Você vendo o vídeo dá uma (..) você relembra, dá uma tensão”.

PESQUISADORA: O que você sente quando vê o vídeo?

PIC: ((respira fundo)) Então. Quando eu (..) recordo, olho novamente o vídeo, eu passo o filme, né? Passa o flash na cabeça e me sinto na situação novamente como se tivesse lá ((sorriso)). Um pouco tenso porque durante os 20 minutos houveram, houve diversos sentimentos e fatores a gerenciar.

PESQUISADORA: Você poderia me dizer que sentimentos e que fatores foram esses?

PIC: *Inicialmente, como eu tinha falado, a gente ia fazer o acompanhamento, a passagem de informação para o pessoal de solo. É (..) e encontrou uma resistência. O pessoal começou a efetuar disparos, e (..) dando sinal de que não ia se entregar. Por diversos momentos houve a tentativa de fuga por vários lados da casa. O efetivo da polícia civil cercou a casa, se manteve no cerco, mas não havia progressão e nem havia também a intenção do pessoal se entregar.*

Neste trecho que é uma continuação da fala anterior do sujeito PIC enquanto audiência de suas próprias ações exibidas em vídeo, o primeiro eixo aparece nos deslocamentos exotópicos expressos como “se estivesse lá” na situação e nas perspectivas que o sujeito faz quando entende que os suspeitos dão “sinais” e não “havia intenção de se entregar”.

Podemos também inferir certo grau de ambivalência (eixo 2) quando o sujeito refere tensão e “vários sentimentos a administrar” em uma fala permeada por respirações mais profundas, sorriso tenso e uma pausa breve no momento de descrever a ação dos suspeitos que efetuavam disparos de arma de fogo durante o confronto.

Mais uma vez as quebras da expectativa e do habitual aparecem na fala do sujeito que refere que encontrou “uma resistência” por parte dos suspeitos. Podemos caracterizar

esta quebra como componente do ato criativo na medida em que esta exige do sujeito uma adaptação, um ajuste, uma modificação no curso da ação em um contexto que é dinâmico. Esta mudança no curso da ação também aparece no trecho seguinte onde o sujeito se refere a uma “evolução” da ação de observação para a ação de confronto.

A linguagem predominantemente técnica do sujeito, inclusive quando questionado sobre os sentimentos experimentados na experiência ora reconstruída nos parece influenciada pelo contexto organizacional que envolveu a pesquisa, visto que este sujeito estava sendo entrevistado em seu ambiente de trabalho pela psicóloga da unidade acerca de uma ação profissional por ele desempenhada.

Considerando o endereçamento dialógico da fala, a situação configurada era o piloto policial comandante de aeronave falando de sua ação em uma ocorrência aeropolicial para a psicóloga da unidade em um momento e entrevista para fins de pesquisa científica. Esta fala predominantemente técnica nos aparece a todo momento da entrevista individual como uma confirmação do saber do sujeito piloto policial acerca do vivenciado.

PESQUISADORA: E o que você sentiu neste momento?

PIC: *E aí o nosso apoio teve que evoluir da simples observação para o confronto já que a gente tava sendo alvo e os colegas embaixo estavam sem possibilidade de avançar. Então nos momentos em que eles saíam, eles tentavam sair de diversas formas para poder é (...) nos enganar ou achavam que não estavam cercados, aí começou o confronto, os disparos. E nesse momento, a equipe “opa, o negócio agora tá acontecendo na realidade!”. E a gente mudou até o clima mesmo da cabine para o objetivo, né (...) Só que houve um momento nesse, nessa ocorrência que a gente teve que gerenciar munição, a quantidade de munição...*

Nesta passagem identificamos aspectos do eixo 2 (ambiguidade/ambivalência) na relação cogenética observação/confronto e nos perguntamos se uma não aparece como borda da outra. Esta dualidade observação/confronto aparece como balizadora da ação e se mostra como força reconstrutiva da ação no momento em que esta ocorre, no momento em que a ação de observação se transforma em ação de confronto.

Em uma guinada intersubjetiva exotópica o sujeito perspectiva a outridade referindo que os “colegas lá embaixo” estavam sem possibilidade de avançar e inferia em momento de ambiguidade que os suspeitos ou estavam querendo enganá-lo ou achavam que não estavam cercados (eixos 1 - Perspectiva e 2 – Ambiguidade e Ambivalência). O eixo 1 - Perspectiva também aparece nesta passagem no aspecto posição (enquanto localização), onde o sujeito vê e perspectiva a situação de cima.

Aspectos do eixo 4 – Uso de instrumentos, aparecem na necessidade de gerenciar o uso da munição e na possibilidade de avançar pelo ar, onde a aeronave aparece enquanto ferramenta para chegar ao local que tem difícil acesso por terra, o que se evidenciou na

dificuldade do policiamento que estava em solo avançar. A affordance aparece aqui como fator limitante do horizonte de possibilidades quando se refere à necessidade de gerenciar munição no sentido de economizar por estarem em pouca quantidade: “Só que houve um momento nesse, nessa ocorrência que a gente teve que gerenciar munição, a quantidade de munição”. Já no que diz respeito ao uso da aeronave, a affordance aparece como fator que amplia o horizonte de possibilidades de ação possibilitando um avanço pelo ar que não era possível por terra: “os colegas embaixo estavam sem possibilidade de avançar”.

Tínhamos falado da dualidade apoio/confronto que agora aparece como sinônimo observação/confronto de forma dinâmica em transformação (a observação se transformando em confronto). Primeiro o apoio é como observar e as ambiguidades vão se reconstruindo ao longo da fala em um deslizamento de significados onde em um momento apoio pode ser observar e em outro o apoio pode se dar confrontando com os suspeitos para ajudar (apoiar) os policiais em solo. Essa transformação dos significados aparece como importante aspecto da emergência do novo na fala dos sujeitos.

O trecho a seguir é uma continuação da passagem anterior que foi dividida sem alterar a sequência em que apareceram para facilitar o processo de análise.

... Nesse momento, passou um pouco de, deu um pouco de nervosismo porque a gente já tava sem saber o que fazer, a verdade foi essa. Será que (...). Como vai ser esse desfecho? Porque o pôr-do-sol chegando, o apoio que a gente tinha pedido não tinha chegado, o pessoal tentando fugir, então a gente começou a administrar isso. Vai acabar a munição deles e em algum momento a gente vai ter que avançar. Mas, durante esse momento que é tão rápido, mas pra gente na hora se torna uma eternidade, a gente ficou com aquela “calma, vamos dar mais um tempo, espera um pouquinho, eles vão se entregar”.

Este trecho que é uma sequência da passagem anterior onde o sujeito refere que precisou gerenciar a munição de que dispunha na situação e que identificamos como aspecto do eixo 4 – Uso de instrumentos. O aspecto da Temporalidade (eixo 3) aparece na indeterminação do futuro quando o sujeito refere que ele e sua tripulação já estavam sem saber o que fazer e se indagavam “Como vai ser esse desfecho?”. Também encontramos a temporalidade na experiência de compressão e dilatação do tempo cronológico da experiência quando o sujeito refere que é rápido, mas que uma hora vira uma eternidade.

A fala do sujeito nos revela a ambivalência (eixo 2) entre nervosismo/calma que o sujeito refere que sentiu no mesmo trecho. O nervosismo de não saber o que fazer e nem o desfecho da situação coexiste com a calma de esperar que os suspeitos se entreguem.

Aqui também o sujeito PIC perspectiva a outridade e antecipa um futuro possível onde os suspeitos se entregariam (eixo 1 - Perspectiva).

PESQUISADORA: *Aí você diz que “mudou o clima na cabine”. Como é mudar o clima na cabine?*

PIC: *A gente tem um clima bastante tranquilo durante o voo. E quando você vai para as operações vem aquela seriedade. Nesse momento onde houve os disparos aí eu consegui olhar todo mundo em volta e vi todo mundo focado para aquilo ali. Você vê que o clima de tensão toma conta.*

Nesta passagem o sujeito descreve uma “mudança de clima” na cabine que caracteriza bem uma ruptura que amplia o nível de tensão. A convergência se dá nesse acordo tácito na rotina baseada em experiências passadas e aqui ocorre uma ruptura que amplia o nível de tensão. Podemos então falar de uma dimensão intersubjetiva que constrói os balizadores que atuam no curso da ação, trata-se de uma dimensão que participa de uma perspectivação necessariamente interpsicológica que é negociada ou ainda intuitivamente construída pelo histórico da relação dos sujeitos.

Na sequência da entrevista o sujeito PIC assiste ao vídeo 4 feito à distância por populares no momento do confronto.

PESQUISADORA: *Temos outro vídeo aqui feito por populares ((apresentação do vídeo 4 que mostra o confronto filmado à distância pela população local)).*

PIC: *Eu acho, inclusive, que foi nessa hora ((vídeo 4)) que foram mais intensos os disparos.*

PESQUISADORA: *No vídeo vozes de populares dizem “É muita coragem!”. O que você sente ao ver esse vídeo?*

PIC: *((sorriso)) A gente sente orgulho do trabalho. Ocorreu com êxito esse, só teve uma fuga. A gente conseguiu ver essa fuga, mas não conseguiu conter porque a gente tava no outro que também saiu ao mesmo tempo, um em cada direção (...) Mas, a gente sente orgulho da profissão, orgulho do trabalho, orgulho da equipe, vê que os populares admiram, as pessoas admiram o nosso trabalho (...) é isso aí ((sorriso)).*

Esta sequência nos traz a dimensão afetiva envolvida na ação do piloto policial que aqui aparece como orgulho da profissão, do trabalho realizado e da equipe do qual faz parte. Essa dimensão afetiva aparece na forma de vetores valorativos que permeiam as decisões, ações e reações dos sujeitos no curso da ação criativa. Pois o orgulho existe em relação à vergonha ou a outro sentimento no campo do não orgulho, uma dualidade que se mostrou presente no balizamento da ação.

O trecho seguinte acontece quando apresentamos ao sujeito PIC o vídeo 5 que mostra uma matéria jornalística veiculada na tv aberta acerca do confronto armado com entrevistas de alguns policiais que estavam em solo no momento da atuação do sujeito piloto policial (PIC) e sua tripulação no Falcão 03 (helicóptero utilizado na ocasião).

PESQUISADORA: *Temos aqui outro vídeo da reportagem na mídia sobre o fato, sobre o que vocês fizeram e com depoimentos dos policiais civis que estavam em terra se referindo ao trabalho de vocês ((apresentação do vídeo 5)). O que você*

sente ou pensa quando vê o delegado dizendo que os policiais em terra se sentem mais seguros por você, ou por vocês estarem “lá em cima”?

PIC: Pelo GTA (Grupamento Tático Aéreo) estar dando o apoio, né?

PESQUISADORA: Isso.

PIC: Eu tive a oportunidade de efetuar um trabalho em solo e a aeronave deu o apoio. Realmente a sensação de segurança é muito grande. Nesse caso específico, como a gente atuou contendo, efetuando disparos e jogando granadas eu acredito que eles se sentiram muito bem seguros. Tipo: “A gente tá com apoio”.

Analisando esta passagem, observamos que o sujeito PIC faz alguns deslocamentos a fim de perspectivar o outro nos momentos de dúvidas em seus diálogos internos antes de decidir que ações adotar diante do desconhecido (eixo 1 - Perspectiva). O próximo texto é uma continuação da fala do sujeito PIC ainda sobre o vídeo 5 (matéria jornalística) e que foi desmembrado apenas para fins desta análise.

PESQUISADORA: Eles verbalizaram isso na entrevista... (a importância do apoio recebido pelo grupamento aéreo)

PIC: Até hoje em ‘cidade X’ esta é uma ocorrência que eles endeusam muito a gente, também pelo fato de que a casa onde eles estavam era uma casa de engenho onde todos os disparos que os policiais estavam efetuando não estavam afetando em nada, parede muito grossa e tal. E o pessoal muito bem armado, atirando contra eles, fizeram com que neutralizassem, eles ficaram neutralizados. E eu acredito que deve ter passado na cabeça deles o que também passou na minha: E agora? O que é que nós vamos fazer? Qual é o próximo passo que a gente vai dar? Houve a presença, a troca de tiros, a resistência. E eu acredito que passou na cabeça dos policiais como passou na minha também qual o próximo passo que temos que dar.

Nesta sequência, observamos aspectos do eixo 3 – Perspectiva na imprevisibilidade do futuro que gera a dúvida do que fazer e do “próximo passo” a dar. Esta mesma fala nos traz o aspecto do eixo 3 – Temporalidade onde a indeterminação do futuro mais uma vez parece ampliar a sensação de dilatação do tempo da experiência. O eixo 1 – Perspectiva aparece na fala do sujeito quando este refere que “acredita que passou na cabeça dos policiais como passou na dele”, demonstrando “pensar sobre o que os outros pensam”. Relativo ao eixo 2, o signo “pessoal” aparece como ambíguo, pois, foi utilizado pelo sujeito para se referir aos suspeitos nesta situação, porém o sujeito também utilizou o mesmo signo em outros trechos da entrevista para se referir aos policiais em solo.

Enquanto aspecto do eixo 4, a affordance aparece na descrição que o sujeito faz da casa de engenho com paredes muito grossas que “neutralizam” os disparos de arma de fogo e impedem os policiais em solo de progredir no terreno, situação que foi solucionada com o uso da aeronave que proporcionava uma ampla visão de cima do local e maior possibilidade de agir.

No momento seguinte, o sujeito PIC elabora e tenta explicar para a pesquisadora sobre a importância de ter um copiloto para analisar parâmetros da aeronave para que ele (PIC) exerça uma pilotagem que ele chamou de “mecânica” e voltada para a situação. Assim, o sujeito PIC relata uma mudança na forma de pilotar.

PIC: Em termos de voo, Vanessa (pesquisadora), é importante a presença do copiloto para analisar parâmetros da aeronave porque você perde o foco de estar olhando o painel. Você fica só na pilotagem mecânica mesmo e voltado para a situação ((aponta para o lado direito e para baixo como se estivesse no helicóptero sobrevoando a situação)).

PESQUISADORA: E nesta hora em que você perde esse foco o que passa na sua cabeça? O que muda?

PIC: Muda o contexto da pilotagem normal para uma operacional em atividade real.

PESQUISADORA: E o que é que passa na cabeça?

PIC: Na cabeça passa a intenção de neutralizar aquilo, terminar e voltar para casa. Que os colegas todos saíam com vida, mas a gente sabe que esse risco é inerente a esse voo, né? E realmente existe uma tensão, muda, muda o clima na cabine, muda a forma de pilotagem porque você vai ter que pilotar mais agressivo, muda a maneira como você se comunica com a máquina.

Nesta passagem o sujeito refere uma “mudança na no contexto de pilotagem” que também é descrita por ele como uma transição do “normal” para o “real”, como uma “pilotagem mais agressiva” e como uma mudança na “maneira como você se comunica com a máquina”. A quebra da expectativa e do futuro mais ou menos previsível do sujeito proporcionado pelas suas experiências anteriores exige desse sujeito mudanças e adaptações de suas ações (surgimento da novidade), o que ficou demonstrado neste trecho.

No campo das expectativas e das perspectivas de um futuro relativamente previsível com base nas experiências (eixo 1 – Perspectiva), percebemos que o sujeito PIC faz uma diferenciação entre dois contextos de pilotagem: “Muda o contexto da pilotagem normal para uma operacional em atividade real”. Considerando que o “normal” só existe em relação a um estado de “anormalidade” e que o “real” se configura em oposição ao que não é real ou que não se realiza, atentamos para o fato de que o sujeito PIC utiliza o signo “normal” para se contrapor ao signo “real”.

Na dualidade normal/real construída pelo sujeito, o signo “real” foi usado para significar uma situação de quebra de expectativa, pois apesar de estar situado em um futuro de possibilidades do piloto policial, via de regra o confronto armado não acontece. Toda ação que acontece dentro das expectativas e fora do contexto de confronto é significada pelo sujeito PIC como “normal”, enquanto a ação no contexto do confronto armado é significada como “real”.

Desta forma, já considerando o eixo 2 – Ambiguidade e Ambivalência, os signos “normal” e “real” aparecem como ambíguos, podendo assumir os significados de oposição à anormalidade e ao irreal, respectivamente, ou ainda significar os contextos de ausência de confronto e presença de confronto armado como referidos pelo sujeito PIC.

Ainda relativos ao eixo 2 – Ambiguidade e Ambivalência, destacamos a ambivalência dos sentimentos relativos à preservação da vida coexistindo com os sentimentos de colocar a vida em risco em uma operação aeropolicial com confronto armado. Os signos “neutralizar aquilo” utilizados juntos pelo sujeito para descrever seus objetivos na operação aeropolicial são termos ambíguos, pois neutralizar pode assumir mais de um significado tanto em relação à situação quanto aos outros sujeitos envolvidos (suspeitos e policiais em solo).

Relativo ao eixo 4, encontramos aspectos da affordance na forma de “se comunicar com a máquina” numa forma de pilotar que o sujeito refere como “mais agressivo”, onde o sujeito refere a um uso diferente da máquina (helicóptero).

Seguindo a sequência da entrevista, passamos a analisar o seguinte trecho:

PESQUISADORA: Quando você falou dos sentimentos e da mudança de clima na cabine, falou de ansiedade e de medo. Esse medo se refere ao perigo de vida de vocês naquele momento, ao medo de errar, como é esse medo? Existe o medo de errar?

PIC: É uma mistura de tudo porque quando a gente chegou, logo que a gente chegou, uma senhora sai da casa, uma mulher sai da casa com uma criança no colo ((faz gesto como quem segura um bebê)). Então você começa a pensar se lá dentro só tem marginais, se tem reféns, se tem crianças, então fica aquela incógnita, só tem gente do mal ou tem pessoas também ali reféns nessa situação? Então você efetua um disparo a ocorrência toma outra proporção se atinge uma pessoa dessas. Então a gente fica com essa cautela, o medo seria mais uma cautela entre o dar tudo certo e de uma hora para outra dar tudo errado. Porque numa situação dessas em que você atinge uma pessoa que não tem nada haver, é (..) perde a glória. Se você consegue efetuar dez prisões, mas tem um morto inocente parece que não encaixa bem. Então essa emoção tá ali no meio, entre se a gente tá fazendo o certo, onde é melhor ter cautela, onde tem que avançar.

Destacamos que na fala do sujeito PIC “Se você consegue efetuar dez prisões, mas tem um morto inocente parece que não encaixa bem” o sujeito perspectiva sua própria ação em relação à audiência, aspecto relativo ao eixo 1 (Perspectiva) de análise.

Nesta passagem, a ambiguidade (eixo 2) das imagens com que o sujeito se depara com uma mulher com uma criança no braço, um grupo de marginais e possíveis reféns que ele refere como uma incógnita entre bem e mal. O sujeito dá significado ao medo como sendo uma cautela que vai interferir no resultado da ação em que pode ser “dar tudo certo” ou “dar tudo errado”.

A dualidade certo/errado aparece não apenas quando o sujeito se refere aos possíveis resultados da ação, mas também se faz presente em uma relação cogenética quando ele se indaga se “tá fazendo o certo” que implica na possibilidade de “estar fazendo errado”, pois o certo existe apenas em relação ao errado. O sujeito associa o erro a “perder a glória” e exemplifica dizendo que “se você consegue efetuar dez prisões, mas tem um morto inocente parece que não encaixa bem” como se referisse a dez acertos e um erro que lhe tira a glória.

Na sequência da entrevista o sujeito PIC descreve um movimento de convergência de sentidos entre os sujeitos da tripulação afirmando que todas as ações da equipe são compartilhadas e todos são parte do resultado final do trabalho. Ele descreve uma dependência entre as funções exercidas pela sua equipe e um compartilhamento de decisões, ações e resultados.

PESQUISADORA: Mas, eu percebi que você sempre se coloca como se você mesmo estivesse puxando esse gatilho podendo ou não atingir inocentes. Como você se sente em relação a isso? Você sente como se você mesmo puxasse esse gatilho? Como é isso?

PIC: Termino sentindo porque como a equipe embarcada realmente é uma equipe, cada função depende uma da outra, nesse caso a minha função é dar autorização para carregar armamento, efetuar disparo, e nesse momento ele tinha a minha autorização para efetuar o disparo. Então, termina a equipe toda se sentindo parte do trabalho completo. Porque se ele disparou é porque tinha a autorização do comandante e (...) vice-versa. Se ele também disser que não é para eu ir para uma área ou que não é para eu fazer um pouso, eu não pouso. Então termina que aquele pouso realizado foi também do operador, não fui só eu que fiz. A ação é compartilhada, então termina que o disparo foi feito por todos.

Observamos neste trecho, mais especificamente na fala “a ação é compartilhada, então termina que o disparo foi feito por todos”, as relações de interdependência e intersubjetividade da ação do sujeito PIC com sua tripulação num máximo esforço de convergência de sentidos no curso da ação. A convergência de sentido parece ser muito importante neste tipo de ação onde o tempo que o sujeito tem para agir é curto (temporalidade) e o contexto se caracteriza pelo risco. Esta convergência parece se dar num acordo tácito na rotina baseada nas experiências passadas e numa base comum de afetos e memórias compartilhadas entre os sujeitos da tripulação. Podemos também inferir o eixo 1

– Perspectiva quando o sujeito infere o sentimento dos outros sujeitos da tripulação dizendo que “termina a equipe toda se sentindo parte do trabalho completo”.

Na sequência da entrevista, passamos a investigar aspectos da trajetória profissional do sujeito PIC, buscando entender o caminho por ele percorrido para se tornar um piloto policial. Esta parte da entrevista já não configura a perspectivação na experiência reconstrutiva, mas nos sinalizou ser importante conhecer aspectos da trajetória de vida profissional do sujeito em uma tentativa de melhor compreender a dimensão afetiva e os valores balizadores de sua ação presentes em toda a experiência reconstrutiva suscitada com a situação de entrevista.

PESQUISADORA: Falamos da ocorrência. Agora eu quero te fazer umas perguntas para que você me responda na condição de piloto policial. A primeira pergunta é: Como você se tornou um piloto policial? Qual foi o caminho que você percorreu?

PIC: Eu comecei na aviação civil. Trabalhei muito tempo na Globo, voei o Globocop durante cinco anos, trabalhei como piloto particular uma época também, e sempre via em viagens a atuação dos pilotos policiais e pensava em entrar para um grupamento desses em algum dia da minha vida para aprender as manobras, fazer parte desse tipo de ocorrência que só quem faz é o pessoal dessa área. O pessoal militar das forças armadas faz outro tipo de serviço, mas essas e os resgates de área e do apoio policial tem que ser vinculado a essa força. Então, eu fiz o concurso, passei e vim fazer parte do GTA.

Ao descrever seu caminho que se inicia na aviação civil em empresas como piloto particular, o sujeito PIC traz aspectos do eixo 4 (uso de instrumentos) quando refere que queria usar a aeronave de outra forma para fazer “outro tipo de trabalho”. A utilização da aeronave fora do seu uso habitual de meio de transporte, como instrumento que torna possível avançar pelo céu quando as dificuldades do terreno em solo se impõem aos policiais, manobrar para dar condições de efetuar disparos precisos e ampliar o campo de observação (ver de cima) é também aspecto do eixo 4 desta análise. O trecho seguinte é uma continuação da fala onde a pesquisadora busca um aprofundamento na compreensão da dimensão valorativa presente na fala do sujeito PIC ao referir uma escolha por um trabalho diferente do que ele já fazia como piloto particular: “ pensava em entrar para um grupamento desses em algum dia da minha vida para aprender as manobras, fazer parte desse tipo de ocorrência que só quem faz é o pessoal dessa área”.

PESQUISADORA: Você achava que o que se fazia num grupamento aéreo era diferente do que você fazia, mesmo você já sendo piloto?

PIC: Exatamente. Eu queria usar a aeronave para fazer esse outro tipo de trabalho com ela.

PESQUISADORA: Por quê?

PIC: Porque eu achava bonito, eu achava gratificantes essas missões. E eu queria usar a minha expertise de pilotar nessas funções.

Destacamos aqui a escolha do sujeito PIC enquanto autor-pessoa que faz uma valoração do seu trabalho em uma guinada exotópica que o coloca em posição de audiência de sua própria ação atribuindo a esta ação valores como “bonito” e “gratificante”. O Eu-piloto é o eu criador que está inserido na ação, porém, este ponto da entrevista nos permite captar o eu-pessoa para melhor compreender os valores e as escolhas do sujeito PIC.

Na fala em que o sujeito refere que “achava bonito”, inferimos uma guinada valorativa, estética, onde a beleza se mostra como o mais alto nível de uma dimensão quase sublimatória, do belo, do sublime.

O endereçamento da ação (proteger e salvar) e o valor que o sujeito PIC atribui a esse tipo de trabalho que envolve resgates e ocorrências policiais descrevendo-o como diferente e gratificante continua a ser abordado por ele no trecho seguinte.

PESQUISADORA: *Você via os voos policiais como voos diferentes? Vê ainda?*
 PIC: *Via. Ainda vejo. Depois que eu entrei no GTA eu verifiquei a diferença entre um voo e outro.*
 PESQUISADORA: *Qual é essa diferença?*
 PIC: *Primeiro que o piloto muda. Ele muda no sentido de controlar mais as emoções, ele muda no sentido de que todo dia ele vai ter mais essa, essa (...) esse equilíbrio entre estar verificando instrumento, pilotando, estar com uma vítima à bordo grave, então você vai misturando todos esses sentimentos, você vai terminando ficando, você termina ficando, como eu posso dizer, um piloto com mais controle. As forças externas já começam a não atuar com tanta intensidade como quando você nunca fez isso.*

Aqui o sujeito refere uma “mudança” onde as “forças externas” não atuam com tanta intensidade em função de um controle emocional proporcionado pela experiência. O sujeito PIC refere uma escolha profissional que acrescenta um elemento de tensão em sua trajetória profissional: a outridade em situação de vida ou morte.

Destacamos também a mudança de posição do sujeito PIC da posição de piloto particular para a posição de piloto policial e as construções de perspectivas em relação a essas posições (eixo 1 – Perspectiva). Esse deslocamento de posições e a construção de novas perspectivas na posição de piloto policial no encontro com as perspectivas antigas do piloto civil aumentam a reflexividade e proporcionam o surgimento do novo que o sujeito descreve com a frase “o piloto muda”.

Esta mudança é referida pelo sujeito de forma ambivalente (eixo 2) como algo que vai “misturando todos esses sentimentos”. Estes sentimentos de controle, de perícia e a emoção de resolver uma ocorrência, atingir um suspeito ou ainda salvar uma vida ou resgatar alguém ao longo da trajetória profissional parecem participar da construção do “controle das emoções” referido pelo sujeito.

A continuação da fala consiste em uma pergunta para melhor compreensão do que o sujeito PIC chamou de “forças externas” no trecho seguinte.

PESQUISADORA: Quais são essas forças externas?

PIC: O que a ocorrência permite. O caso do pouso num lugar não homologado, quando você tem que fazer com mais atenção, verificando obstáculos para poder resgatar aquela vítima, então o fato de a vítima estar lhe esperando e você apressar o pouso e terminar fazendo um pouso diferente, então isso vai lhe dando mais um controle...

Relativo ao nosso eixo 1 – Perspectiva, destacamos que ao referir “o fato de a vítima estar lhe esperando” o sujeito PIC está perspectivando o outro (a vítima) e os seus valores. A mudança da posição de simplesmente pilotar como piloto particular para a posição de piloto policial aumenta a tensão, aumenta o risco, mas também aumenta o valor e a glória atribuídos ao trabalho por parte do sujeito. A perspectivação, a valoração, o papel e o endereçamento social da ação diferentes da posição anteriormente ocupada (piloto civil), bem como a outridade presente em situações que o sujeito PIC exemplifica como “a vítima estar lhe esperando” moldam as suas ações.

O sujeito PIC também refere uma mudança do piloto relativa ao controle das emoções diante de situações adversas como pousos difíceis e vítimas graves a bordo que ele significou como “forças externas” que nos aparece como uma expressão ambígua (eixo 2) na medida que pode significar também ventos, mau tempo e outros eventos que acontecem necessariamente fora da cabine. Uma breve pausa no momento em que tenta descrever essa mudança nos traz a questão do que essa pausa pode significar do ponto de vista da situação introspectiva do sujeito na situação de entrevista.

Nos trechos seguintes o sujeito PIC é convidado a relembrar primeiro o momento mais desafiador e depois o momento mais gratificante da experiência.

PESQUISADORA: Em sua opinião, qual foi o momento mais desafiador dessa ocorrência?

PIC: Foi justamente o momento em que a gente fez a contenção, já tinha passado mais de dez minutos e não tinha ocorrido evolução alguma, o pôr do sol tava para acontecer, e eu pensei, não sei se os meninos também pensaram isso, digo por mim: E agora? Qual é o próximo passo? A gente vai ficar aqui até que horas? Como vai ocorrer isso? Isso deu um certo (...) como eu posso dizer? Uma angústia. O pessoal não sai não é? Vai ficar até que horas aí? Esse foi o pior momento para mim. Qual é o próximo passo?

Na fala do sujeito PIC identificamos elementos de sensação de dilatação do tempo da experiência e de indeterminação do futuro nos fragmentos “já tinha passado mais de dez minutos e não tinha ocorrido evolução alguma” e “E agora? Qual é o próximo passo? A

gente vai ficar aqui até que horas? Como vai ocorrer isso?” aludindo ao eixo 3 – Temporalidade.

Encontramos ainda neste trecho elementos afetivos quando o sujeito diz “Isso deu um certo (...) como eu posso dizer? Uma angústia.”. Há uma intensificação afetiva e ao mesmo tempo em que o sujeito refere em vários momentos da entrevista uma tentativa determinada de controle desses afetos, em muitos momentos percebemos a intensificação desses afetos que parece estar muito ligada aos momentos de atos criativos.

Ao tentar descrever o que sentiu o sujeito faz uma breve pausa como que tentando elaborar, encontrar a palavra que melhor descrevesse o que sentiu. Neste ponto de pausa temos um momento de Ambiguidade e nos perguntamos se o sujeito não experimentou também um momento de ambivalência durante a elaboração que empreendeu tentando encontrar a palavra mais adequada para o que sentiu (eixo 2 – Ambiguidade e Ambivalência).

Destacamos o fragmento de fala “como eu posso dizer?” e inferimos aspectos afetivos daquilo que ultrapassa o que o sujeito consegue dizer e, no caso, foi significado como angústia num momento de aumento da ambiguidade e da ambivalência na reconstrução da experiência em um momento de extrema incerteza: “E agora? Qual é o próximo passo? A gente vai ficar aqui até que horas? Como vai ocorrer isso?”.

PESQUISADORA: E qual foi o momento mais gratificante? Teve algum?

PIC: Teve. Depois da ocorrência quando a gente viu que realmente tinha dado tudo certo e que a aeronave não tinha sido atingida, o pessoal tava tudo bem, e que o calor da ocorrência já tinha passado, a gente comentando sobre a ocorrência, o que a gente poderia ter feito de melhor e (...) esse foi o momento mais prazeroso.

Neste trecho, em um movimento exotópico de avaliação de sua própria ação e seus resultados como audiência de si mesmo (eixo 1 – Perspectiva), o sujeito PIC refere que o momento mais gratificante da experiência foi perceber que deu tudo certo na fala “quando a gente viu que realmente tinha dado tudo certo e que a aeronave não tinha sido atingida, o pessoal tava tudo bem”.

No trecho destacado a seguir o sujeito PIC volta a descrever uma mudança da maneira de pilotar o helicóptero numa ação policial que também já apareceu nos trechos anteriores e de certa forma é resgatada aqui.

PESQUISADORA: Quais são os pensamentos mais comuns ao executar essas manobras?

PIC: A cabeça trabalha porque você voa um monomotor (um único motor), você tem a possibilidade de existir uma pane, então você faz o trabalho verificando

possíveis locais de pouso. Então a cabeça já vai trabalhando onde você poderia pousar com segurança. O helicóptero, eu costumo dizer que você tem que pensar antes dele, ele é muito rápido. Pela versatilidade ele te dá possibilidades de fazer coisas fantásticas e também de acontecer coisas não tão boas.

Considerando que as manobras constituem uma mudança e/ou um aperfeiçoamento do uso comum da máquina, no caso o helicóptero que é via de regra utilizado como meio de transporte, identificamos neste trecho não só a emergência do novo como também o aspecto da affordance (eixo 4) quando o sujeito refere que utiliza essas manobras (formas distintas de uso da máquina) para executar o seu trabalho de piloto policial.

A antecipação de um futuro possível, a *pane*, descrita pelo sujeito como “pensar antes do helicóptero” se localiza no eixo 1 – Perspectiva de nossa análise. Já o eixo 3 – Temporalidade pode ser encontrado na experiência de compressão do tempo cronológico durante a pilotagem policial do helicóptero que o sujeito refere que “é muito rápido”.

O eixo 4 – Uso de instrumentos se presentifica nas possibilidades de uso da máquina (helicóptero) que o sujeito descreve como “te dá possibilidades de fazer coisas fantásticas e também de acontecer coisas não tão boas”.

As “coisas fantásticas” e as “coisas não tão boas” aparecem como signos ambíguos característicos do eixo 2 – Ambiguidade e Ambivalência. Pois, as coisas fantásticas e as coisas não tão boas podem assumir mais de um significado no contexto em que aparecem, ao mesmo tempo questionamos se a expressão “coisas não tão boas” não aparecem como eufemismo daquilo que o sujeito quer evitar até falar como o acidente, a lesão, a morte, a perda.

Na sequência, ao referir que esta foi a sua ocorrência mais difícil, o sujeito PIC tenta elaborar a extraordinariedade da ação e as dificuldades com as quais precisou lidar.

PESQUISADORA: *Qual foi a sua ocorrência mais difícil?*

PIC: *Sem dúvida, essa.*

PESQUISADORA: *Por quê?*

PIC: *Porque essa exigiu muito de mim como ser humano mesmo. Você verificar todo aquele contexto e ter que pensar muito rápido e ter que manter a pilotagem uniforme ainda para o pessoal efetuar o disparo, e ter sempre que tá fazendo alguma coisa tendo essa cautela na sua cabeça, será que é o que você está fazendo mesmo? Será que tem que enfrentar? Será que tem que recuar? Até onde pode ir? Se a gente pode fazer mais? Então sempre esse mote martelando, martelando, martelando até o desfecho.*

Identificamos no trecho acima aspectos referentes ao eixo 3 – Temporalidade na compressão do tempo para pensar e agir. O eixo 4 – Uso de instrumentos, no que diz respeito às affordances, aparece na questão da pilotagem “uniforme” para proporcionar

condições de efetuar os disparos de arma de fogo em uma ação que é distribuída, compartilhada e o interdependente.

Este trecho retoma a dualidade ter cautela x avançar (aqui referida como enfrentar) que aparece permeando as tensões que envolvem o risco e o tempo reduzido para a ação e que permanecem balizando as ações do sujeito até o desfecho (solução) da situação problema (confronto armado). O sujeito fala que esta dualidade cautela x enfrentar permaneceu presente “martelando” até o desfecho da situação.

Ainda sobre o trecho “ter sempre que tá fazendo alguma coisa tendo essa cautela na sua cabeça, será que é o que você está fazendo mesmo? Será que tem que enfrentar? Será que tem que recuar? Até onde pode ir? Se a gente pode fazer mais? Então sempre esse mote martelando, martelando, martelando até o desfecho” percebemos que o aumento da tensão e da incerteza, a indeterminação do futuro (eixo 3 – Temporalidade) aparecem como balizadores das ações do sujeito e como elementos fundamentais para a emergência do novo, pois a partir desse não saber e das dualidades dilemáticas que surgem como demandas a serem solucionadas o sujeito usa a expertise (técnica + valores) para tomar decisões e adotar ações com os devidos ajustes, modificações e inovações (atos criativos).

O último trecho selecionado da entrevista individual com o piloto policial diz respeito às mudanças que o sujeito PIC é capaz de identificar na experiência de reconstrução do vivido e os significados que este constrói.

PESQUISADORA: Em relação aos seus pensamentos, alguma coisa mudou depois dessa experiência?

PIC: Sempre que a gente sai para uma ocorrência, a gente sai com o pensamento de que vai ser a pior ocorrência. Vai preparado para o pior e na maioria das vezes não acontece isso. ((sorriso)). Então a gente já tinha se preparado para o ruim, mas nessa prática foi ruim mesmo. Depois dessa ocorrência eu penso nisso toda vez que vou voar e até passei a sentar em cima do colete à prova de balas no lugar de vesti-lo, pois os disparos vêm de baixo...

O eixo 1 – Perspectiva pode ser visto na antecipação de um futuro possível quando o sujeito refere que sempre sai para uma ocorrência “pensando que vai ser a pior ocorrência”. O Sorriso do sujeito aparece enquanto aspecto extra verbal o qual indagamos se indicaria um sinal de ambivalência (sorrir diante do pior que pode acontecer) ou apenas seria uma reação de certo alívio já que o sujeito refere também que “na maioria das vezes não acontece isso”. Pois, mesmo antecipando esse futuro possível e se preparando para o que chamou de “a pior ocorrência”, na prática, nas experiências anteriores, esse pior não acontece e a quebra da expectativa vem justamente quando esse futuro ruim se presentifica.

Relativo ao eixo 4 – Uso de Instrumentos e considerando o conceito de affordance que refere a uma nova funcionalidade e do uso do objeto para além do que ele foi criado (Glaveanu, 2015), observamos que o sujeito PIC, sem modificar a função do colete balístico (proteger contra projéteis de arma de fogo), empreende uma nova maneira de utilizá-lo sentando-se nele ao invés de vesti-lo, em um ajuste inovador do uso para atender à demanda específica da situação onde os disparos de arma de fogo não acontecem em trajetórias horizontais como nos confrontos terrestres, mas sim em trajetórias verticais a partir de disparos que acontecem no solo a fim de atingir a aeronave e a tripulação durante o voo.

A partir desta análise, entendemos que os enunciados produzidos pelo sujeito piloto policial comandante de aeronave (PIC) durante a entrevista individual se focaram predominantemente nos aspectos relativos à pilotagem do helicóptero em ocorrências policiais e seus aspectos técnicos. A responsabilidade do piloto policial comandante e os valores que norteiam as suas ações também participam destes enunciados produzidos pelo sujeito individualmente sem a presença de sua tripulação (copiloto, operador aerotático 1 e operador aerotático 2).

Assim, percebemos que seria interessante trazer os outros que participaram da experiência do sujeito (a tripulação) a fim de promover uma maior descentralização da identidade Eu-piloto possibilitando ao sujeito a reconstrução da experiência vivida a partir de outras perspectivas.

Desta forma, a seguir apresentaremos os dados e a análise da entrevista coletiva com o sujeito PIC e sua tripulação que, para fins de diferenciação do primeiro momento de entrevista individual, chamamos de Eu-tripulação.

14 A ENTREVISTA COLETIVA COM A TRIPULAÇÃO POLICIAL: O EU-TRIPULAÇÃO

O momento de entrevista coletiva com o piloto policial comandante de aeronave (PIC) e sua tripulação (copiloto, operador aerotático 1 e operador aerotático 2) teve duração total de 1h16min onde foram utilizados os mesmos 06 trechos de gravação em vídeo anteriormente exibidos ao piloto policial comandante de aeronave no momento de entrevista individual.

Os vídeos foram mostrados à tripulação composta pelo piloto comandante (PIC), pelo copiloto (SIC), pelo operador aerotático 1 (OAT1) e operador aerotático (OAT2) ao longo da entrevista semiestruturada de forma semelhante ao que aconteceu na etapa de entrevista individual.

Passaremos a apresentar os trechos destacados na sequência em que estes foram surgindo na entrevista coletiva com a tripulação estabelecendo relações com a entrevista individual com o piloto comandante e fazendo a interpretação dos enunciados em seu conjunto de negociações de sentido considerando os 04 (quatro) eixos analíticos: 1) Perspectiva; 2) Ambiguidade e Ambivalência; 3) Temporalidade e 4) Uso de instrumentos.

A entrevista se inicia com a pesquisadora indagando há quanto tempo aquela equipe de serviço estava trabalhando junta. Como podemos observar no trecho abaixo, os quatro sujeitos componentes da tripulação entrevistada já fazem parte do grupamento aéreo há mais de 5 anos e compartilham de ambiente e regras de trabalho comuns, porém, na situação reconstruída na entrevista eles estavam juntos há seis dias de uma escala de serviço que totalizava sete dias completos.

PESQUISADORA: Primeiramente, eu gostaria de saber se vocês, enquanto equipe de serviço, já trabalham juntos há quanto tempo?

SIC: Se eu não me engano, nessa semana estávamos na escala de Força Tarefa e nós estávamos saindo de serviço. Ou seja, estávamos há 6 dias trabalhando juntos.

Na continuação desta parte introdutória da entrevista coletiva os integrantes da tripulação são indagados sobre como se iniciou aquele dia de serviço.

PESQUISADORA: Como começou aquele dia de serviço? O que vocês lembram?

OAT1: Começou com uma “não rendição”, depois a gente teve que cumprir uma ordem de serviço no Morro do Cuscuz e quando a gente tava cumprindo essa ordem de serviço o telefone de PIC (PILOTO COMANDANTE) ou foi de SIC (COPILOTO) tocou. A equipe da delegacia recebeu um informe que eles estavam indo averiguar e pediram o apoio aéreo.

A resposta do sujeito OAT1 começa com uma expressão corriqueiramente utilizada no contexto policial “rendição” que significa substituição da pessoa ou equipe de serviço. No caso, OAT1 se referiu a uma “não rendição” referindo que a equipe de serviço não foi substituída porque teve que cumprir uma ordem de serviço em um local chamado Morro do Cuscuz localizado na zona rural da região.

Relativo ao eixo 2 – Ambiguidade e Ambivalência, destacamos então o aspecto ambíguo do signo “rendição” que pode assumir, além do significado já explicitado, o significado de entregar-se ou ser capturado por força inimiga. Também na resposta de OAT1 aparece a primeira referência ao signo “apoio”, que na entrevista individual se configurou como um dos polos da dualidade apoio/confronto balizando a ação do sujeito PIC.

O trecho seguinte trata da resposta do sujeito PIC à mesma pergunta.

PIC: “B” (chefe do grupamento aéreo) também ligou dizendo que a gente poderia dar esse apoio lá. Só que até então a gente não sabia do que se tratava. Em princípio, era só um apoio mesmo. Tudo começou como um dia comum, normal.

Neste trecho, o sujeito PIC refere que “até então a gente não sabia do que se tratava” revelando uma certa indeterminação do futuro, aspecto referente ao eixo 3 - Temporalidade. Na continuação de sua fala, o sujeito PIC perspectiva esse futuro possível ao dizer que “em princípio, era só um apoio mesmo” e segue referindo que “tudo começou como um dia comum, normal”, onde destacamos que a ação criativa não é oposta ao hábito, mas nasce a partir de contextos e situações comuns, habituais que se repetem na experiência do indivíduo.

Ainda em resposta as mesmas perguntas disparadoras “Como começou aquele dia de serviço? O que vocês lembram?”, o sujeito OAT1 dá continuidade ao diálogo com o trecho de fala seguinte.

OAT 1: Nessa época, a gente tava indo e voltando todos os dias... Indo e voltando, indo e voltando, indo e voltando. E, na segunda-feira quando a gente foi passar o serviço, 70% do nosso material foi dado para a outra equipe. Então, a gente tava voando, vamos dizer assim, com o mínimo recurso necessário. Mínimo! A gente tava com pouca munição, agente menos que letal, a gente não tinha nenhum.

PIC: Tinha, mas tinha pouco.

SIC: Tinha pouco.

OAT2: Tinha muito pouco.

PIC: A gente tava dividindo o material com o pessoal da base e da outra equipe.

Relativo ao eixo 4 – Uso de instrumentos, neste trecho o sujeito OAT1 refere que a equipe estava trabalhando com material reduzido porque “70% do nosso material foi dado

para a outra equipe”. Na fala “Mínimo! A gente tava com pouca munição, agente menos que letal a gente não tinha nenhum.” o sujeito se refere à quantidade de munição e de “agente menos que letal”, denominação dada aos agentes químicos como granadas lacrimogêneas e de efeito moral por não serem fabricados com intenções de letalidade.

Os demais integrantes da equipe (PIC, SIC e OAT2) corrigem a fala do sujeito OAT1 quando este refere que “agente menos que letal a gente não tinha nenhum” e os seus colegas dizem que tinham pouco desse tipo de material, mas tinham. Percebemos neste momento que acontece entre os sujeitos uma negociação de sentidos na memória reconstrutiva produzida na situação de entrevista.

Em seguida, foram exibidos à tripulação os vídeos 1 e 2 com cenas feitas a partir do interior da cabine da aeronave mostrando um breve diálogo da equipe e cenas do confronto armado com suspeitos em solo.

PESQUISADORA: *Vamos ver o vídeo 1 ((exibição do vídeo 1 com imagens do confronto armado feitas de dentro da aeronave policial))
((risos dos quatro sujeitos participantes da entrevista ao ouvir a voz de um deles no vídeo exclamando “Quase que pega!” no momento dos disparos))
OAT1: Foi por causa desse “quase que pega” que o Secretário não promoveu a gente. ((fala em tom de brincadeira e sorri))
SIC: Nem um elogio!*

Em clima de descontração que se estabeleceu em muitos momentos da entrevista, o sujeito OAT1, em tom de brincadeira, perspectiva a outridade referindo que “Foi por causa desse “quase que pega” que o Secretário não promoveu a gente” (eixo 1 – Perspectiva) e o sujeito SIC destaca com um tom um pouco mais sério o que parece ser uma falta de reconhecimento em relação à ação do grupo dizendo “Nem um elogio!”.

*((exibição do vídeo 2 com imagens do confronto armado feitas de dentro da aeronave policial))
OAT1: Engraçado que pelo celular não dá para ver, mas o telhado já está todo furado. ((se dirigindo ao sujeito PIC que está sentado ao seu lado)).
PIC: Tá. Essa cena aparece o reflexo...
((PIC e OAT1 conversam baixo entre si e sorriem))
OAT1: Eles tinham três flancos aí de onde eles atiravam. Essa parte frontal, essa janela que vai estar lateral agora e a porta de trás. Então eles colocavam sempre homens nesses três flancos para atirar. E sempre um homem deles dentro (da casa) atirando de baixo para cima, pois a todo momento levantava telha. Estavam atirando cegos para ver se pegava na gente ((gestos de quem atira para cima)).*

Neste trecho de fala, o sujeito PIC refere que havia “sempre um homem deles dentro atirando de baixo para cima, pois a todo momento levantava a telha” e que “estavam atirando cegos para ver se pegava na gente”. Identificamos nestas falas do sujeito OAT1 movimentos exotópicos em relação aos indivíduos suspeitos caracterizando aspectos do

eixo 1 – Perspectiva. Isto porque a expectativa que o sujeito infere já é uma interpretação que ele constrói, assim, considerando que o sujeito OAT1 apenas via quando “a todo momento levantava a telha”, as demais informações de que sempre havia alguém atirando de baixo para cima “cegos” para tentar atingi-los eram perspectivas construídas pelo sujeito em relação à outriedade, no caso, os suspeitos.

O trecho seguinte ainda aborda o conteúdo dos vídeos 1 e 2 quando tentamos explorar os diálogos acontecidos no interior da cabine e pouco audíveis nas gravações.

PESQUISADORA: A gravação mostra que acontece uma conversa entre vocês, mas devido ao barulho da aeronave não fica claro o que está sendo dito...

OAT1: Teve um momento aí que a gente passou, aí tava o “chefe”, inclusive foi o que foi abatido, ele apontou a 12 para mim e para PIC no momento em que nós estávamos lateral e, engraçado foi que OAT2 que estava do outro lado viu. SIC viu também “Tá atirando na gente! Tá atirando na gente!” E eles atirando e eu disse “Vai PIC! Acelera! Acelera!”⁷

Observamos neste trecho, mais especificamente nas falas “Tá atirando na gente!” e “Vai PIC! Acelera! Acelera!”, o sujeito OAT1 está dramatizando, revivendo a experiência na situação de reconstrução promovida pela entrevista. Relembramos aqui a importância de quem diz o que para quem quando e como, pois o sujeito OAT1 num momento de risco e tensão elevados se dirige ao piloto comandante da aeronave (PIC) de forma dramática num esforço de explicitar a extraordinariedade e a gravidade do que estava vendo e pede que este acelere.

A continuação do conjunto de falas sobre os diálogos na cabine se volta então para as impressões que os sujeitos tiveram acerca do suspeito que na ocasião da ocorrência portava uma arma longa descrita por eles como sendo uma espingarda 12.

OAT2: Essa é uma imagem muito forte. Eu acho que na minha mente, na hora que ele coloca a 12 assim ((faz gesto de quem empunha uma arma longa)) eu só vi o fogo saindo da 12 em direção a gente.

PESQUISADORA: E o que você sentiu nessa hora?

OAT1: Eu fiz isso e PIC fez isso ((gesto de quem se esquivou se jogando para trás)) A gente sabe que não adianta de nada, mas é o reflexo... É mesmo que soprar no olho da gente.

Em vários momentos das entrevistas, como podemos observar neste trecho de fala e também no trecho seguinte, o corpo aparece não enquanto alteridade, mas como participante do processo comunicativo dos participantes como se as palavras não dessem conta de expressar tudo que quer ser dito e o corpo todo precisasse participar dos enunciados.

⁷ Palavras ou sílabas sublinhadas indicam ênfase, entonação mais forte.

O sujeito OAT1 utiliza a expressão “É mesmo que soprar no olho da gente” para significar o reflexo de jogar o corpo para trás ao achar que vai ser atingido, pois, nesta situação, se jogar para trás é apenas um reflexo sem nenhuma eficácia contra os tiros, assim como ocorre no reflexo de quando alguém recebe um sopro nos olhos.

No trecho a seguir, a pergunta da pesquisadora tenta aprofundar o entendimento sobre os pensamentos e sentimentos dos sujeitos sobre estarem sendo alvo dos disparos dos suspeitos em solo.

PESQUISADORA: Como vocês descreveriam essa situação para quem não estava lá? O que passa na cabeça?

OAT2: O que se passa na minha cabeça é assim... Passa toda a sua história na cabeça e... ali você crê que eu poderia ser abatido, qualquer um de nós podia ser abatido naquela hora. Então, vendo assim depois que passou, graças a Deus, Deus primeiramente colocando a sua mão ali e nenhum da gente foi ferido.

OAT1: Nem a gente e nem os que estavam embaixo (os policiais em solo).

SIC: Por um momento, eu cheguei a pensar que OAT1 tivesse sido atingido porque depois que ele disse “atirando contra a gente” ele recuou ((gesto de quem se joga para trás)) de forma rápida e eu pensei que ele tinha sido atingido.

OAT1: Eu fiz assim ((gesto de quem se joga para trás))

A resposta do sujeito OAT2 revela os diálogos internos que surgiram na situação enquanto ela se desdobrava e revela que mesmo nos momentos de confrontos e tensões extremos os diálogos interiores acontecem. Identificamos aspectos do eixo 3 – Temporalidade quando o sujeito OAT2 refere que “passa toda a sua história na cabeça” revelando que este se move na temporalidade de sua história de vida recorrendo a experiências passadas e prospecta o futuro quando considera que pode ser abatido. A própria situação de reconstrução do vivido através da entrevista proporciona um olhar do sujeito a partir de uma nova posição que ele refere na fala “então, vendo assim depois que passou”.

Ainda retomando a fala em que o sujeito OAT2 refere que “ali você crê que eu poderia ser abatido, qualquer um de nós podia ser abatido naquela hora”, onde o sujeito utiliza o signo abatido para significar a morte, inferimos a dualidade preservar a vida / arriscar a vida que está presente nos momentos de maior tensão da situação reconstruída pelo sujeito e participa do balizamento de suas ações.

No trecho de fala seguinte, ainda sobre os diálogos que se passaram dentro da cabine da aeronave, os sujeitos mais uma vez referem que não previram a situação de confronto intenso com que se depararam.

PESQUISADORA: Eram esses os diálogos que se passavam dentro da aeronave e que não dá para ouvir na filmagem?

SIC: Sim.

PIC: *Teve um momento que surgiu a necessidade de apoio de mais policiais e ele (SIC) fez essa coordenação.*

PIC: *O que aconteceu... O pessoal da polícia civil tava numa investigação, tinha os informantes, sabia do que tava acontecendo não passou nem para a gente. Disseram que iam fazer uma abordagem a um pessoal suspeito.*

PIC: *A gente até comentou isso em solo. O pessoal disse que não tem suspeita de arma longa não, mas vamos preparados para tudo. Aí o que foi que aconteceu... o pessoal da polícia civil foi tomar conta da ocorrência e aconteceu de a gente estar lá e dar esse apoio, mas ninguém tinha ideia no início da disposição do pessoal (suspeitos armados). Esse foi o grande diferencial. Eles não tinham fuzil, tinham pistola e 12 e tinham disposição. Ninguém contava com a disposição daquele pessoal (suspeitos).*

OAT1: *Inclusive eles só se renderam quando a munição deles acabou.*

Neste trecho de falas destacamos a fala do sujeito PIC “o pessoal disse que não tem suspeita de arma longa não, mas vamos preparados para tudo”, pois assim dito pelo sujeito na entrevista individual, por mais que as experiências anteriores do sujeito apontem a situação de confronto como pouco provável, ela está sempre presente no horizonte de possibilidades do sujeito piloto policial que afirma que sempre se prepara para “a pior ocorrência”. Identificamos nestas falas aspectos do eixo 1 – Perspectiva, pois o sujeito perspectiva um futuro possível com base nas experiências vividas.

No fragmento de fala “Esse foi o grande diferencial. Eles não tinham fuzil, tinham pistola e 12 e tinham disposição. Ninguém contava com a disposição daquele pessoal.” aproveitamos a fala do sujeito PIC para retomar a questão já exposta neste estudo de que a ação desse sujeito se dá na borda entre o que acontece dentro da cabine e o que acontece fora dela, pois os acontecimentos de dentro e de fora da cabine de influenciam e se interligam para que a ação do sujeito aconteça justamente na borda entre uma e outra.

A passagem seguinte diz respeito a um dos momentos de disparos mais intensos registrados em vídeo pela própria tripulação.

((exibição do vídeo 3 – disparos intensos e contínuos de arma de fogo a partir da aeronave policial))

OAT1: *Nesse momento houve uma saturação (disparos contínuos) porque eles estavam querendo sair por um flanco só, matar quem tava na frente e se evadir do local. Aí eu atirei para eles retornarem. Inclusive foi difícil essa parte que foi logo no começo porque eles (suspeitos) estavam de preto, a polícia civil estava de preto, a diferença era que eles (suspeitos) estavam de bermuda. Então eu vi um pessoal de preto aqui dentro e outro aqui fora ((gesticula tentando apontar locais)) e eu tentei colocar (atirar) no meio, entre um e outro, já para não ter o perigo de ter fogo amigo ali.*

O “fogo amigo” é uma metáfora muito utilizada no cotidiano policial e significa ser atingido ou atingir outro policial acidentalmente em um confronto armado, algo que definitivamente deve ser evitado. Na fala “eles estavam querendo sair por um flanco só, matar quem tava na frente e se evadir do local” identificamos aspectos do eixo 1 –

Perspectiva, quando em uma guinada exotópica o sujeito OAT1 perspectiva a outridade (os suspeitos) e suas intenções de matar e sair, fugir.

Na fala “Inclusive foi difícil essa parte que foi logo no começo porque eles (suspeitos) estavam de preto, a polícia civil estava de preto, a diferença era que eles (suspeitos) estavam de bermuda.”, identificamos tanto aspectos que aludem a uma ambiguidade na imagem percebida pelo sujeito onde todos estavam trajando preto e poderiam ser policiais ou suspeitos (eixo 2 – Ambiguidade e Ambivalência) quanto aspectos que dizem respeito às affordances. Isto porque houve uma mudança no curso da ação em função daquilo que o sujeito estava perspectivando. O sujeito OAT1 construiu a affordance onde os sujeitos que estavam de bermuda possivelmente seriam os marginais e os sujeitos que estavam de calças compridas possivelmente seriam policiais civis.

Diante do impasse de resolver a situação (evitar a fuga dos suspeitos) sem incorrer no “fogo amigo”, o sujeito OAT1 descreve como tentou resolver o problema que estava posto diante de si: “eu tentei colocar (atirar) no meio, entre um e outro, já para não ter o perigo de ter fogo amigo ali.” Identificamos que diante da definição do **problema** a ser resolvido (evitar as fugas) e das tensões presentes no cenário o sujeito OAT1 se utiliza da perícia e da expertise adquiridas nas experiências anteriores e firmadas com o hábito para criar através dos ajustes e modificações necessários para a ação. O resultado, a criação, o novo é a própria ação do sujeito (atirar entre o grupo de policiais e o grupo de suspeitos) que dá conta do problema que se colocou diante dele.

O próximo texto destacado da entrevista para análise acontece com a exibição do vídeo 4 (gravado por moradores locais que acompanharam à distância a ação do grupamento aéreo) e a pergunta “O que vocês pensam sobre a ação de vocês vendo tudo isso agora?”.

PESQUISADORA: Este vídeo foi feito por populares

((exibição do vídeo 4 – ação da aeronave policial gravada por populares))

PESQUISADORA: O que vocês pensam sobre a ação de vocês vendo tudo isso agora?

OAT2: Eu vejo que a equipe aqui é guerreira. É um pessoal que realmente foi separado para ser polícia porque a gente viu ali na hora da ocorrência que ninguém se desesperou. A equipe formou uma pessoa só ((gesticula num gesto de junção e união com as mãos)), ficou coesa. Tudo que a gente falava o outro entendia e assim a gente foi dando andamento à ocorrência.

A fala do sujeito OAT2 refere que “ninguém se desesperou” e também que “a equipe formou uma pessoa só” e finalmente que “tudo que a gente falava o outro entendia” denotando o alto grau de sinergia da equipe e também revelando aspectos do eixo 1 – Perspectiva, pois o sujeito infere que seus colegas de equipe não se desesperaram e

entenderam tudo que foi dito. A metáfora “A equipe formou uma pessoa só ((gesticula num gesto de junção e união com as mãos)), ficou coesa” se mostra importante por demonstrar a sintonia construída pelo grupo e lançar questões sobre como essa sintonia se constrói nas anterioridades desse grupo como o briefing, os treinamentos, as experiências comuns e compartilhadas e o tempo de serviço juntos.

Na sequência, os sujeitos são indagados se se surpreenderam com o próprio desempenho na operação.

PESQUISADORA: O desempenho de vocês na ação surpreendeu vocês?

PIC: A gente começa a pensar que a gente faz alguns treinamentos, vai para as ocorrências e não aplica todas as vezes porque não é necessário, mas nesse caso quando foi, deu tudo certo.

OAT1: Podia ter dado tudo errado.

PIC: Podia ter dado muita coisa errada porque faltou muita coisa, né...

OAT2: O bom da gente foi o seguinte... A gente tava com pouca munição, mas a gente tava ciente da situação. Eu não dei um tiro para não gastar a munição toda. Ficou só OAT1 atirando do lado direito.

Observamos nesta passagem que o sujeito PIC se refere à importância dos treinamentos para o desempenho e o resultado da ação nos momentos de maior risco e tensão. Respondendo à fala do sujeito OAT1, o sujeito PIC reconhece que “podia ter dado muita coisa errada porque faltou muita coisa”, assim o sujeito perspectiva que a falta de recursos poderia ensejar um desfecho diferente da experiência. Neste momento, o sujeito OAT2 complementa a fala dos colegas trazendo aspectos do eixo 4 – Uso de instrumentos explicando como agiu para gerenciar a pouca quantidade de munição disponível no momento da ação.

O próximo texto destacado para análise trata de sobre o planejamento e a divisão de tarefas antes e durante a ação dos sujeitos.

PESQUISADORA: Essa divisão de tarefas de “quem fazia o que” foi pré-estabelecida ou aconteceu na hora?

PIC: Na hora...

SIC: Na hora...

PIC: Quando a gente saiu, a única coisa que a gente brifou foi a questão do hospital.

SIC: Eu lembro que PIC passou pra mim o hospital, a rampa de descida é essa, o vento de proa está aqui... A gente falou sobre isso não foi? No mesmo dia, não foi? ((diz se direcionando ao PIC)).

O sujeito PIC refere que a única coisa que “brifou” (combinou) com seu copiloto (SIC) foi “a questão do hospital”. Na fala seguinte, o sujeito SIC relembra as instruções que recebeu sobre para qual hospital levaria a aeronave e como faria isso, caso o comandante (PIC) fosse atingido e não tivesse condições de pilotar. Estes trechos de fala nos remetem

ao eixo 1 – Perspectiva, onde os sujeitos prospectam um futuro possível e combinam que ações tomar caso esse futuro perspectivado se consolide.

Aproveitamos a unanimidade da equipe ao se referir que a divisão de tarefas foi realizada com habilidade na hora em que a situação ocorria para levantarmos a questão sobre como se forma essa intersubjetividade tão importante a ação criativa do grupo. Como isso se dá na hora? Inferimos aqui a participação de elementos históricos, afetivos e extra verbais em na construção dessa intersubjetividade e dessa sinergia que parece ser predominante e necessária nos momentos de impasses decisivos envolvendo este grupo.

O diálogo se desdobra e os sujeitos continuam descrevendo a divisão de tarefas que foi efetuada durante a ação.

PESQUISADORA: Então, a divisão de tarefas deu muito certo e foi feita na hora?

PIC: O voo, a situação acontecendo e a gente começou a dividir... OAT2 municiando os carregadores, OAT1 fez os lançamentos de granada, o trabalho de...

PIC: Nós combinamos, vamos fazer curva só para a direita para ficar eu e OAT1 na direita... Foi tudo feito na hora.

PESQUISADORA: Então, vocês estavam posicionados na aeronave na mesma posição em que estão aqui?

((todos se mostram surpresos e riem))

OAT2: Foi sem querer aqui! A gente sentou sem querer ((risos))

Esta passagem demonstra que a sinergia entre os sujeitos se tornou corporificada na própria forma que eles funcionam enquanto grupo de trabalho, enquanto tripulação, enquanto unidade. Isto porque sem interferência da pesquisadora, na situação da entrevista coletiva, os sujeitos não só se sentaram ao redor da mesa de formato oval na mesma posição que ocuparam na aeronave (PIC e OAT1 à direita e SIC e OAT2 à esquerda), mas também se comportavam o tempo inteiro de forma muito semelhante ao que descreveram que aconteceu na experiência que estava sendo reconstruída na entrevista. É possível, inclusive, identificar que as falas dos sujeitos PIC e OAT1 aparecem mais alinhadas entre si quase que formando “pares de falas” como acontecia na situação do confronto onde PIC e OAT1, do lado direito, posicionavam e efetuavam os disparos respectivamente.

Curiosamente, a maior quantidade de atos de fala da entrevista coletiva pertence ao sujeito OAT1 que na ocasião era o responsável por “puxar o gatilho” por toda equipe. Parece-nos que semelhantemente ao que aconteceu na situação da ocorrência com o confronto, onde o sujeito PIC coordenou as ações, posicionou a aeronave e autorizou os disparos, o sujeito OAT1 que executou ações mais diretas de confronto (tiro), o sujeito SIC monitorou o desempenho do grupo ao longo da ação e o sujeito OAT2 auxiliou as ações do

OAT1 (municiar, observar, assessorar o tiro), também na entrevista os sujeitos PIC e OAT1 conduzem os atos enunciativos (verbais e não verbais) auxiliados e assessorados pelos sujeitos SIC e OAT2.

Nos trechos a seguir os sujeitos descrevem o que para eles foi o momento mais difícil da experiência.

PESQUISADORA: Qual foi o momento difícil?

OAT1: ((Se estica e se ajeita na cadeira)) Eu não gosto de falar certas coisas porque mostra... às vezes pode soar como soberba, mas é o seguinte, a gente tem que ser honesto e realista. Toda vez que eu estou em uma situação tento pensar numa área vermelha, ou seja, o mais perigoso possível. Quando SIC disse “poxa, eu acho que a gente foi escolhido para estar naquele momento”, né? Eu não sei. Talvez, se fosse hoje... dissesse “ah, vai dar em nada” e a gente ia dar um azar danado... porque a gente foi para lá de início como plataforma de observação e a plataforma de observação tava ocorrendo. Tanto é que quando a gente chegou no ambiente PIC jogou a aeronave para o meu lado e eu tava reportando o que tava acontecendo e saiu uma mulher com um bebê nos braços falando com o delegado dizendo que podia entrar porque não tinha mais ninguém ali. Isso ela apontando e dizendo e gesticulando ((imita os gestos que a mulher fez)). Então, nesse momento vem um policial no flanco esquerdo e dois no flanco frontal mesmo e quando eles chegaram no pé da escada, e eu estava reportando isso tudo que tava acontecendo para PIC que tava pilotando e olhando a linha do horizonte para não perder a referência, então quando eles (os policiais em solo) se aproximaram coisa de 4 metros sai 3 homens de dentro da casa atirando. Um deles com a espingarda só não matou o delegado na hora porque o tiro da espingarda pegou na coluna da casa.

Neste fragmento de fala da resposta do sujeito OAT1 identificamos um deslocamento para a perspectiva do outro (eixo 1- Perspectiva) quando este diz “eu não gosto de falar certas coisas porque mostra... às vezes pode soar como soberba” e também quando o sujeito perspectiva um futuro o mais perigoso o possível para as ocorrências que ele significou como uma “área vermelha”. Essa área vermelha que é definida pelo próprio sujeito serve como um elemento que baliza a ação do sujeito que ganha contornos de inovação.

Relativo ao eixo 2 – Ambiguidade e Ambivalência, na fala “tanto é que quando a gente chegou no ambiente PIC jogou a aeronave para o meu lado” o signo “jogar” se mostra ambíguo por poder significar atitude de arremessar algo ou, como no caso da fala do sujeito, significar atitude de posicionar a aeronave voltada para um determinado lado (no caso, lado direito).

Identificamos também, relativo ao eixo 3 – Temporalidade, um aspecto próprio à situação reconstrutiva da experiência na fala “Talvez, se fosse hoje... dissesse “ah, vai dar em nada” a gente ia dar um azar danado...”.

O momento de tensão e quebra da expectativa construída a partir das experiências anteriores (ocorrências sem confronto) e também da perspectivação da outridade (influenciada pela imagem de uma mulher com uma criança nos braços) está bem marcada na fala do sujeito quando este refere que “saiu uma mulher com um bebê nos braços falando com o delegado dizendo que podia entrar porque não tinha mais ninguém ali” porém logo depois “quando eles (os policiais em solo) se aproximaram coisa de 4 metros sai 3 homens de dentro da casa atirando”.

O trecho seguinte é a continuação da fala do sujeito OAT1 após um breve complemento de fala feito pelo sujeito PIC.

PIC: Aí explodiram assim os tijolos ((gesticula imitando uma explosão))

OAT1: E a casa era daquelas casas antigas, tijolo maciço e segurou. E depois eu estranhei. Rapaz, tanto tiro e tinha um passarinho, um cachorrinho pitbulzinho sem nada acontecido com eles. Foi Deus mesmo naquele momento que fez valer porque é aquela coisa, ninguém aqui teve intenção nenhuma de... vamos dizer assim... de matar ninguém. Pelo contrário, queria era garantir a vida de todos ali, tanto é que os tiros foram para conter, para ninguém sair até haver uma rendição. A rendição não houve porque eles não queriam se render, eles queriam sair, fugir ou morrer. E os de dentro só se renderam porque viram que o líder morreu. Foi abatido, no caso.

Ainda relativo ao eixo 1 – Perspectiva, em outro movimento exotópico de perspectivação da outridade, no caso os indivíduos suspeitos, o sujeito OAT1 refere que “A rendição não houve porque eles não queriam se render, eles queriam sair, fugir ou morrer” e que “os de dentro só se renderam porque viram que o líder morreu”.

No fragmento “Aí explodiram assim os tijolos ((gesticula imitando uma explosão))” destacamos mais um momento de dramatização cuja característica é a exacerbação do significado endereçado à outridade do diálogo (a pesquisadora e a própria equipe).

Observamos neste trecho de fala que o sujeito OAT1 traz uma outra audiência que participa da ação como elemento de perspectivação: o olhar divino que protegeu os inocentes e os animais. No trecho anterior (pg. 87), o mesmo sujeito OAT1 levanta um debate em relação à fala dos sujeitos SIC e OAT2 questionando esse eles teriam sido “escolhidos” ou não para estarem naquele dia naquela situação de confronto. Este questionamento sobre os sujeitos serem escolhidos ou não para enfrentarem a situação de confronto é retomada no trecho a seguir. Desta forma, entendemos que neste trecho de fala, os animais aparecem como uma outridade que regula a emergência do novo.

O trecho seguinte é a continuação do diálogo disparado pela pergunta “Qual foi o momento mais difícil?”.

OAT1: A gente depois ficou conversando, conversando... Eu disse olhe, a situação agora é a seguinte... A gente recebeu ligações dizendo “Eita, vai ser

promovido” ou “Eita, vai se lascar...” Brincadeiras à parte, eu que tava realmente puxando o gatilho, se bem que perante a lei todos puxaram... Eu que tava puxando o gatilho, eu vendo na hora passando pela minha cabeça “concentra, concentra” eu conversando comigo mesmo para não fazer besteira. Porque a responsabilidade é muito grande. Então eu atirava, não sei se tem vídeo aí mostrando, deve ter... Vai mostrar que eu tava atirando na frente, do lado e atrás para conter. Mas, o perigo de a gente jogar a carreira da gente fora é muito grande porque para você ver a gente não ganhou nada, nem um elogio da unidade (elogio escrito publicado) saiu... É uma coisa que a gente tem que encarar, eu estou na polícia por vocação, OAT2 também tá. A gente foi, por incrível que pareça, antes de entrar na polícia a gente já se conhecia. A gente já se conhecia na Marinha, dos fuzileiros navais. Mas, é aquela coisa, foi escolhido a dedo? Não foi!

Nesta passagem identificamos como aspecto do eixo 1 a perspectivação que o sujeito faz do Estado enquanto lei quando refere que “eu que tava realmente puxando o gatilho, se bem que perante a lei todos puxaram”. Destacamos que a fala do sujeito OAT1 revela diálogos internos nos momentos em que este “puxava o gatilho” com palavras que invocavam a concentração e tentavam afastar a possibilidade de “fazer besteira”.

No fragmento “Vai mostrar que eu tava atirando na frente, do lado e atrás para conter. Mas, o perigo de a gente jogar a carreira da gente fora é muito grande porque para você ver a gente não ganhou nada, nem um elogio da unidade (elogio escrito publicado) saiu...” temos ainda aspectos do eixo 1 – Perspectiva quando o sujeito como audiência de si mesmo refere uma incerteza em relação ao futuro (eixo 3 – Temporalidade) infere uma apreciação da sua ação pelas outridades.

Os valores afetivos ligados à dimensão do reconhecimento se revelam nos trechos de fala como “o perigo de a gente jogar a carreira da gente fora é muito grande”, “para você ver a gente não ganhou nada, nem um elogio da unidade (elogio escrito publicado) saiu” ou ainda “eu estou na polícia por vocação”. Esta dimensão do reconhecimento esteve muito presente também na entrevista individual com o sujeito PIC e logo no início desta entrevista coletiva quando o sujeito SIC diz “Nem um elogio!”. Os dados mostram como num momento que aparentemente seria puramente técnico, há uma árvore de escolhas mobilizadas por vetores como reconhecimento.

No fragmento “Mas, é aquela coisa, foi escolhido a dedo? Não foi!” temos mais uma negociação de sentidos entre os sujeitos do grupo com um outro breve momento de dissonância onde parte da equipe (SIC e OAT2) parecem acreditar em uma escolha ligada ao divino e (PIC e OAT1) não acreditam nessa escolha.

Ao retomar o questionamento sobre ser ou não escolhido para estar no momento de confronto que está sendo reconstruído na entrevista, na fala “Mas, é aquela coisa, foi escolhido a dedo? Não foi!” o sujeito OAT1 protagoniza um raro momento de divergência

em relação aos sujeitos SIC e OAT2, visto que os esforços de convergência se mostraram mais comuns entre os sujeitos do grupo.

OAT1: *E uma coisa que a gente encarou nesse momento sem treinamento não só foi a agressão, mas foi a resposta da agressão. Porque uma coisa é você atirar num alvo de papel, outra coisa é você atirar num alvo que está atirando em você. Foi o que aconteceu ali. Então, quando a gente pousou, um delegado chegou e disse “Poxa, quando é que tem o próximo curso de tripulante aéreo? Eu quero fazer!”. Aí eu disse “Doutor, o senhor aqui só tinha uma forma de morrer: Alvejado por um tiro. A gente lá em cima tinha três formas, eu tinha três formas de morrer... Se o tiro pegasse em mim, se o tiro pegasse na máquina ou se o tiro pegasse no piloto da aeronave. As últimas duas formas, eu ia morrer queimado”. Aí ele ficou olhando assim... E uma coisa que passa na minha mente, a gente conversando, pois eu converso comigo mesmo nessas horas, acalma, me dizia assim “se eu morrer, que não seja queimado”.*

PESQUISADORA: *Por quê?*

OAT1: *Porque a turma disse que é a pior forma de morrer.*

PIC: *Tem problema não. Se tem que morrer, de qualquer jeito a gente morre.*

OAT1: *Dizem que é a pior.*

SIC: *Poucos segundos... Dura mais de um minuto não.*

A morte aparece como um signo onde os participantes fazem os deslocamentos e negociam sentidos. É um vetor de perspectivação (viver e morrer) e negociação de significado no campo da ação (eixo 1 – Perspectiva).

Relativo ao eixo 2 – Ambiguidade e Ambivalência, neste trecho de fala o signo “alvo” é ambíguo podendo significar o alvo de papel utilizado nos treinamentos de tiro policial ou ainda o indivíduo suspeito que atira contra o policial.

Na fala “Porque uma coisa é você atirar num alvo de papel, outra coisa é você atirar num alvo que está atirando em você” podemos encontrar aspectos relativos à affordance, pois atirar contra um alvo de papel que não oferece resistência não é igual a atirar em um alvo vivo que se mexe, resiste e revida a agressão. Estes aspectos se encaixam no eixo 4 – Uso de instrumentos.

O trecho seguinte ainda gira em torno da dimensão afetiva do reconhecimento e é continuação do diálogo que se estabeleceu quando os sujeitos foram indagados sobre o momento mais difícil da ação.

OAT1: *Os amigos dizem, “Mas rapaz, tu com 40 anos pegando uma atividade tão perigosa. Vai descansar, vai para uma unidade escola ensinar”. Esses são meus amigos que têm outras profissões que não tem nada a ver com segurança pública, mas a gente faz o que gosta. Infelizmente, se é valorizado como deveria ser, aí é outra conversa... Você vê que ninguém aqui foi reconhecido, mas se eu tivesse feito uma besteira ia prejudicar OAT2, ia prejudicar SIC e ia prejudicar PIC. PIC teve confiança em mim e eu tive confiança nele porque se a gente se omitisse a gente tava totalmente coberto e abrigado pela lei porque a nossa aeronave não é blindada. A gente não usa um capacete balístico que não segura, mas pelo menos desvia se não pegar em cheio... A gente não tem uma placa de aço na porta do tripulante. Então, se a gente fosse para a estratosfera e pedisse apoio, a gente tava coberto e abrigado e totalmente legal. Mas, foi de uma*

*uniformidade muito grande dizer assim “vamos ficar e vamos ajudar quem tá lá embaixo”. A gente não falou isso, mas a gente pensou.
PIC: A gente agiu.*

Na fala “mas a gente faz o que gosta. Infelizmente, se é valorizado como deveria ser, aí é outra conversa”, o sujeito OAT1 faz uma separação do que está integrado, do que aparece junto quando ele vai falar de uma situação real e concreta de vida (a vocação profissional e o reconhecimento ou não).

No trecho “se a gente fosse para a estratosfera e pedisse apoio, a gente tava coberto e abrigado e totalmente legal” encontramos signos ambíguos. São eles: estratosfera, coberto e abrigado. Isto porque na fala do sujeito o signo estratosfera não significa uma camada da atmosfera, mas sim lugar muito alto e fora do alcance. Já os signos coberto e abrigado que poderiam assumir o significado de protegido e em abrigo, utilizados juntos na expressão corriqueiramente utilizada por militares significa amparado pela lei. Este aspecto se situa no eixo 2 – Ambiguidade e Ambivalência.

O trecho de fala “Vamos ficar e vamos ajudar quem tá lá embaixo. A gente não falou isso, mas a gente pensou” se encaixam no eixo 1 – Perspectiva onde o sujeito perspectiva não só a outridade em solo (outros policiais) como também os seus colegas de equipe integrantes da tripulação. Signos de reconhecimento, vocação e confiança remetem a uma dimensão afetiva e que interferiu na escolha do enfrentamento. Outro aspecto que merece atenção neste fragmento é a intersubjetividade e a convergência de sentidos entre os sujeitos que dizem “Mas, foi de uma uniformidade muito grande dizer assim vamos ficar e vamos ajudar quem tá lá embaixo. A gente não falou isso, mas a gente pensou”.

Relativos ao eixo 4 – Uso de instrumentos, a fala “se a gente se omitisse a gente tava totalmente coberto e abrigado pela lei porque a nossa aeronave não é blindada. A gente não usa um capacete balístico que não segura, mas pelo menos desvia se não pegar em cheio. A gente não tem uma placa de aço na porta do tripulante” revelam aspectos da materialidade na experiência que podem restringir ou ampliar o campo da ação. Este mesmo fragmento também traz aspectos da perspectiva (eixo 1) e dimensões como bravura, glória e coragem, vetores afetivos da ação.

PESQUISADORA: Qual foi o momento mais desafiador dessa ocorrência?

OAT1: Foi o início. Foi o início. O primeiro disparo.

PESQUISADORA: Por quê?

OAT1: Porque eu já passei por situações em outras ocorrências e eu nunca quero ser taxado de dedo solto nem de desnecessário, vamos dizer assim. Por exemplo, teve um guerreiro do CIOSAC (Companhia Independente de Operações de Sobrevivência na Caatinga) que jogou a carreira dele toda fora porque puxou o gatilho numa abordagem. Quase 30 anos de bons serviços jogados fora e eu sempre tive essa preocupação de puxar o gatilho, de atirar. Já tive diversas

oportunidades de realizar um tiro de legítima defesa, mas o cara soltou a arma e eu não atirei. Eu tenho essa preocupação. Eu acho que se eu tô na polícia é pra fazer o certo. Então, para mim, o momento mais desafiador foi na hora que eu puxei o primeiro gatilho.

Neste trecho, percebemos que primeiro disparo marca a sequência do ocorrido para o sujeito OAT1. Vários aspectos são perspectivados para falar desse primeiro disparo, inclusive quando ele fala de não querer “ser taxado de dedo solto”. Estes aspectos se enquadram no eixo 1 – Perspectiva. Percebemos também que outras vozes são retomadas no momento em que ele reconstrói e organiza a experiência da situação de entrevista e essas vozes imprimem sentido ao que foi vivido. A próxima passagem é a continuação do diálogo que se formou com a pergunta disparadora “Qual foi o momento mais desafiador dessa ocorrência?”.

PESQUISADORA: E para vocês?

OAT2: Para mim foi a hora que eu visualizei o suspeito atirando na gente com a espingarda 12. Esse momento para mim foi assim... Na realidade, eu tenho 12 anos de polícia e eu nunca peguei um tiroteio assim, nunca tinha pegado. E foi intenso e demorou muito.

A resposta do sujeito OAT2 nos remete a aspectos do eixo 2 – Temporalidade e revela que nos momentos de tensão e maior perigo o sujeito experimentou uma dilatação do tempo da experiência que ele refere como “E foi intenso e demorou muito”. Na continuação do diálogo sobre o momento mais desafiador da experiência, segue-se o trecho com a resposta do sujeito SIC.

SIC: Para mim foi o total, o geral, aquele tempo todo a gente sobrevoando ali. Eu lembro também que eu tentava segurar OAT1 emocionalmente, pois quando ele precisou efetuar o disparo a gente ficou na dúvida se o elemento estaria realmente imobilizado. Aí suscitou uma certa dúvida na cabine, tá, não tá... Aí eu disse “Tá! Segura!”. A minha preocupação foi com OAT1 e eu disse “Tá bom. Ele já tá no chão. Tá neutralizado.”. Eu lembro dessa preocupação de a gente não se exceder e trazer problemas para todos nós.

Relativo ao eixo 1 – Perspectiva, o sujeito SIC realiza um trabalho de perspectivação acerca dos resultados da ação, de como a audiência julgaria esse resultado. Há uma preocupação em não se exceder que fica muito clara na fala “Eu lembro dessa preocupação de a gente não se exceder e trazer problemas para todos nós”. Percebemos que o acerto pode se transformar em erro por uma questão de medida, pois o excesso é sinônimo de erro nesta ação. Aparece então, mais uma vez, a preocupação com o excesso, com o erro que pode custar a carreira, como o sujeito OAT1 disse que um colega “jogou a carreira dele toda fora porque puxou o gatilho”.

A resposta do sujeito SIC também nos remete a aspectos do eixo 2 – Temporalidade, revelando que este sujeito também, nos momentos de maior tensão experimentou uma sensação de dilatação do tempo da experiência que se evidencia na fala “aquele tempo todo a gente sobrevoando ali”.

Na fala “... pois quando ele precisou efetuar o disparo a gente ficou na dúvida se o elemento estaria realmente imobilizado. Aí suscitou uma certa dúvida na cabine, tá, não tá... Aí eu disse ‘Tá! Segura!’” identificamos um momento de dúvida e ambivalência (eixo 2 – Ambiguidade e Ambivalência) onde o suspeito estaria neutralizado no confronto ou ainda ofereceria risco aos policiais em terra e à tripulação. No fragmento seguinte “Eu lembro dessa preocupação de a gente não se exceder e trazer problemas para todos nós” a fala do sujeito SIC como “nós” traz aspectos da sintonia e de uma antecipação de futuro (eixo 3 – Temporalidade).

Na continuação do diálogo sobre o momento mais desafiador da experiência, segue-se o trecho com a resposta do sujeito PIC.

PIC: Eu tive dois. Foram dois que marcaram para mim. Foi o começo, o primeiro disparo, como os meninos já tinham falado e aí iniciou realmente o tiroteio, aí começou mesmo, foi o start. E depois de tudo, já tava no final da ocorrência, a gente já tinha efetuado vários disparos, a munição acabando e veio aquele momento “E agora? A gente vai fazer o quê? O que a gente pode fazer mais?”

OAT1: A gente já tava no último carregador. Só tinha quatro.

PIC: Aí eu pensei... A gente usou todo recurso e agora vai só monitorar e deixar os caras fazerem o que quiserem. Para mim esses dois momentos foram... De ficar sem saber o que fazer.

Neste trecho de resposta do sujeito PIC buscamos estabelecer uma ligação com a resposta dada à mesma pergunta na entrevista individual. Percebemos que na situação coletiva o sujeito PIC faz um acréscimo, um complemento de sua resposta na reconstrução da experiência feita em grupo, pois a fala dos colegas parece fazê-lo lembrar do primeiro disparo e concordar que este foi também um momento desafiador. Logo, o momento desafiador relatado na entrevista individual como sendo o momento de dúvida em que os recursos estavam acabando e ele “não sabia o que fazer o que aconteceria em seguida” foi acrescido do momento em que ocorreu o primeiro disparo marcando o início do confronto.

A situação de entrevista em grupo permite que outras vozes participem da reconstrução da experiência dando sentido ao que foi vivido. Configurando aspectos do eixo 1 – Perspectiva, o sujeito PIC realiza uma movimentação exotópica e endereça sua fala agora não só para a pesquisadora, mas também para sua equipe e perspectiva a sua ação a partir de uma posição diferente da posição ocupada na entrevista individual (Eu-piloto).

Agora o sujeito PIC perspectiva sua ação a partir de outra posição em uma situação coletiva que denominamos Eu-tripulação.

Aspectos da ambivalência (eixo 2) aparecem na fala “Aí eu pensei... A gente usou todo recurso e agora vai só monitorar e deixar os caras fazerem o que quiserem” onde parecem coexistir sentimentos de dúvida, impotência e frustração.

O eixo 3 – Temporalidade se presentifica nas significações relativas à indeterminação do futuro que aparece fortemente quando o sujeito refere que foi o momento “de ficar sem saber o que fazer”. Este ficar sem saber o que fazer aparece intimamente ligado à dimensão material caracterizada no eixo 4 – Uso de instrumentos, pois essa tensão estava sendo provocada também pela iminência de que as munições acabassem como referido pelo sujeito “A gente usou todo recurso e agora vai só monitorar e deixar os caras fazerem o que quiserem”.

Os próximos trechos de fala se referem às respostas dos sujeitos quando perguntados se sentiram satisfação ou prazer em algum momento da experiência ora reconstruída na entrevista.

PESQUISADORA: Durante todo esse tempo que durou a ocorrência houve algum momento de satisfação ou de prazer?

PIC: Para mim teve.

OAT1: Para mim teve também. Assim, não de sadismo, totalmente contrário... Eu tive a satisfação do reconhecimento do pessoal na hora é melhor do que qualquer coisa. E depois eu tive o privilégio de, numa missão no litoral, daquelas só preventivas, aí chegou o pessoal da polícia civil e falou “Olha, foram vocês que estavam naquela ocorrência da ‘cidade X’?”. Aí essa policial chegou pra gente e pediu muito obrigado por a gente ter ajudado os amigos dela e que graças a Deus a gente tava lá. Foi um momento de muita satisfação.

A resposta do sujeito OAT1 dentro dos aspectos do eixo 1- Perspectiva traz a questão valorativa do reconhecimento e da perspectivação da audiência quando refere que “Eu tive a satisfação do reconhecimento do pessoal na hora é melhor do que qualquer coisa”. A dimensão afetiva valorativa da ação intimamente ligada ao reconhecimento aparece o tempo inteiro também nas respostas dos outros sujeitos quando indagados sobre os momentos de prazer e satisfação na experiência.

PIC: Para mim foram dois. O momento que o cara sai da casa e que a gente assistiu ele atirando contra o policial e vai conferir por cima do muro, pois o policial estava atrás do muro, e ele por cima ((imita o gesto do suspeito atirando)) sem olhar atirando. A gente assistiu isso. E quando OAT1 acertou ele eu senti satisfação sim.

Para analisar este trecho de fala do sujeito PIC faremos alusão à fala dele quando lhe foi feita esta mesma pergunta (Durante todo esse tempo que durou a ocorrência houve

algum momento de satisfação ou de prazer?) na situação de entrevista individual. Pois, mais uma vez há um acréscimo da fala do sujeito quando colocado na situação de grupo. Na situação de pesquisa individual, o Eu-Piloto refere que o seu momento de prazer e satisfação foi o pouso “depois da ocorrência quando a gente viu que realmente tinha dado tudo certo e que a aeronave não tinha sido atingida, o pessoal tava tudo bem”.

Mais uma vez identificamos aspectos do eixo 1 – Perspectiva, onde o sujeito PIC endereça sua fala não só para a pesquisadora, mas também para sua equipe e perspectiva a sua ação a partir da posição Eu-tripulação. E, apesar de inicialmente falar que teve dois momentos no trecho “para mim, foram dois”, ele descreve apenas um desses dois momentos na fala “E quando OAT1 acertou ele eu senti satisfação sim”, dando a entender que o outro momento foi justamente quando percebeu que tinha dado tudo certo como referiu na posição Eu-Piloto da entrevista individual.

O trecho de fala seguinte é do sujeito SIC e também traz a dimensão afetiva valorativa do reconhecimento como importante balizadora da ação.

SIC: Satisfação? Na hora do pouso que tava todo mundo ovacionando a gente, todo mundo foi unânime em agradecer a presença da gente. A cidade inteira tava aplaudindo a gente. Todos reconheceram a nossa importância ali para evitar uma tragédia.

O eixo 1 – Perspectiva se revela na fala “Todos reconheceram a nossa importância ali para evitar uma tragédia” onde o sujeito PIC perspectiva a audiência e imprime valor à sua ação que referiu ser importante para evitar uma tragédia. O próximo trecho de fala do sujeito OAT2 é uma continuação acerca do mesmo tema (se houve ou não momentos de prazer e satisfação durante a experiência).

OAT2: O meu prazer, primeiramente, foi ter dado tudo certo. Ter um resultado positivo. Isso foi extraordinário. Mas, assim, na ocorrência meu prazer foi ter ajudado. Queria também estar no tiro, mas por falta de recurso não foi possível atirar. Meu prazer também foi jogar uma granada lacrimogênia de forma bem certa. Na hora que eu joguei a granada e deu certo para mim também foi um prazer.

Neste trecho, o sujeito OAT2 refere que o seu prazer foi “jogar uma granada lacrimogênia de forma bem certa” já que não foi possível participar também do tiro por falta de recurso (eixo 4 – Uso de materiais). No enunciado do sujeito OAT2, semelhantemente ao que foi dito pelo sujeito PIC ao referir que sentiu satisfação quando o suspeito foi acertado por um integrante da equipe, o prazer tem o significante de acertar o alvo.

A perspectivação da audiência e a avaliação dos resultados de sua própria ação enquanto audiência de si próprio, presentes nas falas “ter um resultado positivo” e “ter ajudado” se situam no eixo 1 – Perspectiva.

A próxima passagem que fala do risco e da segurança alude à dualidade preservar a vida / arriscar a vida presente em todos os momentos da experiência.

PESQUISADORA: Então, o juramento de “mesmo com o risco da própria vida” e as regras de segurança de voo em algum momento se opõem?

PIC: Eu acho que se fundem. A equipe quer atender à ocorrência e termina esquecendo tudo aquilo que naquele momento entraria em choque. E utiliza a ferramenta (helicóptero) para atender a ocorrência. Se você for parar para pensar em todos os parâmetros, você não faz a ocorrência.

A fala do sujeito PIC alude que o risco de vida e as regras de segurança de voo “se fundem”, entretanto, a continuação da fala revela que no momento de atender à ocorrência o que “entra em choque” é esquecido. Assim, identificamos nestes trechos aspectos do nosso eixo 2- Ambiguidade e Ambivalência.

A alusão à utilização do helicóptero como ferramenta na fala “E utiliza a ferramenta (helicóptero) para atender a ocorrência” se encaixa no eixo 4 – Uso de instrumentos. O trecho seguinte um melhor entendimento da dualidade acerto / erro que também parecem balizar as ações dos sujeitos.

O fragmento “Se você for parar para pensar em todos os parâmetros, você não faz a ocorrência” nos conduz a recuperar o que Glaveanu (2012) propõe sobre a expertise quando a prática e o conseqüente aumento da expertise contribuem para a prática do ato criativo, pois o hábito conduz à prática, à expertise que por sua vez proporciona mais liberdade para a criação.

PESQUISADORA: Quanto à questão de acertar ou errar, vocês pensam nisso durante a ocorrência?

OAT2: No serviço policial isso é complicado. Você não pode errar. No momento da ocorrência eu pensei se tivesse refém dentro da casa. Graças a Deus deu tudo certo, mas se tivesse dado errado a gente tava excluído.

OAT1: Eu estava efetuando os tiros nos flancos, para conter, para não pegar no telhado porque podia ter pessoas inocentes ali dentro.

O trecho de fala do sujeito OAT2 contém aspectos do eixo 1 – Perspectivação em relação à audiência e os resultados de sua ação. O erro aparece como elemento a ser evitado e que pode custar vidas ou a própria carreira profissional, daí a fala “ No serviço policial isso é complicado. Você não pode errar”. A perspectivação também pode ser verificada quando o sujeito refere que “se tivesse dado errado a gente tava excluído”.

A dualidade acerto/erro aparece como comum entre as situações disciplinares como no nosso contexto de pesquisa e também em escolas, hospitais, sistemas prisionais, sendo esta dualidade também uma refração da realidade dos sujeitos.

Podemos captar um momento de maior tensão e ambivalência (eixo 2) na fala “ No momento da ocorrência eu pensei se tivesse refém dentro da casa”. A fala do sujeito OAT1 também revela a ambivalência: “Eu estava efetuando os tiros nos flancos, para conter, para não pegar no telhado porque podia ter pessoas inocentes ali dentro”.

O próximo trecho traz os enunciados surgidos quando os sujeitos foram perguntados sobre o que mudou para eles depois da experiência vivida.

PESQUISADORA: *O que mudou para cada um de vocês depois dessa experiência?*

OAT2: *Eu cresci muito, ganhei mais conhecimento. Pois, ser polícia é ir para o combate.*

SIC: *A autoconfiança aumentou.*

As respostas dadas pelos sujeitos OAT2 e SIC aludem a um crescimento ou acréscimo de conhecimento e confiança no sentido de ganho de experiência profissional. Já no trecho que continua o diálogo, o sujeito OAT1 novamente faz referência à dimensão afetiva valorativa do reconhecimento por parte dos amigos e parentes (eixo 1 – Perspectiva).

Na sequência seguinte é possível captar um momento de divergência nas negociações de sentido entre os sujeitos OAT1 e SIC.

OAT1: *O reconhecimento do que eu fazia perante amigos e parentes. Poder falar que a nossa profissão tem um lado bom. Essa ocorrência levantou(...)*

SIC: *A estima.*

OAT1: *Não. Não a estima, porque eu sempre vivi muito bem com o que eu sou e com o que eu acho que eu sou. Mas, o reconhecimento de um trabalho feito é muito importante porque a profissão da gente é muito castigada pela sociedade.*

O sujeito OAT1 tenta encontrar uma palavra para completar fala “Essa ocorrência levantou...” e inicia uma pausa reticente. Neste momento, o sujeito SIC completa a fala iniciada pelo sujeito OAT1 com a palavra “estima”. OAT1 discorda e explica que não queria falar de estima, pois “sempre viveu muito bem com o que é e com o que acha que é”.

Entendemos que houve uma ambiguidade (eixo 2) no fragmento “Essa ocorrência levantou (...)” quando o sujeito OAT1 ainda estava elaborando a sua fala e o sujeito SIC tenta completar o pensamento do OAT1 com “a estima”. Destacamos aqui um outro momento de divergência em meio à predominante convergência de sentidos demonstrada pelo grupo.

O trecho seguinte é uma continuação do diálogo anterior sobre as mudanças que os sujeitos identificam em si próprios após a experiência onde novamente se mostra presente a dimensão do reconhecimento.

PIC: *Na minha opinião, a gente mudou depois dessa ocorrência. Isso tem que ser lembrado e usado para fazer treinamento porque pode acontecer de novo.*

OAT1: *Quando o falcão voltou para o ninho e já estava aqui na parte dos hangares, estava a equipe que tava de ordinário (serviço) no dia eles estavam de continência. Eu achei isso arregrado.*

PIC: *Isso vale mais que qualquer papel.*

OAT1: *A ação da gente chegou na senhora (PESQUISADORA). A prova é isso aqui. E elevou a moral de todos na unidade.*

OAT2: *A gente foi separado para isso mesmo.*

PESQUISADORA: *Quero parabenizar pela ocorrência e agradecer a contribuição de vocês para com o estudo.*

PIC: *A gente é que agradece. Isso também não deixa de ser uma homenagem.*

O sujeito PIC alude a uma mudança em si próprio e também perspectiva essa mudança nos outros integrantes da equipe (eixo 1 – Perspectiva). Na fala que se segue, o sujeito OAT1 utiliza a metáfora corriqueira no grupamento aéreo “quando o falcão voltou para o ninho” para se referir ao momento em que os retornaram com a aeronave ao hangar do grupamento aéreo.

O fato de os sujeitos serem recebidos pelo efetivo de serviço em ato de continência, um reconhecido sinal de respeito e deferência, um elogio em forma de gesto onde nenhuma palavra precisa ser dita, é visto pelos sujeitos como algo valioso e que “vale mais que qualquer papel” como refere o sujeito PIC. A fala do sujeito OAT1 “A ação da gente chegou na senhora (PESQUISADORA). A prova é isso aqui. E elevou a moral de todos na unidade.” Revela que própria situação metodológica da pesquisa surgiu como um campo de reconhecimento e um espaço de testemunho daquilo que os sujeitos viveram na solidão do cotidiano.

15 SÍNTESE DOS EIXOS INTERPRETATIVOS EM SUA RELAÇÃO COM O DADO EMPÍRICO

Nesta seção pretendemos retomar os eixos interpretativos e enfatizar os aspectos que se mostraram importantes ao longo da análise dos dados deste estudo. Entendemos que a escolha em adotar os quatro eixos de análise (Perspectiva, Ambiguidade e Ambivalência, Temporalidade e Uso de instrumentos) implica na dificuldade em interpreta-los isoladamente porque eles coexistem de forma dinâmica e entrelaçada no curso da ação.

A Perspectiva, primeiro eixo de análise da ação criativa do piloto policial de helicópteros, buscou reconhecer o trabalho de perspectivação desse sujeito através dos movimentos exotópicos que revelaram as interações entre o ator e a audiência no curso da ação (Actor, Action e Audience).

Buscando dar conta do objetivo de perscrutar o processo de perspectivação criativa implicada na ação do piloto policial de helicópteros através da dinâmica subjetiva de sua experiência, o eixo Perspectiva demonstrou que o processo de perspectivação se constituiu como central no surgimento da novidade, na medida em que os sujeitos, na situação de reconstrução do vivido, evidenciaram em seus enunciados os movimentos exotópicos que realizaram entre as diversas posições (audiências: colegas de equipe, população, Estado, policiais em solo, suspeitos em confronto, amigos, família e outras), aumentando a reflexividade e construindo novas perspectivas sobre o seu curso de ação. O resultado é a emersão do novo e o novo, o artefato, o produto da criatividade no caso deste estudo é a própria ação do sujeito em seus ajustes, modificações e inovações.

O segundo eixo de análise, Ambiguidade e Ambivalência, constituiu uma tentativa de ampliação dos 5As (Glaveanu 2015) com o acréscimo de um eixo referente à linguagem, onde buscou-se destacar as dimensões do enunciado caracterizadas por uma ambivalência mais intensa (aumento da tensão e coexistência de sentimentos distintos) e por ambiguidade (possibilidade do signo significar mais de um sentido simultaneamente).

Este eixo nos revelou que nos momentos de incerteza e indeterminação marcados pelo aumento da tensão e pela incerteza há uma suspensão de sentidos prévios com intensificação da ambiguidade e da ambivalência onde ante ao não saber surgem de um lado a perícia e a técnica e do outro os valores que balizam as decisões dos sujeitos e as suas próximas ações, justamente onde podemos observar a emersão do novo.

Também ficou demonstrado através das interações entre os quatro eixos de análise que a expertise, a técnica e a experiência nas atividades procedurais, como é o caso da

atividade de pilotagem policial de helicópteros abordada neste estudo, não se opõem e nem prejudicam o processo de criação, mas sim contribuem com este, como referido por Glaveanu (2012) em “Habitual Creativity: Revising Habit, Reconceptualizing Creativity”. No caso específico deste estudo, em uma lógica quase que paradoxal, parece-nos que o aumento da tensão e da incerteza cria espaço para que aumente também a expertise e os ganhos, surgindo assim a novidade.

Ainda relativo ao segundo eixo Ambiguidade e Ambivalência, ficou evidente que no curso da ação do sujeito piloto policial de helicópteros e também dos demais sujeitos componentes de sua tripulação há uma espécie de “motor afetivo” que é caracterizado pelos valores que dinamizam o tempo todo, a forma como esses sujeitos enfrentam ou não as situações de risco.

Ainda nos referindo aos valores que o não só o sujeito piloto policial de helicópteros, mas também seus colegas de equipe atribuem à atividade de apoio policial, resgate e salvamento aéreos, e considerando também o endereçamento das ações inerentes a estas atividades (outros policiais em solo e vítimas graves de sinistros diversos) que os sujeitos exercem com orgulho adjetivam com signos como “bonito” e “gratificante”, inferimos que a dimensão axiomática dessa guinada estética da ação é essencial para o funcionamento de grupos que trabalham com situações marcadas pelo risco e pelo confronto.

As análises indicam ainda que a afetividade participa do balizamento da ação do sujeito piloto policial comandante de aeronave e de sua tripulação como um elemento dinâmico, sendo possível observar nos valores aspectos que aludem a uma dinâmica afetivo-semiótica que pretendemos aprofundar em nossos estudos em contextos que envolvem riscos e emergências. Isto porque verificamos que nos contextos caracterizados pelo aumento da tensão e das incertezas, o encontro da técnica e da perícia com a outridade valorativa é condição importante para a emergência do novo, não o novo que é efeito da eventicidade das coisas, mas o novo que configura aquilo que o sujeito cria, inova, modifica ou ajusta na ação.

A Temporalidade, terceiro eixo de nossa análise, se propôs a capturar fragmentos enunciativos indicadores de dilatação ou compressão do tempo subjetivo da experiência (duração). A temporalidade pôde ser verificada também através das significações que aludiram à força da indeterminação do futuro e da própria situação reconstrutiva da experiência proporcionada pelas entrevistas.

Ficou demonstrado que a indeterminação do futuro e a incerteza dilatam o tempo da experiência em termos de sua duração. Isto porque, face à incerteza, verificamos uma sensação de dilatação do tempo geralmente acompanhada de uma inquietação sobre o não saber, ou seja, uma suspensão de significados prévios. E neste ponto encontramos uma importante relação da Temporalidade (terceiro eixo) com o segundo eixo Ambiguidade e Ambivalência, que se intensificam nos momentos que são de indeterminação do futuro e de aumento da tensão, mas que também são de solução para essas demandas.

As relações do eixo 3 – Temporalidade com o eixo 1 – Perspectiva também ficaram claras quando os sujeitos recorriam às experiências anteriores para diante da demanda presente marcada muitas vezes pela incerteza e pela indeterminação do futuro, perspectivaram o futuro e a audiência para tomarem decisões e adotarem ações, momentos em que emergiram o novo. Os achados deste estudo coadunam com o que propõe Glaveanu (2015) ao afirmar que presente, passado e futuro estão dinamicamente interligados na ação criativa que é historicamente orientada para o futuro.

O quarto eixo de análise, Uso de Instrumentos, tentou captar na fala dos sujeitos participantes aspectos que aludissem às affordances da materialidade semiotizada na experiência ampliando ou restringindo o campo da ação. Este eixo se mostrou muito importante no processo de criação dos sujeitos deste estudo e apareceu o tempo inteiro entrelaçado aos demais eixos de análise, principalmente os eixos Perspectiva e Temporalidade.

A relação do quarto eixo (Uso de Instrumentos) com o primeiro eixo (Perspectiva) se evidencia quando, diante do horizonte de possibilidades que se apresentava diante dos sujeitos a todo instante da ação, os aspectos das affordances da materialidade semiotizada ora ampliaram o campo da ação, como no exemplo em que a aeronave possibilitou maior sucesso no acesso a um terreno de difícil progressão por solo (pg. 70), e ora restringiram esse campo como nas referências enunciativas dos sujeitos ao pôr do sol e à necessidade de economizar a munição que tinham a bordo da aeronave (pg.68).

As relações com a temporalidade (terceiro eixo) se deram principalmente nos momentos em que as situações referidas no parágrafo anterior (mobilidade da aeronave, pôr do sol e necessidade de economia dos materiais) se relacionaram diretamente com o tempo cronológico de duração da experiência e com a sensação de dilatação desse tempo nos momentos de maior tensão e imprevisibilidade com aumento da ambiguidade e da ambivalência com suspensão dos sentidos prévios, onde encontramos relação do quarto eixo (Uso de Instrumentos) com o segundo eixo (Ambiguidade e Ambivalência).

Em relação às principais dualidades identificadas (apoio/confronto ou observação/confronto, avançar/recuar, certo/errado, preservar a vida/arriscar a vida, real/normal) percebemos que estas não apenas balizam as ações dos sujeitos e se transformam ao longo da ação, mas aparecem também como refrações da realidade. Podemos retomar o exemplo da dualidade apoio/confronto que aparece também como observação/confronto denotando que algumas vezes o apoio é significado como observar, mas em outros momentos o confronto com os suspeitos é também significado como ação de apoio aos policiais em solo. Observamos um deslizamento de significados e presenciamos que essas transformações se mostram importantes para o ato criativo do piloto policial de helicópteros. Estas questões demandam um aprofundamento da pesquisa e dos estudos etnográficos que não foi possível alcançar devido à limitação temporal de uma pesquisa de mestrado.

16 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Concluindo o presente trabalho de pesquisa que se propôs a investigar os processos criativos na pilotagem policial de helicópteros, um contexto laboral altamente procedural e prescritivo que se mostrou marcadamente caracterizado pelo risco, pela imprevisibilidade e por uma dimensão afetivo-semiótica balizadora da ação dos sujeitos, passamos a empreender algumas reflexões sobre as contribuições desta pesquisa para os estudos da criatividade, as suas limitações e necessidades de ampliação.

Ao desenvolver uma pesquisa sobre criatividade em um contexto laboral fora do campo das artes, no cotidiano de um piloto policial de helicópteros, verificamos que os momentos de aumento de tensão e incerteza são acompanhados de uma ampliação da sensação de dilatação do tempo e de uma suspensão de sentidos prévios e, ante ao não saber, a expertise se encontra com a outridade valorativa que baliza as decisões e as próximas ações. Foi justamente neste contexto que a dimensão afetiva valorativa se mostrou muito importante para a emergência do novo, não o novo que é consequência da eventicidade, mas o novo que surge daquilo que o sujeito modifica, inova ou ajusta na ação.

Entendemos que o estudo da criatividade neste contexto específico se constitui em uma contribuição teórica importante não só para os estudos da psicologia dos processos criativos dialógica e cultural semiótica, mas também para a psicologia da aviação, campo com que esta pesquisa dialoga diretamente e pode contribuir com uma nova concepção de criatividade que implicaria em uma nova concepção de sujeito e, conseqüentemente, uma nova concepção de capacidade.

A pesquisa fora do contexto das artes demandou uma ampliação do método desenvolvido por Glaveanu (2015), onde acrescentamos um o momento de entrevista coletiva com a equipe de trabalho do sujeito piloto policial de helicópteros e um eixo de análise que tentou destacar dimensões do enunciado caracterizadas por uma intensificação da ambivalência e da ambigüidade. Esta ampliação nos permitiu observar que, ao contrário do que geralmente ocorre no contexto das artes, a convergência de sentidos parece predominar neste grupo de trabalho em contexto de risco e emergência.

A dinâmica afetiva valorativa constituiu um desafio desta pesquisa e se mostrou como balizadora das ações tanto do piloto policial de helicópteros e sua tripulação, inclusive moldando a forma como eles enfrentam o risco ou não. Desta forma, se fazem necessários estudos de ampliação e aprofundamento sobre os conteúdos afetivos

valorativos e o contexto extra verbal que não foram possíveis devido à limitação temporal de uma pesquisa de mestrado, mas que pretendemos empreender na pesquisa do doutorado.

REFERÊNCIAS

- ABBAGNANO, N. **Dicionário de Filosofia**. São Paulo: Martins Fontes, 1998.
- ABIB, José Antônio Damásio. Teoria social e dialógica do sujeito. **Psicologia: Teoria e Prática** – 7(1): 97-106, 2005.
- ÁLVARO, J. L.; GARRIDO, A. **Psicologia Social: Perspectivas Psicológicas e Sociológicas**. Tradução Miguel Cabrera Fernandes. São Paulo: Artmed, 2017.
- BAKHTIN, M. **Estética da Criação Verbal**. Introdução e tradução do russo Paulo Bezerra; prefácio à edição francesa Tzvetan Todorov. 6ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011.
- _____. **Os Gêneros do Discurso**. Organização, tradução, posfácio e notas Paulo Bezerra; 1ª. Edição – 2016 (1ª. Reimpressão 2017). São Paulo: Martins Fontes, 2017.
- BRAIT, B. **Bakhtin Conceitos Chaves**. São Paulo: Contexto, 2016.
- COLE, M. **Psicologia sócio-histórico-cultural: algumas considerações gerais e uma proposta para um novo tipo de metodologia genético-cultural**. In: WERTSCH, J.; DEL RIO, P.; ALVAREZ, A. **Estudos socioculturais da mente**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.
- CORNEJO, Carlos. Contrasting Vygotsky's and Bakhtin's approaches to consciousness. Pontificia Universidad Católica de Chile, Chile. **Culture & Psychology** 18(1) 109–120, 2012.
- CORRÊA, G.T.; RIBEIRO, V.M.B. Dialogue with Bakhtin: some contributions to the understanding of verbal interactions in the health field. **Interface - Comunic., Saude, Educ.**, v.16, n.41, p.331-41, 2012.
- FARACO, C.A. **Linguagem & Diálogo: As ideias do círculo de Bakhtin**. São Paulo: 2009.
- FILHO, U. C.; TORGA, V. L. M. **Língua, discurso, texto, dialogismo e sujeito: Compreendendo os gêneros discursivos na concepção dialógica, sócio-histórica e ideológica da língua(gem)**. I Congresso Nacional de Estudos Linguísticos. Vitória-ES: 2011.
- FREITAS, M. T. A. **A abordagem sócio-histórica como orientadora da pesquisa qualitativa**. Cadernos de Pesquisa, São Paulo, n. 116, 2002. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=s0100-15742002000200002&script=sci_arttext. Acesso em: 28 out. 2017.
- _____. **Vygotsky e Bakhtin Psicologia e Educação: um intertexto**. 2a edição, São Paulo: Editora Ática, 1995.
- GLĂVEANU, V. P. Creative as a sociocultural act. **The Journal for the Theory of Social Behavior**, v. 49, n. 3, p. 165-180, jun. 2015.

_____. Paradigms in the study of creativity: introducing the perspective of cultural psychology. **LSE Research Online. New Ideas in Psychology**, v. 28, n. 1, p. 79-93, 2010. Disponível em: [http://eprints.lse.ac.uk/29334/1/Paradigms_in_the_study_of_creativity_\(LSERO_version\).pdf](http://eprints.lse.ac.uk/29334/1/Paradigms_in_the_study_of_creativity_(LSERO_version).pdf). Acesso em: 26 set. 2018.

_____. What Can be Done with an Egg? Creativity, Material Objects, and the Theory of Affordances. **The Journal of Creative Behavior**, v. 46, n. 3, p. 192–208, 2012.

_____. The Cultural genesis of creativity: An emerging paradigm. **Revista de Psihologie Sclorã**, v. 2, n. 4, p. 50-63, 2009. Disponível em <<http://www.inter-disciplinary.net/ati/education/cp/ce4/Glaveanu%20paper.pdf>>. Acesso em: 07 mai. 2018.

_____. **Thinking Through Creativity and Culture: Toward an Integrated Model**. Transaction Publishers, 2014.

GÓES, M. C. R. (2000). **A abordagem microgenética na matriz histórico-cultural: uma perspectiva para o estudo da constituição da subjetividade**. Cadernos Cedes, ano XX, n. 50, p. 9-25.

GUIMARÃES, D. S. **Articulações e implicações da noção de perspectiva no construtivismo semiótico-cultural para a compreensão das relações eu - outro: possível diálogo com o perspectivismo ameríndio**. 2010. Tese (Doutorado em Psicologia) – Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo.

HELMREICH, R.L. **Error management as organizational strategy**. In: **Proceedings of the IATA Human Factors Seminar**. Bangkok, Thailand, p. 1-7, 1998.

INTERNACIONAL CIVIL AVIATION ORGANIZATION. *Safety Management Manual*. 3ª Edição.

MATUSOV, E. **Irreconcilable differences in Vygotsky's and Bakhtin's approaches to the social and the individual: An educational perspective**. Culture & Psychology 17(I) 99-119, Sage, 2011.

MAURINO, D. E. Foreword. In: JOHNSTON, N; MCDONALD, N. & FULLER, R. (Eds.) **Aviation psychology in practice**. Aldershot: Ashgate Publishing Limited, 1994.

MEIRA, Luciano. **Análise microgenética e videografia: ferramentas de pesquisa em psicologia cognitiva**. Temas psicol., Ribeirão Preto, v. 2, n. 3, p. 59-71, dez. 1994. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-389X1994000300007&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 16 maio 2018.

MOLON, S. I. Questões metodológicas de pesquisa na abordagem sócio-histórica. **Informática na Educação: teoria & prática**. Porto Alegre, v. 11, n. 1, 2008. Disponível em: <http://www.seer.ufrgs.br/InfEducTeoriaPratica/article/viewFile/7132/4884>. Acesso em: 26 set. 2016.

_____. Subjetividade e constituição do sujeito em Vygotsky. **III Conferência de Pesquisa Sócio-cultural**. Campinas, p. 16-20, 2000. Disponível em: <https://www.fe.unicamp.br/br2000/trabs/2330.doc>. Acesso em: 28 jul. 2016.

MOREIRA, S. L. B. **Fatores humanos e modelos conceituais**. In: Pereira, Maria da Conceição; Selma Leal de Oliveira (Orgs.). Os vãos da psicologia no Brasil: estudos e práticas na aviação. Rio de Janeiro: NuICAF. p. 27, 2001.

NEVES-PEREIRA, M.S. & BRANCO, A. U. **Criatividade na educação infantil: Contribuições da Psicologia Cultural para a investigação de concepções e práticas de educadores**. Estudos de Psicologia, 20 (3), julho a setembro de 2015, 161-172.

PALANG, H. **Atmosphere and the sense of place**. Trabalho apresentado no WINETASTING SEMINAR: Atmosphere as a Sign. 2., 2017. Aalborg: Aalborg Universitet. Disponível em: <http://www.communication.aau.dk/research/dihm/events/show/winetasting-seminar--atmosphere-as-a-sign.cid330404> e <https://translate.google.com.br/translate?hl=pt-BR&sl=en&tl=pt&u=http%3A%2F%2Fwww.kommunikation.aau.dk%2Farrangementer%2Farrangement%2Fwinetasting-seminar--atmosphere-as-a-sign.cid330404&anno=2&sandbox=1>. Acesso em: 18 set. 2018.

PINHEIRO, M.; LEITÃO, S. Bakhtin e a “vida dos outros”. Fortaleza: **Revista Subjetividades**, v. 10, n. 1, 2010. Disponível em: <http://ojs.unifor.br/index.php/rmes/article/view/4917>. Acesso em: 10 mai. 2018.

PIRES, V. L.; SOBRAL, A. **Implicações do estatuto ontológico do sujeito na teoria discursiva do Círculo Bakhtin, Medvedev, Voloshinov**. Bakhtiniana, São Paulo, v. 8, n. 1, 2013.

REGO, T. C. **Vygotsky: uma perspectiva histórico-cultural da educação**. 25. Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

RIBEIRO, S. L. O. **Psicologia no contexto da aviação: Breve retrospectiva**. Revista Conexão SIPAER, v. 1, n. 1, 2009.

RIOS. Elaine Nardotto. **Bakhtin e Vigotski: Reflexões sobre o ensino da língua materna**. APRENDER - Cad. de Filosofia e Psic. da Educação, Vitória da Conquista Ano IV n. 7 p. 67-88 2006.

SAMPSON, A. Que es la Psicología Cultural. **Revista Colombiana de Psicología**. 9 (1), 23-31, 2000.

SCHEIN, Edgar H. **Guia de sobrevivência da cultura corporativa**. Rio de Janeiro: JosÉ Olympio, 2001.

SCHMITZ, H. **Presentation of Hermann Schmitz' paper, “Atmospheric Spaces”**. In Ambientes Environnement Sensible architecture et espace urbain Redécouvertes, 2016.

SCORSOLINI-COMIN, Fabio; SANTOS, Manoel Antônio dos. **Bakhtin e os processos de desenvolvimento humano**. Rev. bras. crescimento desenvolv. hum., São Paulo, v. 20, n. 3, p. 745-756, 2010. Disponível em http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010412822010000300009&lng=pt&nrm=iso. acessos em 07 fev. 2019.

VALSINER, J. **Culture and human development: An introduction**. London: Sage, 2000.

_____. **Culture in minds and societies.** New Delhi: Sage, 2007.

_____. **Fundamentos da Psicologia Cultural: mundos da mente, mundos da vida.** Tradução e revisão: Ana Cecília de Souza Bastos. Porto Alegre: Artmed, 2012.

VALSINER, J. **The guided mind.** Cambridge, MA: Harvard University Press, 1998.

VYGOTSKY, L. S. **A formação social da mente.** Organizadores: Michael Cole, Vera John-Steiner, Sylvia Scribner, Ellen Souberman; Tradução: José Cipolla Neto, Luis Silveira Menna Barreto, Solange Castro Afeche. São Paulo: Livraria Martins Fontes Editora Ltda. 7ª edição, 2007.

_____. **A imaginação e a arte na infância.** Tradução (a partir do castelhano): Miguel Serras Pereira; Revisão de texto: Célia Louro. Lisboa: Relógio D'Água Editores, 2009.

_____. **Pensamento e linguagem.** Tradução: Jefferson Luiz Camargo; Revisão técnica: José Cipolla Neto. São Paulo: Martins Fontes. 2ª edição, 1998.

_____. **A Construção Pensamento e Linguagem.** São Paulo: Martins Fontes, 2000.

_____. **Teoria e método em psicologia.** São Paulo: Martins Fontes, 1996.

_____. **Thinking and speech.** Em, R. Rieber and A. Carton (Orgs.) *The Collected Works of L.S. Vygotsky.* New York, Plénum, 1987.

WERTSCH, J. V. **Voices of the mind: a sociocultural approach to mediated action.** United States of America: Harvard, 1991.

APÊNDICE A – Roteiro da Entrevista Individual com o Piloto Comandante da Aeronave

- 1) Como você veio a se tornar um piloto policial e há quanto tempo você exerce esta profissão?
- 2) Para você, o que é mais importante numa operação aérea policial?
- 3) Como você vivenciou esta ocorrência (vídeo)? O que sentiu? O que pensou?
- 4) Em sua opinião, qual foi o momento mais desafiador desta ocorrência? Por quê?
- 5) Em sua opinião qual foi o momento mais prazeroso ou gratificante desta ocorrência? Por quê?
- 6) O que você sente/pensa assistindo este vídeo da ocorrência?
- 7) Em algum momento você sentiu medo de errar? O que você pensa sobre isto?
- 8) Que aspectos você mais considera enquanto está em ação na pilotagem policial?
- 9) Você sente em algum momento que a doutrina policial se opõe às normas e regulamentos de voo? Se sim, em que momentos? Quais são os pensamentos mais comuns na hora de decidir sobre isto?
- 10) Como você se sente em relação aos demais tripulantes nas suas decisões e ações em voo? Como você descreveria o clima deste voo?
- 11) Você já se sentiu influenciado em voo pelas decisões gerenciais tomadas no âmbito da sua unidade? O que você pensa sobre isso?
- 12) Qual foi o seu voo de ocorrência mais difícil? Por quê?
- 13) Você já se sentiu influenciado em suas ações de voo por acontecimentos que se deram em solo? Como sentiu isso? O que pensou?
- 14) Por ser um comandante de aeronave, suas ações, comportamentos e palavras podem influenciar seus colegas de trabalho em solo e durante os voos? O que você pensa sobre isso? Como se sente a respeito?
- 15) Que emoções/sentimentos você experimentou durante esta ocorrência que assistimos no vídeo? Consegue identificar em que momentos experimentou tais sentimentos/emoções?
- 16) Que emoções/sentimentos você costuma experimentar durante os voos policiais?

APÊNDICE B – Roteiro da Entrevista Coletiva com a Tripulação

- 1) Há quanto tempo vocês estão trabalhando juntos como equipe?
- 2) Já fizeram juntos alguma outra ocorrência importante ou que mereça ser destacada?
- 3) Como começou aquele dia de serviço?
- 4) Como acontece a comunicação entre vocês?
- 5) Como vocês vivenciaram esta ocorrência (vídeo)? O que sentiram? O que pensaram?
- 6) Qual foi o momento mais desafiador desta ocorrência para cada um de vocês? Por quê?
- 7) Durante a ocorrência aconteceu algum momento gratificante ou de prazer?
- 8) Houve uma divisão de tarefas durante esse voo, em especial no momento do confronto armado? Se sim, em que se baseia essa divisão? Como foi feita?
- 9) Vocês sentiram em algum momento algum tipo de conflito, antagonismo ou choque entre as regras de segurança de voo e a missão policial militar que estabelece o cumprimento da missão “mesmo com o risco da própria vida”?
- 10) Em um determinado momento do vídeo podemos ouvir a expressão “É agora! É agora!”. Lembram-se desse momento? O que pensaram/sentiram?
- 11) Para vocês o que é mais importante numa ocorrência policial como essa que vocês fizeram?
- 12) Em algum momento sentiram medo? Se sim, de quê?
- 13) O perfil do comandante da aeronave ou o tipo de relacionamento que a tripulação tem com este comandante pode influenciar as ações dos demais tripulantes?
- 14) Que emoções/sentimentos vocês experimentaram durante esta ocorrência que assistimos no vídeo? Vocês conseguem identificar em que momentos experimentaram tais sentimentos/emoções?
- 15) Que emoções/sentimentos vocês costumam experimentar durante os voos policiais?
- 16) Em que essa ocorrência foi diferente? Algo mudou para vocês depois dessa experiência? Se sim, o quê?
- 17) No vídeo vozes de populares dizem “É muita coragem!”. O que vocês sentem ao ver esse vídeo?
- 18) O que você modificaria no que foi feito pela equipe?